



**UFRRJ INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Exame de Defesa de Mestrado

**Poder e adaptações culturais nas crônicas de Fernando de Alva
Ixtlilxóchtil: a legitimação social e política das elites indígenas de
Texcoco (final do século XVI e início do XVII)**

Dayane Menezes de Oliveira Pereira

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPHR)

**PODER E ADAPTAÇÕES CULTURAIS NAS CRÔNICAS DE FERNANDO DE
ALVA IXTLILXÓCHITL: A LEGITIMAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DAS ELITES
INDÍGENAS DE TEXCOCO (FINAL DO SÉCULO XVI E INÍCIO DO XVII)**

DAYANE MENEZES DE OLIVEIRA PEREIRA

Sob a Orientação da Professora

PATRICIA SOUZA DE FARIA

e Coorientação da Professora

GLÁUCIA CRISTIANI MONTORO

Dissertação submetida como requisito para obtenção do grau de **Mestra**, no Curso de Pós-graduação em História, Área de Concentração em Relações de Poder e Cultura.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P436p

Pereira, Dayane Menezes de Oliveira,, 1990-
Poder e adaptações culturais nas crônicas de
Fernando de Alva Ixtlilxóchtil: a legitimação social e
política da indígenas de Texcoco (final do século XVI e
início do XVII) / Dayane Menezes de Oliveira, Pereira.
- 2018.
116 f.

Orientadora: Patrícia Souza de Faria.
Coorientadora: Glúcia Cristiani Montoro.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em História,
2018.

1. Nova Espanha - Direitos das Elites Indígenas -
Final do Século XVI e início do XVII. 2. Crônicas de
Fernando de Alva Ixtlilxóchtil. 3. Elites Indígenas de
Texcoco - disputa de poder. 4. História da América
Colonial. I. Faria, Patrícia Souza de, 1971-, orient.
II. Montoro, Glúcia Cristiani, 1971-, coorient. III
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós
Graduação em História. IV. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – Mestrado e
DOUTORADO

DAYANE MENEZES DE OLIVEIRA PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/11/2018

Banca Examinadora:


Professora Doutora PATRÍCIA SOUZA DE FARIA
(Presidente e orientadora)


Doutor (a) LUIZ GUILHERME DE ASSIS KALIL - UFRRJ


Doutor (a) ELIANE GARCINDO DE SÁ - UERJ

Dedicatória

*Dedico esta dissertação ao meu Deus, ao meu marido-Jeferson Wiliam,
filho- Bernardo de Oliveira e aos meus pais- Divaldo e Neuza.*

AGRADECIMENTOS

Neste espaço da pesquisa quero discorrer sobre a minha gratidão para aqueles que me auxiliaram para o término deste projeto, pessoas que foram fundamentais para a construção desta dissertação e estiveram presentes nos momentos de angústias, dificuldades e descoberta de conhecimento durante o decorrer do desenvolvimento desta dissertação. Nessa direção, venho agradecer nos seguintes parágrafos.

Meus pais, Divaldo e Neuza, aqueles que me geraram, criaram e sempre lembraram a importância do estudo e do aprendizado na vida de um ser humano. Seus esforços por me possibilitar obter o melhor conhecimento e conquistar, entrar e concluir o grau de Mestre.

Ao meu marido, Jeferson Wiliam que muitas vezes retirou seu tempo de lazer ou de descanso para que pudesse ter como estudar, pesquisar e realizar a pesquisa. Por toda a sua ajuda em me ensinar o inglês e incentivo para o término da dissertação.

Ao meu filho, Bernardo, aquele que se tornou o fundamento de minhas forças para finalizar a pesquisa, pois, quero deixar o melhor legado de sua vida, a busca pelo conhecimento e a importância da pesquisa.

A minha orientadora Dr^a Patrícia de Souza Faria, por toda dedicação e calma para me ensinar e auxiliar nos melhores caminhos para a “condução” da dissertação. Toda sua ética e compromisso para com a pesquisa e também por me mostrar um conhecimento mais abrangente sobre o campo da pesquisa da História que envolve as crônicas e a América Colonial.

A minha coorientadora Dr^a Gláucia Cristiani Montoro, aquela que me inspirou a estudar através dos livros a História da Nova Espanha, ainda quando estava na graduação, que me incentivou a entrar num projeto de pesquisa o PROIC – o que ampliou o meu conhecimento sobre a História Indígena no período colonial e que principalmente me motivou a continuar adquirir conhecimento ao continuar com o andamento e aprofundamento da pesquisa do Mestrado.

Ao meu prof. Dr. Ricardo de Oliveira (*In memoriam*), aquele que sempre pude pedir ajuda e auxílio nos momentos de dúvida e sempre argumentava que deveria continuar a estudar e procurar em outros textos que conhecia uma forma a mais para “enriquecer” os temas abordados na dissertação.

Por fim, agradeço aos demais professores da graduação e pós da UFRRJ que por meios de seus conhecimentos e sabedoria se tornaram fundamentais para a construção de meus conhecimentos.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar como o cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl (1578-1580) elaborou seus escritos sobre o poder social e político de seus antepassados, as elites indígenas (os acolhuas de Texcoco), visando proteger seus direitos e privilégios durante o final do século XVI e início do XVII na região da Nova Espanha. Consideramos que esses textos, elaborados por Ixtlilxóchitl, apresentam as histórias sobre as elites indígenas de Texcoco, por intermédio de uma escrita peculiar ao utilizar alguns modelos de escrita europeu, como uma cronologia com base na mentalidade cristã.

Estudiosos afirmam que Ixtlilxóchitl apresenta os membros das elites indígenas de Texcoco como aqueles que possuíam as características mais excepcionais – de acordo com a visão da cultura europeia – em comparação com os demais grupos étnicos locais. Em seus textos, Ixtlilxóchitl ressalta o poder social e político que essas elites indígenas de Texcoco tiveram nos tempos pré-hispânicos, principalmente.

Ixtlilxóchitl destacou as diferenciações sociais e políticas que existiam entre as elites indígenas e os membros comuns dos altepeme. Contudo, as tradicionais formas de diferenciação social e política passavam por transformações no contexto histórico vivido pelo cronista, quando ocorreram diversas mudanças administrativas na região da Nova Espanha que, por exemplo, diminuiriam os privilégios das elites indígenas, por permitir que os membros comuns da sociedade pudessem ter acesso a cargos e privilégios que antes eram ocupados apenas por tais elites.

Portanto, os textos desenvolvidos por Ixtlilxóchitl narram a trajetória das elites indígenas de Texcoco e preservam informações fundamentais para a comprovação e preservação dos direitos que as elites indígenas detinham desde os tempos pré-colombianos, como no caso da própria família de Ixtlilxóchitl, que tinha privilégios devido ao acesso do Cacicazgo de San Juan Teotihuacan.

Palavra chave: Crônicas, Ixtlilxóchitl e Nova Espanha

ABSTRACT

The objective of this investigation is to analyze how the chronicler, Fernando de Alva Ixtlilxochitl (1578-1580), elaborated his writings on the social and political power of his ancestors, the indigenous elites (the acolhuas of Texcoco), in order to protect their rights and privileges during the late 16th and early 17th centuries in New Spain. We consider that the texts written by Ixtlilxochitl present the histories of the indigenous elites of Texcoco follow some models of European writing, as a chronology based on the Christian thoughts.

Scholars assert that Ixtlilxochitl describes members of the indigenous elites of Texcoco as having the most exceptional characteristics – according to the vision of European culture – in comparison with other local ethnic groups. In his writings, Ixtlilxochitl emphasizes the social and political power that these indigenous elites of Texcoco had in pre-Hispanic times especially.

Ixtlilxochitl highlights the social and political differentiations that existed between the indigenous elites and the common members of the “altepeme”. However, the traditional forms of social and political differentiation were undergoing changes in the historical context lived by the chronicler, when several administrative changes occurred in New Spain, for example, that would diminish the privileges of the indigenous elites, for allowing the common members of society to have access to positions and privileges that were once occupied only by such elites.

Therefore, the texts developed by Ixtlilxochitl narrate the trajectory of the indigenous elites of Texcoco and preserve fundamental information for the proof and protection of the rights that the indigenous elites had held since the pre-Columbian era, as in the case of the Ixtlilxochitl family itself, which had privileges due to access to the position of “San Juan Teotihuacan Cacicazgo”.

Keywords: chronic, Ixtlilxóchitl, New Spain.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1.1-O poder político e social das elites indígenas no período pré-hispânico	12
1.2-O impacto da conquista espanhola sobre as estruturas sociais das elites indígenas no México Central	16
1.3- Direitos das elites indígenas na Nova Espanha - séculos XVI e XVII	20
1.4- Cronistas indígenas da Nova Espanha: Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, Chimalpahin e Tezozómoc	28
CAPÍTULO II – CRÔNICAS NATIVAS DO MÉXICO CENTRAL: ESCRITA, AFIRMAÇÃO E RETÓRICA DAS ELITES INDÍGENAS	33
2.1- Modelos, gêneros e escrita das crônicas indígenas na Nova Espanha	33
2.2- As estratégias de fortalecimento dos discursos indígenas perante o poder espanhol	41
2.3- A construção da legitimidade em escritos de cronistas indígenas (séculos XVI e XVII)	44
2.4- Os documentos escritos por Ixtlilxóchitl na perspectiva de historiadores e pesquisadores do século XX	50
CAPÍTULO III – FERNANDO DE ALVA IXTLILXÓCHITL E SUAS CRÔNICAS: A LEGITIMAÇÃO E REAFIRMAÇÃO DO PODER SOCIAL E POLÍTICO DAS ELITES INDÍGENAS DE TEXCOCO	56
Crônicas de Ixtlilxóchitl: A reafirmação de uma etnia	57
- Crônica: Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en la Nueva España	57
- Crônica: Relación Sucinta.....	61
- Crônicas de Ixtlilxóchitl: a apropriação de elementos da cultura espanhola pelas elites indígenas de Texcoco	64
- Crônica: Compendio Histórico del Reino de Texcoco	64
- Crônica: Sumaria relación de la Historia General de esta Nueva España.....	66
- Crônica: História de la Nación Chichimeca	69
- Perspectivas sobre as peculiaridades dos diferentes textos produzidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl	72
- Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en la Nueva España: Relações genealógicas	72
3.3.2 - Relación Sucinta: construção dos personagens históricos	73
- Compendio Histórico: o discurso transcultural	74
- Sumaria relación de la História General de esta Nueva España: as ações épicas dos chichimecas	75

3.3.5- Historia de la Nación Chichimeca: a mudança da cultura indígena diante do outro	76
3.3.6- Elementos que aparecem em todas as crônicas de Ixtlixóchitl.....	77
3.4. - A legitimação nos textos de Ixtlixóchitl: a ancestralidade e sua relação com os direitos herdados e adquiridos pelas elites indígenas de Texcoco no final do século XVI e início do XVII.....	79
<i>CONCLUSÃO</i>	86
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>.....	90
Fontes	90
Bibliografia	91

ÍNDICE

Imagem 1- mapa territorial da Mesoamérica.....	13
Quadro 1.....	58
Quadro 2.....	62
Quadro 3.....	65
Quadro 4.....	67
Quadro 5.....	70
Tabela 1.....	78
Tabela 2.....	79
Tabela3.....	84

INTRODUÇÃO

Os contextos sociais e políticos na Nova Espanha do século XVI e XVII foram constituídos pelas constantes trocas culturais entre os indígenas e os hispânicos, construindo uma sociedade colonial marcada por grande diversidade. No que se refere aos nativos americanos, a constante convivência com os espanhóis gerou adaptações culturais que reorganizaram a identidade de suas comunidades, estimulando a produção de textos que se remetiam às histórias de seus antepassados, as quais seriam ajustadas à lógica de pensamento dos novos senhores no estabelecimento de políticas que modificariam o sistema indígena de distribuição do poder¹, herdado do período pré-colombiano.

A organização do sistema colonial na América Espanhola foi sendo edificada através do sistema de *Cabildo* (conselho Municipal), da evangelização Católica da população indígena² e com a utilização de algumas estruturas sociais, políticas e econômicas pré-colombianas, as quais foram enquadradas na conjuntura da colonização. No que se refere à região central da Nova Espanha, os espanhóis recorriam ao uso do prestígio e mérito para conseguirem o apoio das elites³ indígenas para o controle dos *Cabildos* indígenas.

É importante destacar que, na perspectiva das elites indígenas, ao se tornarem vassalos da Coroa Espanhola, estes conseguiriam uma inserção no novo sistema, permitindo a continuidade de seus privilégios sociais e políticos frente aos membros comuns da sociedade nativa, os *macehualtin*⁴. No início do período colonial, com estes privilégios, essas elites poderiam receber títulos, honrarias hispânicas, utilizar cavalos e também tinham a possibilidade de adquirir vestimentas espanholas. Estas novas insígnias conquistadas devido

¹ Compreende-se que o poder não é algo natural, mas elaborado historicamente na prática social e perpassando toda a sociedade no papel de manter ou preservar (MICHEL, Foucault. **Vigiar e punir nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhe. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 26-27).

² GIBSON, Charles. **Los aztecas bajo el dominio español (1519-1810)**. México: Siglo XXI, 1991, p. 9.

³ Entende-se que elites são os indivíduos que ocupam, por gerações, uma determinada posição social e política na sociedade colonial; e a partir desta posição, constroem seus discursos particulares. As elites exerceram funções importantes para o funcionamento da administração colonial (XAVIER, Ângela Barreto; SANTOS, Catarina Madeira. **Cultura intelectual das elites coloniais. Cultura Revista de História e Teoria das Ideias**, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, v. 24, p. 9-33, 2007, p.11).

⁴ Os *macehualtin* eram os comerciantes, agricultores e artesões, que seriam classificados como pessoas comuns (LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El pasado indígena**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 219 - 220).

ao auxílio que prestavam aos espanhóis seriam agregadas às insígnias de poder indígena herdadas do período pré-hispânico.

A continuação da condição de privilégios dos descendentes das elites indígenas, reformulada e ressignificada no início do período colonial, seria para elas uma demonstração do poder e valor de sua linhagem. No entanto, no final do século XVI e início do XVII, a Coroa espanhola empreendeu uma série de mudanças administrativas que começaram a abalar de forma mais significativa os privilégios das classes privilegiadas da população nativa.⁵ Neste período, as elites indígenas precisaram se articular para manter, dentre outras coisas, a diferenciação tradicional entre eles e os *macehualtin*, uma vez que estes últimos começaram, por exemplo, a ocupar cargos que antes eram exercidos somente pelos membros das elites, rompendo com a lógica política tradicional do período pré-colombiano.

Observando este novo cenário de diminuição de poderes, os descendentes das elites nativas buscariam preservar os seus direitos e privilégios utilizando diversas estratégias, sendo uma delas a produção de códices⁶ e crônicas⁷. Estes códices e crônicas resgatariam as histórias das etnias indígenas, demonstrando suas organizações sociais e políticas sob a influência de valores e conceitos da educação cristã, adquiridos pelas elites nos colégios organizados pelos missionários católicos⁸. Esta influência dos valores e conceitos cristãos promoveu um hibridismo cultural peculiar nas produções indígenas, pois estes documentos, ao mesmo tempo em que imprimem às estruturas textuais a lógica de pensamento Ocidental, também retratam os principais aspectos sociais e políticos das histórias das etnias indígenas.

Dentre os autores nativos que elaboraram seus textos, possivelmente impulsionados pelos acontecimentos dos séculos XVI e XVII, está Fernando de Alva Ixtlilxóchtli, quem

⁵ CARRASCO, Pedro. La transformación de la cultura indígena durante la colonia. **História Mexicana**, México, p. 175-237, oct. /dez., 1975, p. 179.

⁶ Os códices são manuscritos pictográficos em formado de biombo e feitos de papel amate ou pele de veado. No período colonial a maioria deles foi confeccionada em papel europeu. Os códices apresentam diversos tipos de temáticas, dentre elas, as histórias sobre as etnias indígenas (ALCINA FRANCH, José. **Códices Mexicanos**. Madrid: MAPFRE, 1992, p. 16).

⁷ As crônicas coloniais são textos escritos com base na escrita alfabética europeia, em línguas indígenas ou em castelhano, apoiadas nas histórias indígenas originárias da tradição oral ou nos códices pré-colombianos (LÉON PORTILLA, Miguel. Los Franciscanos vistos por el hombre náhuatl- testimonios indígenas del siglo XVI. **Estudios de cultura Náhuatl**, México, v. 1, n. 17, p. 261-339, 1984, p. 262-339).

⁸ NAVARRETE LINARES, Federico. Chichimecas y toltecas en el Valle de México. **Estudios de cultura Náhuatl**, México, v. 42, p. 19-50, 2011, p. 19-20.

compôs diversas histórias a respeito de sua etnia, os *acolhuas*⁹ de *Texcoco*. A congregação destas histórias por estudiosos resultou no primeiro¹⁰ e segundo¹¹ volume dos escritos que foram posteriormente intitulados de “Obras Históricas”. Os relatos produzidos pelo cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchtli trazem vários argumentos voltados para as diferenciações sociais e políticas que destacariam os descendentes de *Texcoco* dos outros membros da sociedade indígena, através de ponderações que remetiam aos discursos indígenas de legitimação de poder, associados a elementos da cultura hispânica, a exemplo do uso de expressões como “senhorios”, “idólatras”, “tirânicos” e “reis”¹⁰, para reconstruir as histórias de seus antepassados.

É importante mencionar que as peculiaridades dos textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchtli, incluindo suas formas de escrita e a elaboração de suas diferentes crônicas, são elementos bastante pertinentes para se pensar sobre como um autor de origem indígena, que viveu entre os séculos XVI e XVII na região da Nova Espanha, construiu narrativas (segundo padrões de escrita europeia) sobre as ações dos antepassados de sua etnia. Essas narrativas produzidas por Ixtlilxóchtli diferem-se das produzidas por outros cronistas de origem indígena de sua época, já que estes constroem seus textos a partir de um diálogo polifônico com a historiografia indígena e Ixtlilxóchtli constitui seus textos a partir de um discurso monológico com a historiografia europeia do momento¹¹.

Por intermédio das narrativas elaboradas por Ixtlilxóchtli, também podemos visualizar como os membros das elites indígenas *chichimecas* foram construindo o seu poder social e político durante o período pré-hispânico até a chegada dos espanhóis, portanto essas crônicas de Ixtlilxóchtli forneceram um relato que possibilita a reafirmação da posição social e política a qual pertence, já que esse faz parte da elite indígena de *Texcoco* e ocupa, durante o período colonial, cargos importantes. Além disso, as histórias relatadas por Ixtlilxóchtli se tornaram relevantes para a construção da identidade do atual México, pois o cronista passaria

⁹ Os *acolhuas* eram grupos da região oriental do lago Texcoco, no Vale do México, os quais descendiam de Xolotl, considerado um dos mais importantes líderes étnicos que deram origem às linhagens governantes do Vale do México (SANTAMARINA NOVILLO, Carlos. El Acolhuacan bajo dominio Tepaneca. Un capítulo de la expansión de Azcapotzalco. **Anales del Museo de América**, Madrid, n. 14, p. 9-26, 2006, p. 10-11). ¹⁰IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.

¹⁰IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 290-441.

¹¹ LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Linares (coord.). **Indios, mestizos y españoles..** México: Azacaotzalco, 2007, p.16.

a ser uma das referências para se buscar como viviam as etnias pré-hispânicas, como afirma o autor Alfredo Chavero¹².

Portanto, tendo em vista todas essas ponderações, meu propósito com esta pesquisa consiste em observar, nos relatos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, de que forma o cronista construiu uma narrativa sobre o poder social e político de seus antepassados, visando proteger seus direitos e privilégios em face das disputas sociais e políticas decorrentes das mudanças administrativas implementadas pela Coroa no final do século XVI e início do XVII na América Espanhola.

É importante destacar, para nossa pesquisa, a importância dos estudos que atentaram para os cronistas indígenas como produtores de discursos que se modificaram e também se adaptaram no período colonial na Nova Espanha. No século XX, historiadores elaboraram suas pesquisas levando em consideração tanto as narrativas hispânicas quanto as crônicas indígenas.

Dentre os trabalhos que utilizaram crônicas indígenas, pode-se destacar a abordagem de Miguel León Portilla, em *Visión de los Vencidos*¹³. Para este autor, os escritos indígenas constituem um testemunho que permite ao pesquisador observar, sob um ângulo diferente, a história da colonização na Nova Espanha. Em *Aportaciones recientes sobre: sociedad y cultura indígenas en el México colonial*¹⁴, Miguel León-Portilla menciona que os testemunhos dos indígenas consistem em um grande instrumento para a compreensão do passado pré-colombiano e colonial.

A partir da busca pelo entendimento das construções narrativas das crônicas dos nativos americanos, os pesquisadores começariam a entender suas complexas peculiaridades, por meio de sua literatura singular e híbrida, que foi gerada na adaptação cultural resultante do encontro de culturas diferentes. O pesquisador José Rubén Romero Galván, em *Los cronistas indígenas*¹⁵, menciona as peculiaridades das crônicas nativas e argumenta que essas crônicas constituem uma produção literária própria e híbrida, por meio das quais os autores indígenas descrevem a consciência e o direito de seu grupo social.

¹² CHAVERO, Alfredo. **Obras Históricas de Don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl**. México: Oficina Tip. De la Secretaria de fomento, 1891, p.5-6

¹³ LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Visión de los vencidos**. México: UNAM, 2008.

¹⁴ LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Aportaciones recientes sobre: sociedad y cultura indígenas en el México colonial*. **Estudios de cultura Náhuatl**, México, v. 24, n.1, p. 455-475, 1994.

¹⁵ ROMERO-GALVÁN, José Rubén. Los cronistas indígenas. In: CHANG-RODRÍGUEZ, Raquel (org.). **Historia de la literatura mexicana**. Argentina: Siglo XXI, 2002.

A partir desta perspectiva, de autores que postulavam que as crônicas nativas possuíam uma consciência social e política de uma cultura peculiar, os historiadores passaram a admitir que as culturas indígenas foram sendo modificadas e não dissolvidas pelas estruturas da colonização hispânica¹⁶. Dentre os historiadores que partem desta perspectiva para pensar sobre o hibridismo cultural presente nas crônicas indígenas, podemos citar Salvador Velazco, quem, no texto *Historiografía y etnicidad emergente en México Colonial: Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozomoc*¹⁷, escreve que os cronistas indígenas possuem, pelas características de seus textos, uma cultura que não se dissolve durante os séculos de colonização, mas se reconstrói. O autor acrescenta que a reconstrução da cultura indígena foi estabelecida através do discurso transcultural, por intermédio da articulação entre o legado da tradição cultural indígena e as novas formas de cultura hispânica no período colonial.

Já Serge Gruzinski, em “A colonização do imaginário”¹⁸, tem uma interpretação similar a de Salvador Velazco, que se refere a não destruição do passado indígena pelas mudanças suscitadas pela colonização e à mescla cultural do mundo colonial. Para Serge Gruzinski, os documentos indígenas do período colonial podem ser concebidos como o produto de uma cultura indígena adaptada devido às conexões entre os indígenas e hispânicos no novo sistema de colonização.

Observando essas adaptações nas crônicas indígenas, os historiadores buscariam compreender porque essas transformações modificariam as identidades étnicas durante o período colonial na Nova Espanha. Dentre esses pesquisadores encontra-se Federico Navarrete Linares, quem, em *Hacia otra Historia de América: nuevas miradas sobre el cambio cultural y las relaciones interétnicas*¹⁹ afirma que os indígenas adotaram,

¹⁶ A utilização das crônicas indígenas, somada ao auxílio de outras ciências, como a etnografia e a arqueologia, possibilitou a estes novos estudos historiográficos romperem com as hipóteses dos pesquisadores dos séculos anteriores ao século XX, de que os escritores nativos tiveram seu poder e valores culturais massacrados pelas implicações do processo de colonização (GIBSON, Charles. Las sociedades indias bajo el dominio español. In: SÁNCHEZ, Nicolás Albornoz; LOCKHART, James; LAVRIN, Asunción; et al. **Historia General de América Latina**. Vol. 4. Barcelona: Crítica, 1990. p. 269).

¹⁷ VELAZCO, Salvador. *Historiografía y etnicidad emergente en el México Colonial: Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozomoc*. **Mesoamérica**, USA, n. 38, v. 20, n.38, p. 1-31, dez./jan., 1999.

¹⁸ GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

¹⁹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Hacia otra historia de América: nuevas miradas sobre el cambio cultural y las relaciones interétnicas*. **UNAM**, México, 2015, p. 27-28.

reproduziram e modificaram suas culturas frente às mudanças ocorridas no período colonial para, dentre outros motivos, defenderem seus interesses políticos e econômicos.

Essa historiografia do século XX e princípio do XXI, que pensa e reflete sobre os cronistas indígenas a partir das adaptações e transformações de suas identidades, produziu artigos e teses também sobre as crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, tendo como um de seus principais enfoques a construção das narrativas históricas do autor e suas estratégias textuais. Dentre estes autores podemos citar Georges Baudot, quem, em *México y los albores del discurso colonial*²⁰, destaca que seria possível visualizar nas crônicas de Ixtlilxóchitl um sentido histórico de “continuidade”, que permitiu ao cronista elaborar discursos que atestariam a legitimidade do status social e político de sua linhagem *nahua* na manutenção de seus direitos e privilégios no período colonial.²¹ O escritor Juan José Daneri, escreve e acrescenta, em *El agua a su molino. Tres historiadores novohispanos y sus crónicas en Castellano*²², que as crônicas elaboradas no século XVI, incluindo as redigidas por Ixtlilxóchitl, seriam elaboradas a partir da reinterpretação da história, na qual, os valores do passado seriam integrados dentro de um novo contexto, configurando textos singulares que seriam estruturados de acordo com a visão e os conceitos dos cronistas.

Nesta direção, de reinterpretação do passado pelos cronistas, Pablo García, na dissertação *Estrategias para (des)aparecer: la historiografía de Fernando de Alva Ixtlilxochitl y la colonización criolla del pasado prehispánico*²³, descreve que existe um caráter duplo nas crônicas de Ixtlilxóchitl, por intermédio da estratégia de (des)aparecer, na qual, as táticas narrativas do cronista consistiram no desaparecimento de algumas características da antiga história do seu grupo étnico para o reaparecimento de um discurso associado ao regime do colonizador²⁴. O reaparecimento de discurso duplo permitiu a Ixtlilxóchitl elaborar uma narrativa crioula em defesa de seus direitos durante o período colonial na Nova Espanha. Já Sergio Ángel, na dissertação *Identidade de Fernando de Alva*

²⁰ BAUDOT, Georges. **México y los albores del discurso colonial**. México: Pátria, 1996.

²¹ BAUDOT, Georges. **México y los albores del discurso colonial**. México: Pátria, 1996, p. 269.

²² DANERI, Juan José. **El agua a su molino**. Tres historiadores novohispanos y sus crónicas en Castellano (Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, Hernando Alvarado Tezozomoc, Diego Muñoz Camargo).2002. 236 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) School of Arts, Sciences Washington University, Saint Louis, Missouri, 2002.

²³ GARCÍA, Pablo. **Estrategias para (des)aparecer: la historiografía de Fernando de Alva Ixtlilxochitl y la colonización criolla del pasado prehispánico**.2006. 294f. Dissertação (Doutorado em Filosofia), Department of Spanish and Portuguese, Indiana University, 2006.

²⁴ *Ibidem*, p. 38.

*Ixtlilxóchitl através de su memoria histórica: análise historiográfico*²⁵, assim como Pablo García, também destacam a importância do processo de crioulismo na Nova Espanha para entender o sentido das crônicas de Ixtlilxóchitl. Além disso, Serge Ángel afirma que o crioulismo é o que permite conceber a identidade de Ixtlilxóchitl²⁶.

Em contraposição à análise de Pablo García, que acabou classificando e enrijecendo os discursos narrativos de Ixtlilxóchitl, o autor Gordon Whittaker argumenta que, ao tentamos classificar ou aplicar categorias de reprodução²⁷ às crônicas de Ixtlilxóchitl, estaríamos simplificando sua obra, pois estaríamos descartando a complexidade de seus textos, que respaldaram suas múltiplas formas de se identificar.

Esta pesquisa está inserida nesta linha de pensamento, que compreende que exista nas crônicas de Ixtlilxóchitl a presença de suas múltiplas identidades. Estas múltiplas identidades são construídas e operam conforme o status social e político ocupado por Ixtlilxóchitl e sua família, ou seja, um cronista de origem indígena em contato estreito com os espanhóis e o cristianismo.

A partir desses debates historiográficos sobre a transformação da cultura e identidade indígena no período colonial da Nova Espanha, esta pesquisa procurou por teóricos que compreendem a cultura como um processo que se origina das ações coletivas que são modificadas, transformadas e adaptadas de acordo com as dinâmicas das interações dos sujeitos históricos. Dentre os autores que partem desta linha de pensamento para entender a história das sociedades está o antropólogo Marshall Sahlins, que visualiza a cultura como sendo resultado das ações dos sujeitos²⁸, dentro e entre as sociedades nos diferentes momentos históricos. Para Marshall Sahlins, a cultura é organizada através dos significados atribuídos de acordo com os dispositivos das relações sociais²⁹. Ele concebe que os significados das relações sociais não são estáticos, mas voláteis, de acordo com as dialéticas culturais

²⁵ GALICIA VÁSQUEZ, Sergio Ángel. **La identidad de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl através de su memoria histórica. Análisis historiográfico**. 2013. 423 f. Dissertação (Doutorado em História). Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de investigaciones históricas, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2013, p. 381.

²⁶ GALICIA VÁSQUEZ, Sergio Ángel. Op.Cit., p. 381-382.

²⁷ WHITTAKER, Gordon. The Identities of Fernando de Alva Ixtlilxochitl. In: BROKAW, Galen; LEE, Jongsoo; et al. **Fernando de Alva Ixtlilxochitl and his legacy**. Vol. 1. Tucson: The University of Arizona Press, 2016.

²⁸ SAHLINS, Marshall. **Ilhas da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.7.

²⁹ SAHLINS, Marshall. **Metáforas históricas e realidades míticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.130.

estabelecidas historicamente³⁰, ou seja, os significados podem ser alterados ou modificados conforme as interações culturais.

As ideias de apropriação, adaptação ou ressignificação culturais abriram caminho para os historiadores reelaborarem e reinterpretarem as ações sociais e políticas dos nativos em diferentes contextos históricos. Federico Navarrete Linares menciona que a tradição indígena funciona agregando e criando sínteses compatíveis com as operações das antigas culturas, então, estas iriam se adaptando frente aos novos diálogos estabelecidos com os espanhóis durante o processo colonial. Na visão de Navarrete Linares, as culturas indígenas foram construídas no período colonial da Nova Espanha através da junção entre a formação das identidades e a religião cristã, que transformaram, com o tempo, os setores sociais³¹. Nessa noção de cultura indígena, as histórias escritas por autores indígenas nos séculos XVI e XVII são produtos das contínuas mudanças históricas³², tendo sido determinadas de acordo com os vínculos dos grupos que tinham o poder político, no caso, os espanhóis. Para enfatizar as adaptações das produções nativas no período colonial o autor Federico Navarrete Linares destaca o impacto do cristianismo. Segundo ele, as crônicas tiveram que se adaptar à nova lógica de pensamento. Além disso, afirma que os autores nativos adaptariam as estruturas linguísticas de suas produções para o entendimento e compreensão dos hispânicos, a fim de legitimar o poder de suas etnias³³.

Acrescento que também será utilizada, como suporte para a compreensão das adaptações das crônicas produzidas pelos nativos, a reflexão da historiadora Maria Regina Celestino de Almeida, que concebe o dinamismo das culturas formado pelas situações de contato como uma força de resistência adaptativa, na qual a cultura indígena é recriada para negociar ou colaborar com a sociedade colonial³⁴. Para Almeida, os indígenas transformaram

³⁰ SAHLINS, Marshall. Op. Cit, p.130-131.

³¹ NAVARRETE LINARES, Federico. **Hacia outra historia de América**. México: UNAM, 2015, p. 84-86.

³² NAVARRETE LINARES, Federico. NAVARRETE LINARES, Federico. **Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México**. 3. ed. México: UNAM, 2015, p.37-38.

³³ NAVARRETE LINARES, Federico. Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana. In: DALLAL, Alberto. **La abolición del arte**. México: UNAM, 1998, p. 66-67).

³⁴ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios aldeados no Rio de Janeiro Colonial. Novos súditos Cristãos do Império Português**. 2010. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, UNICAMP, São Paulo, 2010, p.12.

essas adaptações em estratégias, que lhes permitiram interações das mais diversas maneiras no contexto social dessa sociedade colonial³⁵.

Ao interagirem com outros grupos na sociedade colonial, os indígenas também adaptariam suas identidades, agregando às culturas que pertenceriam às tradições de sua etnia novas categorias e elementos da cultura dos colonizadores. Com a autora Maria Regina Celestino de Almeida podemos entender a caracterização volátil das identidades, pois para ela estas são mutáveis. Para Almeida, as identidades seriam edificadas por agrupamentos de processos de apropriações e ressignificações culturais por intermédio das experiências dos grupos sociais com os quais interagem³⁶.

Sobre a construção da identidade étnica no centro do México, podemos mencionar novamente o historiador Federico Navarrete Linares, que mostra a identidade étnica relacionada com a maneira pela qual o indivíduo se define, ou seja, a forma com que o grupo social ou uma pessoa determina o seu eu. Para Navarrete, as identidades provêm das nossas origens familiares, grupais, da nossa posição social e de nossas afinidades. Além disso, Navarrete menciona que as identidades são formadas de maneira individual - particular³⁷ - e coletiva³⁸, o que permite aos indivíduos se diferenciarem dos demais. Assim, os cronistas nativos que viveram na América espanhola entre os séculos XVI e XVII teriam reafirmado suas identidades sociais a partir da posição social e política que suas famílias ocupavam, o que favoreceria sua comunicação com as novas estruturas de poder político e administrativo organizadas pelos espanhóis.

Em suma, a linha de pensamento de coexistência de múltiplas identidades desenvolvida nesta pesquisa, rompe com a historiografia de alguns autores do século XX, os quais estudaram a relação entre as culturas indígenas e europeias sob uma perspectiva de perda cultural por parte dos nativos. Nas últimas décadas os historiadores têm percebido que as modificações ocorridas nas sociedades indígenas se caracterizaram por processos muito mais complexos, marcados por apropriações e adaptações que foram capazes de acomodar as necessidades das comunidades indígenas às novas estruturas de poder. Nesse sentido, as

³⁵ GARCIA, Elisa Fruhauf. Almeida, Maria Regina Celestino de. Os índios na História do Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.30, n. 59, p. 279-282, 2010, Jun., p. 280.

³⁶ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora. FGV, 2010. ⁶⁴ NAVARRETTE LINARES, Federico. **Las relaciones interétnicas en México**. México: UNAM, 2004, p. 24.

³⁷ Identidades individuais são formadas pelas emoções e sentimentos (NAVARRETTE LINARES, Federico. **Las relaciones interétnicas en México**. México: UNAM, 2004, p.24).

³⁸ São construídas por elementos culturais: mitos, discursos narrativos e símbolos em comum (*Ibidem*, p.24-26).

histórias produzidas por membros das diversas etnias da Nova Espanha são fontes preciosas para se perceber como se deu o processo de adaptação desses grupos às mudanças que ocorriam no período colonial, particularmente no final do século XVI, quando as elites produtoras desses manuscritos sofriam um duro golpe em seus privilégios e poderes, que haviam conseguido manter por longo tempo.

Apesar das obras dos autores indígenas serem conhecidas pelos historiadores desde o século XIX, as histórias étnicas ainda são pouco exploradas, como é o caso das histórias relacionadas aos *acolhuas* de *Texcoco*, presentes nos textos do cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. Essa pesquisa, então, poderia contribuir para a difusão dos estudos sobre as crônicas nativas da Nova Espanha, o conhecimento das histórias dos grupos étnicos e uma melhor compreensão sobre como eram construídas e elaboradas essas crônicas no final do século XVI e início do XVII, cujos autores tem origem indígena. Essa contribuição seria ainda maior no Brasil, onde esses textos são pouco conhecidos e pesquisados.

Com esta pesquisa pretendemos perceber nos textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl apropriações de elementos culturais hispânicos e adaptações de discursos tradicionais ao novo contexto colonial, investigando, nos diferentes textos elaborados por Ixtlilxóchitl, como o cronista caracterizou e configurou as descendências dos governantes que estão vinculados à história de *Texcoco*. Além disso, pretendemos compreender o impacto que as mudanças na administração das colônias espanholas exerceram sobre as elites da Nova Espanha no final do século XVI e início do XVII.

Para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados, primeiramente, precisaremos compreender o contexto histórico em que os textos elaborados por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl foram produzidos. Assim, destacaremos no capítulo I as estruturas políticas, administrativas e sociais indígenas no período pré-colombiano. Ao compreender como eram as organizações sociais e políticas pré-hispânicas poderemos verificar as mudanças administrativas que ocorriam na Nova Espanha no final do século XVI e princípio do XVII e como elas repercutiram nas estruturas sociais e políticas das etnias indígenas que viviam no México Central.

Já no capítulo II, adentraremos na constituição das crônicas e como estes escritos abordavam os assuntos sociais, políticos e culturais da América Espanhola. Para tal, procuraremos visualizar as ponderações de diversos autores que estudaram as crônicas espanholas e indígenas no contexto colonial. Os estudos desses autores permitiram a

compreensão dos mecanismos de adaptação das histórias tradicionais com o uso dos modelos de escrita europeus.

Em seguida, no capítulo III, realizaremos a análise das estruturas narrativas dos diferentes textos elaborados por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, centralizando as observações nos seguintes elementos: nos destinatários, nas fontes citadas (isto é, nas “autoridades” mencionadas para dar credibilidade às narrativas) e à cronologia. Por intermédio das análises da construção dos textos produzidos por Ixtlilxóchitl, poderemos perceber de que maneira Ixtlilxóchitl construiu, em suas histórias, uma trajetória gloriosa para as elites indígenas de *Texcoco*.

Por fim, ainda no capítulo III também analisaremos os documentos que estão vinculados à época de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, como testemunhos, testamentos e petições que serão associados à composição da árvore genealógica de Ixtlilxóchitl, o que permitirá entender quais os estatutos sociais e políticos ocupados por ele e sua família durante o período colonial na Nova Espanha e também como as histórias sobre as elites indígenas de *Texcoco* elaboradas pelo cronista poderiam legitimar um discurso de defesa de seus direitos sociais e políticos perante as autoridades espanholas.

CAPÍTULO I – AS ELITES INDÍGENAS DA NOVA ESPANHA NOS SÉCULOS XVI E XVII

1.1-O poder político e social das elites indígenas no período pré-hispânico

*(...) Y desde que vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblaciones y aquellas calzada tan derecha y por nivel como iba a Méjico, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuentan en el libro de Amadís (...).*³⁹

Sob o comando de Cristóvão Colombo, os espanhóis desembarcaram no continente americano em 1492 e se depararam com um mundo diverso daquele que tinham conhecimento. Estes ambientes estavam habitados por muitas etnias indígenas singulares que fascinaram os espanhóis devido a suas organizações sociais, políticas e culturais, que resplandeciam em fascinantes edificações. No que se refere à região central do México, a maioria das populações que ali viviam estava sob o poder da chamada Tríplice Aliança⁴⁰. As cidades dominadas pela Tríplice Aliança geralmente eram comandadas por um governante, denominado *Tlatoani*, que controlava a administração pública e a ideologia militar e religiosa, numa sociedade que se organizaria socialmente de acordo com um sistema de hierarquia composto por méritos e herança através da linhagem⁴¹. No topo da hierarquia dessa sociedade estava inserida uma elite que, pelo seu grande poder político e prestígio, era indicada para assumir as funções públicas, quer fossem militares ou administrativas.

De acordo com Enrique Florescano, a Tríplice Aliança foi formada a partir do século XV e expandiu a sua organização social, política e econômica até o início do século XVI, por meio de diversas estratégias, “(...) como fortalecer os laços políticos e alianças matrimoniais,

³⁹ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. Madrid: ESPASA CALPE, 1975, p. 178-179.

⁴⁰ A “Tríplice Aliança” era formada por três cidades do Vale do México, *México-Tenochtitlan*, *Texcoco* e *Tlacopan*, as quais dominavam uma enorme região até a chegada dos espanhóis, constituindo um império, que ficaria conhecido como Asteca (MONTORO, Gláucia Cristiani. **Dos Livros Adivinhatórios aos Códices Coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas**. 2001. 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001, p. 10).

⁴¹ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El pasado indígena**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 226.

tributos, *botín* de guerra, ascensão militar, hierarquia política e outros prêmios. Além disso, o controle do poder da Tríplice Aliança também foi possível através do controle das rotas comerciais”⁴².

O autor Enrique Florescano também afirma que os esforços para alcançar os fins resultantes da expansão do poder social, político e econômico da Tríplice Aliança eram derivados de diferentes instrumentos, como a eliminação (através de expulsão ou assassinato) das antigas autoridades e a conquista de novos territórios⁴³. Essas formas de conquista que foram exercidas pela Tríplice Aliança lhes possibilitaram controlar muitos territórios e, por conseguinte, ampliar seu controle sobre outros povos e definir fronteiras, configurando o seguinte mapa territorial:



Imagem 1- mapa territorial da Mesoamérica⁴⁴

O historiador Alfredo López Austin afirma que após essas vitórias nas batalhas e a adesão dos territórios, a Tríplice Aliança prosseguiria com o processo de legitimação de seu

⁴² FLORESCANO, Enrique. **Los Orígenes del poder en Mesoamérica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 413-415.

⁴³ FLORESCANO, Enrique. *Ibidem*, p. 416-418.

⁴⁴ LEÓN-PORTILLA, Miguel. Mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie; HEMMING, John; WACHTEL, Nathan; et. al. **História da América Latina**. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1998, p.56.

poder através da figura dos *Tlatoque*⁴⁵. Esta legitimação estaria relacionada com o recurso à cosmologia, ou seja, por serem considerados homens-deuses (*Tlatoque*) aqueles que obtinham “(...) a força divina através do contato direto com os deuses, que lhes possibilitam obter a força e as condições necessárias para se tornarem governantes”⁴⁶. Estes *Tlatoque* comandariam, no centro do atual México, as cidades chamadas de *tlatolcayotl* - nome referência para as cidades que passariam a ser governadas por um *tlatoani*, que tinha uma ascendência prestigiosa.

De acordo com Federico Navarrete Linares, esses *Altepeme*⁴⁷ poderiam ser definidos como uma forma de ordenamento político que foi estabelecido em períodos anteriores às conquistas dos espanhóis, e que teriam como características ou atributos fundamentais: “(...) serem compostos por um conjunto de grupos étnicos de identidade particular, produto de suas respectivas histórias de migrações e de uma identidade comum. Além disso, os *altepemes* tinham um território específico para a realização de cultos, eram governados por um *tlatoani* que descende de uma elite nativa e que possui títulos dinásticos *chichimecas* e *toltecas*.”⁴⁸

No que se refere às estruturas territoriais dos *Altepeme*, como *México Tenochitlan*, podemos dizer que cada um desses *Altepeme* era dividido em comunidades, chamadas *calpulli*⁴⁹ (que os espanhóis chamaram de “bairros”), formadas por uma grande aglomeração de famílias com laços parentais, as quais tinham um deus patrono específico. Os *calpulli* estavam localizados em centros urbanos, divididos de acordo com os ofícios, como pescadores, recolhedores de excrementos, artesões, agricultores, trabalhadores da pena ou *amantecas*, comerciantes ou *pochtecas*, etc. Segundo Alfredo López Austin, a administração dessas comunidades era dirigida por um grupo de anciãos que pertencia a um ramo de linhagem específica e que eram chamados de “*Pariente Mayor*”⁵⁰, “(...) sendo escolhidos em

⁴⁵ *Tlatoque* é o plural de *Tlatoani*.

⁴⁶ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *Hombres-Dios. Religión y política en el mundo náhuatl*. México: UNAM, 1989, p. 124-125.

⁴⁷ *Altepeme* é o plural de *Altépetl* que significa cidade que possuía um governante (*tlatoque*), passando a ganhar o statu de *tlatolcayotl*. (NAVARRETTE LINARES, Federico. **Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México**. 533 f. Dissertação (Doutorado em Estudos Americanos)-Facultad de Filosofía y Letras División de Estudios e Posgrado, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2000.p. 21.).

⁴⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁹ *Calpulli* significaria “casa grande” e se refere a uma espécie de “bairro” ou região de um *altépetl* ou cidade indígena (ESCALANTE GOZALBO, Pablo. *La Ciudad, la gente y las costumbres*. In: ESCALANTE GONZALBO (coord.). **Historia de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 203).

⁵⁰ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El pasado indígena**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 219.

função de seus méritos e teriam as seguintes obrigações: a vigilância dos bairros, a administração escolar, atribuições de segunda ordem administrativa, a tarefa de justiça, participação na ordem dos tributos.”⁵¹

A hierarquização social com distinção entre os membros da elite indígena e os demais membros da sociedade é bastante perceptível, como no caso das divisões dos ofícios, nas quais os comerciantes, agricultores e artesãos faziam parte da população comum, conhecida como *macehualtin*, e aqueles que cuidavam das funções públicas e pertenciam à elite recebiam o nome de *pipiltin*. Além disso, nos *calpulli*, alguns líderes étnicos também poderiam ocupar cargos públicos.

O autor Alfredo López Austin explica que a nomenclatura *pipiltin* têm origem na palavra *pilli* (nobre, aquele que é o principal), assim, *pipiltin* seria o seu plural, para se referir àqueles indígenas que possuíam uma condição social diferenciada, adquirida através da descendência, as quais eram consideradas diferentes as elites indígenas das pessoas comuns naquelas sociedades:

*Las funciones desempeñadas por los pipiltin les proporcionaban un ingreso permanente. A cada cargo correspondía un título, no hereditario pero con frecuencia vitalicio, que tenía adscritos una casa de gobierno y tributos asignados a ella. (...) podían recibir beneficios adicionales por medio de premios concedidos por el tlatoani.*⁵²

Os benefícios concedidos pelos *Tlatoque* àqueles considerados *pipiltin* permitiriam que esses últimos pudessem adquirir privilégios em diferentes âmbitos da vida social e política dos *Altepepe*. Esses privilégios poderiam ser na forma de tributo ou serviços, ou seja, formas de distinção exclusivos dos *pipiltin*⁵³. É importante afirmar que para receber esses privilégios os *pipiltin* tinham que cumprir as obrigações que seriam estabelecidas pelas leis no período pré-hispânico. Tendo esses elementos em questão, permite-se configurar aqueles chamados de *pipiltin* como uma elite indígena, pois esses indivíduos ocupam cargos de grande relevância no âmbito político-militar, possuem privilégios e têm uma origem ancestral de grande peso.

O autor Charles Gibson menciona que essa condição de elite de determinados indígenas se estende até o período colonial, argumentando que esses grupos passariam a ser

⁵¹ *Ibidem.*, p. 220.

⁵² *Ibidem.*, p. 219-220.

⁵³ MENEGUS, Margarita. La nobleza indígena en la Nueva España: circunstancias, costumbres y actitudes. In: ESCALANTE GONZALBO, Pablo (coord.). **História de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 501.

considerados como senhores naturais da sociedade indígena⁵⁴. A autora Maria Martínez acrescenta que a ideia de elite indígena no período colonial da Nova Espanha está associada ao pensamento de pureza de sangue desenvolvida pelos europeus em períodos anteriores à colonização, por meio do qual aqueles indivíduos que eram considerados como puros descendiam dos principais membros das elites indígenas⁵⁵.

Em suma, as organizações sociais e político-territoriais estabelecidas durante o século XV na região do atual Centro do México foram condicionadas pelos grupos étnicos dessa região, em período até mesmo anterior à Tríplice Aliança. Esse sistema era composto por um governante principal, *Tlatoani*, que geralmente tinha uma origem ancestral diferenciada; por um grupo de pessoas privilegiadas que, por exemplo, não pagam tributos, chamados de *pipiltin*, que seria a elite indígena das cidades; e, por fim, pelos *macebualtin*, considerados membros comuns das cidades/*altepeme*, ocupando posições e ofícios comuns, como artesanato e comércio.

1.2-O impacto da conquista espanhola sobre as estruturas sociais das elites indígenas no México Central

Diante das populações indígenas, os espanhóis que chegaram a esta região americana estariam em desvantagem numérica, o que poderia dificultar a conquista dos territórios. Os espanhóis buscariam, então, apoio de grupos indígenas, em alianças que permitiriam a conquista dessas novas terras, que ficariam conhecidas como Nova Espanha.

O Império da Tríplice Aliança e, particularmente, a cidade de *México-Tenochtitlan*, foi alvo central dos ataques empreendidos pelos espanhóis e por seus aliados na conquista da região central, pois além de ser o centro de poder do império, detinha recursos que interessavam aos espanhóis, como ouro, por exemplo. Dentre os aliados dos espanhóis estava uma cidade independente (porque não estava sob o domínio da Tríplice Aliança) denominada *Tlaxcala* e outros *Altepetl* do vale do México, os quais auxiliaram os espanhóis, sob a liderança de Hernán Cortes. Segundo o autor Matthew Restall, algumas fontes, especialmente

⁵⁴ Gibson Charles. **Los aztecas bajo el dominio español 1519-1810**. México: Editorial Siglo XXI, 1978.

⁵⁵ MARTÍNEZ, M. Elena. **Genealogical fictions: limpieza de sangre, religion and gender in colonial Mexico**. Stanford: Stanford University Press, 2008, p.116-117.

as de autores espanhóis, tendem a destacar que essas alianças eram estabelecidas através de estratégias espanholas, quando percebiam a animosidade entre os nativos.⁵⁶

Com o suporte dos indígenas, os espanhóis, a partir de 1527, terminariam a conquista da região central, instaurando progressivamente o seu sistema colonial em terras americanas. Nesse contexto, os espanhóis estariam diante da questão de como poderiam desenvolver a organização desses territórios. A solução foi instituir o sistema de *Cabildo*⁵⁷ (conselho municipal) e utilizar a elite indígena como intermediária na administração das populações indígenas, pois foi dada continuidade à prática de pagamento de tributos, prática já adotada pelas elites indígenas ou *tlatoque* no período anterior à conquista espanhola.

A autora Delfina Lopéz argumenta que esse sistema de *Cabildos*, adotado pelos espanhóis para organizar a colônia espanhola, possibilitou a integração dos indígenas na sociedade colonial do século XVI e, ao mesmo tempo, limitou a jurisdição e poderes das autoridades indígenas, pois os indígenas passariam a se estabelecer em *comunidad*⁵⁸ e também teriam que contribuir para o que Delfina Lopéz chama e define como fundo de benefício em comum, ou seja, produção de bens públicos que viriam a beneficiar toda a comunidade, mas, principalmente, as necessidades do rei espanhol⁵⁹ - conforme pode ser observado no trecho abaixo:

*Sus cabildos se integraron por procedimientos electivos, con un número determinado, de acuerdo con la población, de alcaldes, regidores y alguaciles generalmente de extracción aristocrática indígena, y que estaban sujetos al gobernador, también indígena, de la cabecera. (...) Las funciones de las autoridades indígenas, su jurisdicción y poderes fueron más limitadas que las de los ayuntamientos Españoles (...). El desarrollo de los ayuntamientos se sustentó en los bienes que, para remediar las necesidades públicas, les concedió el rey (...).*⁶⁰

⁵⁶ RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 99-100.

⁵⁷ Nos *cabildos* eram realizadas uma série de normas e leis para regulamentar como seus membros deviam se comportar (SMIETNIANSKY, Silvina. De preeminencias, estilos y costumbres: rituales y poder en los cabildos coloniales. **Revista Colombiana de Antropología**, Guayana, v. 46, jul./ Dez., n.2, p. 379-408, 2010, p. 381).

⁵⁸ Comunidad era o nome das vilas indígenas que existiam no início da colonização da Nova Espanha (LOPÉZ SARRELANGUE, Delfina E. Las tierras comunales indígenas de la Nueva España en el siglo XVI. **Estudios de Historia Novohispana**, Universidad Nacional Autónoma de México, n.1, v.1, p.1-21, 1966, p.13)

⁵⁹ LOPÉZ SARRELANGUE, Delfina E. Las tierras comunales indígenas de la Nueva España en el siglo XVI. **Estudios de Historia Novohispana**, Universidad Nacional Autónoma de México, n.1, v.1, p.1-21, 1966, p.1-2.

⁶⁰ LOPÉZ SARRELANGUE, Delfina. Op,Cit,p. 1-3.

Após a conquista dos territórios americanos e a implantação da instituição dos *Cabildos* na região central, a Coroa Espanhola estabeleceu a organização de encomendas, que poderia atender tanto espanhóis como indígenas. Para tal decisão, foi criada uma Audiência no México⁶¹. O posicionamento dos conselheiros espanhóis da Audiência foi favorável à instalação das encomendas indígenas, pois representaria uma forma de recompensar os indígenas por sua colaboração nas guerras de conquista e povoar as terras não ocupadas ou com baixa população. A encomenda foi instaurada em 1499⁶², de acordo com o autor Miguel Ángel, representando “(...) *una repartición de indios entre los españoles que tenían que realizar un trabajo personal, a cambio de recibir instrucción religiosa por parte del encomendero y de un aseguramiento de la tierra en que habitaban (...)*”⁶³.

Segundo Eduardo Neunam, as encomendas podem ser entendidas como uma forma de a Coroa Espanhola institucionalizar na colônia um sistema de trabalho reunindo alguns aspectos da tradição senhorial ibérica com alguns costumes pré-colombianos, associados com a prática de cobrança de tributos, em que existiria uma organização pautada na reciprocidade entre Coroa-conquistador-indígenas⁶⁴. Sobre a prática da tradição senhorial ibérica que inspirou o sistema de encomendas, encontra-se o sistema de hierarquização social e político que existia desde os primeiros momentos do Antigo Regime, incluindo a ideia de vassalagem associada à figura do rei, quem poderia repartir suas terras conforme os serviços prestados por seus súditos.

No que se refere à forma de distribuição das encomendas adotada após a conquista espanhola, esta também desarticulou os poderes da elite indígena que vigorava no período pré-hispânico, uma vez que modificou o acesso às terras e o poder desfrutado pelos *tlatoque*, que passaram a ser nomeados “caciques” pelos espanhóis.

Com efeito, os *tlatoque* foram perdendo progressivamente seu papel na aplicação da justiça em diferentes assuntos sociais e políticos relacionados às encomendas, já que esses

⁶¹ As Audiências eram constituídas por um presidente, o vice-rei, um capitão-geral e o governador. As Audiências julgavam assuntos de pequena e grande instância (CHAUNU, Pierre. **Historia da América Latina**. Bueno Aires: EUDEBA S. E. M, 1994, p. 33-35).

⁶² ELLIOT, John. A conquista espanhola e a colonização da América. América Latina Colonial. In: BETHELL, Leslie; HEMMING, John; WACHTEL, Nathan; et. al. **História da América Latina**. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 182, p. 182.

⁶³ SUÁREZ ROMERO, Miguel Ángel. La situación del índio durante la conquista española en América. **Revista de la Facultad de Derecho de México**, UNAM, México, n. 242, p. 229-260, 2004, p.254.

⁶⁴ NEUNAM, Eduardo. **ANPLAC: Associação internacional de pesquisadores e professores de Histórias das Américas**, Trabalho na América espanhola: salário, servidão e escravidão, 2018. Disponível em: < <http://anplac.fflch.usp.br/trabalho-america-espanhola-apresentacao>>. Acesso em: 10 de Ag. de 2018.

passariam a ser recursos administrados pela Coroa Espanhola. De acordo com a autora Margarita Menegus, a perda da possibilidade de os caciques fazerem justiça nas encomendas indígenas foi o primeiro direito administrativo imposto pela Coroa Espanhola, que limitou o acesso dos caciques a ofícios e benefícios (expressos em forma de serviço de adesão de terras).⁶⁵

Outro elemento que se associa aos “caciques” é seu pertencimento ao *Cacicazgo*, ou seja, uma declaração de testemunho afirmado por autoridades locais, na qual as elites indígenas poderiam legitimar sua descendência através da comprovação de que seriam herdeiros e descendentes dos grupos das elites indígenas que existiam no período pré-colombiano⁶⁶. Por intermédio desse documento, os indígenas que conseguiam a condição de pertencer ao *Cacicazgo* poderiam receber alguns privilégios, como adquirir títulos espanhóis e ter direito a terras. Para legitimar o acesso e posse ao *Cacicazgo*, o poder jurídico espanhol, que elaboraria e construiria leis para organizar as estruturas sociais e políticas na Nova Espanha, homologou um decreto de que só os índios considerados puros poderiam receber o *Cacicazgo*, homogeneizando as formas de ascensão das elites indígenas.⁶⁷

As relações estabelecidas entre os espanhóis e os membros das elites indígenas após a implementação das encomendas também exerceram impacto sobre as hierarquias sociais entre os indígenas, que se ramificaram em diferentes status, conforme afirma o autor Bernardo García Martínez. Durante os anos de colonização do México, surgiram nas encomendas diversas estratificações sociais indígenas, estabelecidas de acordo com as funções exercidas pelos mesmos no cotidiano da colônia⁶⁸. Assim, o status social privilegiado que alguns membros das elites indígenas ocupariam nas primeiras décadas da Nova Espanha seriam condicionados pelos serviços que esses agentes prestariam à Coroa Espanhola, como o de intérprete das audiências dos índios que eram realizadas na colônia, o qual permitiria o recebimento de terras, títulos e honrarias hispânicas em troca do trabalho⁶⁹.

⁶⁵ MENEGUS, Margarita. La nobleza indígena en la Nueva España: circunstancias, costumbres y actitudes. In: ESCALANTE GONZALBO, **História de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 501.

⁶⁶ BORNEMANN MENEGUS, Margarita. El Cacicazgo en Nueva España. In: BORNEMANN MENEGUS, Margarita; SALVADOR AGUIERRA, Rodolfo; et al. **El Cacicazgo en Nueva España y Filipinas**. México: Plaza y Valdés, 2008, p.16.

⁶⁷ MARTÍNEZ, M. Elena. **Genealogical fictions: limpieza de sangre, religion and gender in colonial Mexico**. Stanford: Stanford University Press, 2008, p.116-117.

⁶⁸ GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo. La creación de Nueva España. In: COSÍO VILLEGAS, DANIEL. (coord.). **Historia General de Mexico**, Tombo I, México: HARLA, 1976, p. 348-349.

⁶⁹ FUKUNAGA, João Luiz. **Crônica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc e as redes de inteligibilidade da memória (1538-1598)**. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) –

Todas essas insígnias de poder adquiridas pelas elites não poderiam ser usadas pelas pessoas comuns da sociedade indígena, resultando em formas adicionais de distinção e poder, já resignificadas, pois as elites indígenas estariam se diferenciando dos demais através das insígnias culturais hispânicas, além daquelas que já eram usadas tradicionalmente pelas elites. Em suma, alguns membros das elites indígenas buscariam, nos séculos seguintes, assegurar o seu acesso a esses ofícios de grande relevância no funcionamento do sistema colonial, como assumir cargos de governadores de índios e coletores de tributos⁷⁰, possibilitando, para alguns membros das elites indígenas, continuar, mesmo que de uma maneira adaptada, com o seu status social diferenciado frente aos membros comuns de suas sociedades.

1.3- Direitos das elites indígenas na Nova Espanha - séculos XVI e XVII

A convivência entre indígenas e espanhóis estabelecida no âmbito do processo de formação da sociedade novo-hispânica possibilitou aos membros das elites indígenas serem apresentados a novos conceitos e valores, que chegariam a seus grupos étnicos devido aos contatos com a cultura espanhola, pautada no cristianismo.

Essa convergência cultural entre os hispânicos e os indígenas transformou os sistemas de crenças e o “modelo” de educação que existia entre os grupos indígenas no período pré-colombiano. No que refere ao sistema de crenças pré-colombiano, era pautado no culto de vários deuses e tinha o auto sacrifício entre algumas de suas práticas religiosas, bem como, em determinados casos, o sacrifício de indígenas de outras etnias capturados em guerras.⁷¹ Segundo Santiago de Ávila Sandoval, as práticas desses sacrifícios poderiam proporcionar “(...) un elemento propiciatorio de la voluntad divina, con él se recuperaba la energía vital que mantenía el orden del universo. El mundo había sido creado por el sacrificio de los dioses”.⁷²

Já o “modelo” de educação existente no período pré-hispânico, proporcionava uma maneira de os indígenas continuarem a transmitir suas crenças e saberes para as próximas

Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 140.

⁷⁰ GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo. *Op. Cit.*, p.349.

⁷¹ ÁVILA SANDOVAL, Santiago. La vida cotidiana del ultimo tlatoani mexica. In: ESCALANTE GONZALBO, **História de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 501. Pablo (coord.). p.290.

⁷² *Ibidem*, p.290.

gerações. É importante mencionar que a estratificação social e política entre os grupos pré-colombianos se estendia à educação que recebiam os jovens indígenas. Esta estratificação separava as elites indígenas (*pipiltin*) da maioria das pessoas ditas comuns (*macehualtin*) e condicionava as elites indígenas a uma grande possibilidade de ascensão por meio da ocupação dos ofícios, pois recebiam uma educação diferenciada, o que possibilitava a obtenção de determinados cargos, honrarias e insígnias⁷³. Enrique Florescano afirma que os *pipiltin* que estudavam no *Calmécac* (escola dedicada à educação das elites) adquiriam uma educação diferenciada, resultando num aprendizado mais completo sobre vários conhecimentos, como os calendários, a história de sua etnia, a pintura, a leitura e a aprendizagem sobre a guerra.⁷⁴

O esquema sócio-político centralizador que a Coroa Espanhola tentou implementar nos primeiros momentos do processo colonial fragilizou a lógica de transmissão de crenças e do “modelo” de educação que eram adotados pelos indígenas. Os espanhóis, com o apoio da Igreja Católica e seus missionários, buscariam na conversão ao cristianismo um fator determinante para a mudança da religião e, por seguinte, a consolidação de sua política de afirmação da vassalagem à Coroa por parte dos indígenas cristianizados. Desta forma, Rodrigo da Silva menciona que os espanhóis trataram de extirpar a religião pré-hispânica destruindo templos, proibindo os cultos indígenas considerados pagãos e perseguindo seus praticantes, principalmente, por meio da inquisição⁷⁵ – que funcionou para os indígenas no princípio da colonização, obrigando-os a frequentarem as missas e os rituais do cristianismo. Assim, nos primeiros anos do processo de colonização na Nova Espanha, o impulso católico obrigava os indígenas a aprenderem a doutrina, assistirem às missas e festividades cristãs e realizarem o batismo.

Os primeiros missionários concentrarão sua atenção nos membros das elites indígenas e especialmente nos seus filhos⁷⁶. Nesse sentido, foram criados vários colégios que tinham como objetivo ensinar e educar os filhos das elites indígenas de acordo com a lógica dos valores culturais hispânicos e princípios cristãos, a exemplo do *Colégio Santa Cruz de Tlateloco*, fundado pelos franciscanos.

⁷³ FLORESCANO, Enrique. **Los Orígenes del poder en Mesoamérica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 428.

⁷⁴ FLORESCANO, Enrique. **Los Orígenes del poder en Mesoamérica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 428-429.

⁷⁵ CARRASCO, Pedro. La transformación de la cultura indígena durante la colonia. State University of New York at Stony Brook. **Historia Mexicana**, Mexico, p. 175-237, mai./mar., 2012, p.198.

⁷⁶ *Ibidem*, p.198-201.

De acordo com Pilar Gonzalbo, a educação ministrada por esses franciscanos estaria direcionada aos filhos das elites indígenas durante o período colonial e poderia ser dividida em três etapas: 1) Ensinar a leitura e escrita do latim; 2) Realizar a aprendizagem dos dogmas cristãos e os ritos católicos; 3) Proporcionar acesso dos membros das elites indígenas ao ensino “superior”⁷⁷.

Pilar Gonzalbo também disserta sobre o ensino superior na Nova Espanha, descrevendo que os descendentes das elites indígenas tinham a oportunidade de estudar várias disciplinas, como filosofia e teologia, aprimorando o domínio do Latim e da retórica. Por intermédio do aprendizado adquirido durante as três etapas mencionadas nos pontos anteriores, os herdeiros das elites indígenas poderiam receber títulos, como o de Bacharel⁷⁸. Esses estudos moldaram a formação intelectual de muitos membros das elites indígenas, como o cronista que será analisado nos próximos capítulos, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl.

Na perspectiva de Serge Gruzinski, essa educação realizada pelos agentes católicos, como os franciscanos, e que influenciou o pensamento nativo, fazia parte do esquema de transformação da mentalidade indígena empreendida pelos europeus e que permitiria a ocidentalização da linguagem nativa, ou seja, a transformação da concepção e ideia do mundo e seu sentido pelos nativos⁷⁹.

A educação adquirida pelos indígenas por intermédio dos missionários católicos possibilitou a modificação do pensamento nativo e, além disso, fortaleceu os laços de vassalagem das elites indígenas em relação à Coroa espanhola. Essa condição de vassalagem dos nativos fez com que fossem criadas leis sobre as condições política, social e econômica dos indígenas na colônia espanhola. Essas leis foram se estabelecendo a partir de debates, denúncias e pensamentos políticos sobre as situações em que se encontravam os indígenas.

Essas descrições e referências à situação dos nativos na Nova Espanha por meio das leis na primeira metade do século XVI receberam grande influência dos questionamentos desenvolvidos pelos missionários católicos sobre a situação dos nativos na América, como as denúncias referentes aos maus tratos que muitos indígenas sofriam nos períodos de conquista. Essas denúncias e outras inquietudes desses missionários católicos foram redigidas durante o

⁷⁷ GONZALBO, Pilar. El virreinato y el nuevo orden. In: TANCK DE ESTRADA, Dorothy (coord.). **La educación en México**. México: El Colegio de México, 2010, p.42-44.

⁷⁸ GONZALBO, Pilar. El virreinato y el nuevo orden. In: TANCK DE ESTRADA, Dorothy (coord.). **La educación en México**. México: El Colegio de México, 2010, p. 51-335.

⁷⁹ GRUZINSKI, Serge. A guerra das imagens e a ocidentalização da América. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 198.

governo dos Reis Católicos da Espanha, Fernando de Aragão e Isabel de Castela, cuja união fora concedida através das bulas papais⁸⁰.

Dentre os membros da Igreja Católica que estavam na Nova Espanha e que travavam debates sobre a situação dos indígenas em relação aos maus tratos realizados pelos espanhóis na Nova Espanha, podemos citar o padre dominicano Montesinos, quem, no ano de 1511, rodeado de encomendeiros em sua igreja, desenvolve um sermão criticando as más práticas estabelecidas pelos encomendeiros aos indígenas⁸¹:

*¿Con qué derecho, con qué justicia tenéis en tan cruel y horrible esclavitud a estos indios? ¿Con qué autoridad habéis hecho tan detestables guerras a estas gentes que estaban de manera mansa y pacífica en sus tierras, donde habéis matado y destruido un número infinito de ellos? ¿Cómo están tan oprimidos y cansados, sin comida y sin cura de sus enfermedades? ¿Acaso no son hombres? ¿Acaso no tienen alma racional? ¿Por qué no entendéis esto? ¿Cómo no os dais cuenta? (...) Tened en cuenta que en el estado en que os encontráis no os podréis salvar más que si fuerais moros y turcos a los que les falta y no quieren la fe de Cristo.*⁸²

Outro integrante da Igreja Católica que travou campanha contra os maus tratos aos indígenas foi o padre Bartolomé de Las Casas,⁸³ que, segundo Elliot, “defendia uma forma de reinado tutelar por parte de seus próprios governantes, que fornecesse as condições necessárias para a conversão dos índios, mas não os privasse dos direitos de propriedade e de governo”, que possuíam em decorrência da “lei natural”.⁸⁴O autor Alberto Oriz descreve que

⁸⁰SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais**. Niterói: ANPHLAC, 2014. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 20 Ag. 2018. p.1-2.

⁸¹DA SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira.*Ibidem.*, p.2.

⁸²CARRO VENANCIO, Diego Venancio. La “Communitas Orbis” y las rutas del Derecho Internacional según Francisco de Vitoria. Palencia: Imprenta Moderna, 1962, p. 35. In: SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais**. Niterói: ANPHLAC, 2014. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 4 Ag. 2018., p.2.

⁸³ Bartolomé de Las Casas (1484-1566) foi um frade dominicano espanhol, cronista, teólogo e bispo de Chiapas (México). ORIZ, Alberto. Los indígenas en el proceso colonial: Leyes jurídicas y la esclavitud. Anuario del Centro de la Universidad Nacional de Educación a Distancia en Calatayud, **UNED**, Espanha, nº 21, pp. 189-206, 2015, p. 197.

⁸⁴ELLIOTT, John H. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: América Latina Colonial**, vol. 1, São Paulo: Edusp, p.303.

essa voz ou ideia de Bartolomé de Las Casas se manifestou num modelo de discurso de defesa jurídica sobre os direitos dos indígenas, na medida em que índios eram súditos do Rei Espanhol.⁸⁵

Com base no pensamento aristotélico e tomista do século XVI, teólogos desenvolveram debates em torno dos direitos das comunidades não cristãs e dos direitos de conquista exercidos pela Coroa espanhola. Nesse sentido, Francisco de Vitória sugeriu “a ideia de um possível direito de tutela sobre os índios se se demonstrasse que eram seres irracionais necessitados de orientação. Outras perspectivas desenvolveram-se, como a de Juan Gines de Sepúlveda, que idealizava uma forma de controle paternalista dos índios, tutelados pelos encomenderos.⁸⁶

No tocante à legislação hispânica que tratou dos direitos indígenas podemos citar as “leis de Burgos”, de 1512, que reconheciam os indígenas como seres racionais e livres, trazendo novas considerações para o tratamento dos indígenas; e as leis das “Ordenanças”, sobre o bom tratamento que deveria ser oferecido aos indígenas, de 1526⁸⁷.

Além disso, foi estabelecida a bula papal de 1537, do Papa Paulo III, a Bula *Sublimis Deus*, que reconhecia a liberdade e humanidade dos povos indígenas⁸⁸:

Nós, que embora indignos, exercemos na terra o poder de Nosso Senhor, e lutamos por todos os meios para trazer o rebanho perdido ao redil que nos foi encomendado, consideramos, porém, que os índios são verdadeiros homens e que não só são capazes de entender a fé católica, mas também, de acordo com nossas informações, estão desejosos de recebê-la. Desejando prover remédios seguros para esses males, definimos e declaramos por estas nossas cartas (...) que, não obstante o que se tenha dito ou se possa dizer em contrário, os tais índios e todos os que mais tarde sejam descobertos pelos cristãos, não podem ser privados da sua liberdade por nenhum meio, nem das suas propriedades, mesmo que não estejam na fé de Jesus Cristo; e poderão

⁸⁵ ORIZ, Alberto. Los indígenas en el proceso colonial: Leyes jurídicas y la esclavitud. Anuario del Centro de la Universidad Nacional de Educación a Distancia en Calatayud, **UNED**, Espanha, nº 21, pp. 189-206, 2015, p. 188-198.

⁸⁶ ELLIOTT, John H. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: América Latina Colonial**, vol. 1, São Paulo: Edusp, p.302-304.

⁸⁷ SUÁREZ ROMERO, Miguel Ángel. La situación del índio durante la conquista española en América. **Revista de la Facultad de Derecho de México**, UNAM, México, n. 242, p. 229-260, 2004, p.249-254.

⁸⁸ SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais**. Niterói: ANPHLAC, 2014. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%200Silva.pdf>>. Acesso em: 4 Ag. 2018., p.3.

livre e legitimamente gozar da sua liberdade e das suas propriedades, e não serão escravos, e tudo quanto se fizer em contrário, será nulo e de nenhum efeito.⁸⁹

Essas reflexões em torno da situação dos direitos indígenas, a constituição de leis sobre essa temática e a bula papal supracitada influenciaram as políticas adotadas também posteriormente pelos espanhóis na Nova Espanha, isto é, de meados do século XVI até o seguinte, o que compreende o período do reinado de Felipe II da Espanha e de seus sucessores⁹⁰, contexto em que ocorreriam grandes mudanças no que concerne aos direitos das elites indígenas.

Como mencionamos, as mudanças nas posturas e ações da Coroa Espanhola seriam iniciadas no decorrer do século XVI. No contexto do governo de Carlos I da Espanha ou V da Alemanha⁹¹, ocorria o aumento do número de espanhóis ou de seus descendentes na América, a ampliação do conhecimento a respeito das novas terras, a implantação cada vez mais rápida das instituições hispânicas na América e a percepção de que a intermediação das elites indígenas não era tão necessária como no início⁹². Este último fator foi um dos motivos que levou a Coroa a criar as leis de 1542, as quais tinham como alguns de seus objetivos proibir o estabelecimento de novas encomendas, reconhecer os indígenas como “vassalos” da Coroa e separar os espanhóis dos indígenas através de duas repúblicas: “República de Índios”⁹³ e “República de Espanhóis”⁹⁴.

⁸⁹ HANKE, Lewis. La lucha por la Justicia en la Conquista de América. Madri: Istmo, 1988, p. 111 In: DA SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira. *Op. Cit.*, p.3-4.

⁹⁰ SUÁREZ ROMERO, Miguel Ángel. La situación del índio durante la conquista española en América. **Revista de la Facultad de Derecho de México**, UNAM, México, n. 242, p. 229-260, 2004, p.249.

⁹¹ Carlos I da Espanha e V da Alemanha. Na Espanha, Carlos reinou de 1516 até 1556 e conquistou vários territórios na América. RUS, Salvador. Carlos I de España y V de Alemania, un emperador europeo. **IESE**, Espanha, n. 57, maio./ jun., p. 1-4, 2010, p.1-2.

⁹² MENEGUS, Margarita. La destrucción del señorío indígena y la formación de la república de indios en Nueva España. In: BONILLA, Heraclio. **El sistema colonial en la América española**. Barcelona: Crítica, 1991, p. 32.

⁹³ No primeiro o estabelecimento da “República de Índios”, na perspectiva da Coroa espanhola, tinha o intuito de congrega os índios, reordenando as terras e desocupando-as para fundar povoados para espanhóis e mestiços. Este projeto começou com a administração do primeiro Vice-rei da Nova Espanha, Antonio Mendoza, que governou de 1535 até 1550. (BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 407- 413.)

⁹⁴ RAMINELLI, Ronald. Nobreza indígena da Nova Espanha. Alianças e conquistas. **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 27, p. 68-71, jun./ jul., 2009.p. 75.

As novas leis de 1542 impostas pela Coroa Espanhola, embora revogadas em 1545⁹⁵, iniciam um processo de centralização política e econômica sobre as questões jurídicas dos indígenas, o que, segundo Rodrigo Henrique Ferreira, poderia ter influência das teses propostas pelo dominicano Vitória sobre como deveria ser estruturada a sociedade política da Nova Espanha, conforme pode ser observado no trecho do oitavo título legítimo, que fora escrito por Vitória⁹⁶:

*(...) Otro título podría, no precisamente traerse, sino ponerse a estudio y parecer a algunos legítimo. Del cual no me atrevo a afirmar nada; pero tampoco me atrevo a condenarlo del todo. Y es éste: esos bárbaros, aun cuando, [...] no sean del todo amentes, poco distan, no obstante, de los amentes; y así parece que no son idóneos para constituir y administrar una República legitima, aun dentro de los términos humanos y civiles; por lo cual no tienen leyes convenientes ni magistrados; ni siquiera son idóneos para gobernar la familia; hasta carecen de letras y de artes, no sólo liberales sino mecánicas, de diligente agricultura, de artesanos y de otras muchas comodidades y aun necesidades de la vida humana. (...) Alguien, pues, pudiera decir que para utilidad de los bárbaros pueden los príncipes españoles encargarse de la administración de ellos y poner al frente de ellos por ciudades prefectos y gobernadores, y aun darles nuevos señores, mientras constase que les convenía así (...).*⁹⁷

Nesse sentido, influenciado pelos pensamentos eclesiásticos desenvolvidos nas primeiras décadas de colonização da Nova Espanha, como do dominicano Francisco de Vitória, a Coroa Espanhola, através de sua ideia de controle tutelar, desenvolve algumas legislações para a Nova Espanha, as quais modificam os direitos e privilégios dos indígenas, como a mudança imposta à arrecadação do tributo indígena, que foi o resultado da visita de Valderrama à Nova Espanha.

⁹⁵ GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo. La creación de Nueva España. In: COSÍO VILLEGAS, DANIEL. (coord.). **Historia General de Mexico**, Tombo I, México: HARLA, 1976, p.353.

⁹⁶ SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais**. Niterói: ANPHLAC, 2014.

Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 4 Ag. 2018., p.6.

⁹⁷VITORIA, F. Relecciones Teológicas. Madrid: Librería Religiosa Hernández, 1917, Tomo I, p. 85. Apud: SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais**. Niterói: ANPHLAC, 2014.

Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 4 Ag. 2018., p.11.

Valderrama chegou à colônia espanhola em 1562 e, depois de quatro anos, começou a visitar as terras indígenas, concluindo que a população nativa poderia pagar um tributo maior para a Coroa Espanhola devido à quantidade de produtos cultivados⁹⁸. Em resposta à análise de Valderrama, a Coroa, que estava sob o controle do rei Felipe II⁹⁹, aumentou a quantidade de tributo a ser arrecadado e decidiu que a taxa cobrada não seria restrita somente aos membros comuns, mas também às elites indígenas.

O responsável por controlar esses tributos, pagos tanto pelos indígenas quanto pelos espanhóis, era o vice-rei que, desde o governo de Mendoza (primeiro vice-rei), representaria a autoridade militar e política nas colônias, além da autoridade jurídica nas Audiências¹⁰⁰. Na Nova Espanha, o vice-rei era quem detinha esses poderes políticos, jurídicos e militares, mediante a autorização da Coroa Espanhola. De acordo com Bernardo Martínez García, o vice-rei comandava os governadores das provinciais, dos distritos pequenos e maiores¹⁰¹. Para conseguir atuar em tantos locais diferentes das colônias, os vice-reis teriam vários funcionários, que ocupariam diversos ofícios, como o de intérprete dos juizados, podendo ser ocupado por espanhóis ou indígenas.

Esse processo de reorganização administrativa na Nova Espanha possibilitou que os indígenas que faziam parte do grupo considerado como comum ou *macehuales* pudessem obter confirmação do vice-rei para exercerem ofícios e prestação de serviços de importância política e econômica na sociedade colonial, conseguindo uma maneira de garantir seus negócios. Essa realidade se intensificou a partir de 1580, diluindo as hierarquias políticas e sociais estabelecidas entre os indígenas comuns e aqueles que pertenceriam às elites indígenas¹⁰², fazendo com que estes últimos fossem perdendo seu poder, prestígio e privilégios na sociedade colonial, tanto dentro das comunidades indígenas como fora delas.

Nesse contexto de diminuição de privilégios e direitos sociais e políticos das elites indígenas na Nova Espanha, foram escritas várias crônicas sobre os períodos pré-hispânico até

⁹⁸ MENEGUS, Margarita. La destrucción del señorío indígena y la formación de la república de indios en Nueva España. In: BONILLA, Heraclio. **El sistema colonial en la América española**. Barcelona: Crítica, 1991, p. 34.

⁹⁹ Felipe II reinou na Espanha entre 1556 e 1598 e teve um projeto de governo absolutista. (MIRANDA DE, Marcella F. G. M. **Aspecto práticos de uma teoria absoluta**. (Tese de Mestrado em História). 184 f. Departamento de pós-graduação em história social, USP, São Paulo, 2014, p.14.)

¹⁰⁰ ELLIOTT, John H. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina: **América Latina Colonial**, vol. 1, São Paulo: Edusp, p.289-291.

¹⁰¹ GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo. La creación de Nueva España. In: COSÍO VILLEGAS, DANIEL. (coord.). **Historia General de Mexico**, Tombo I, México: HARLA, 1976, p.355.

¹⁰² GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo. Op. Cit, p.446.

a chegada dos espanhóis. Dentre essas crônicas, podemos destacar aquelas produzidas pelos indígenas, os quais buscariam, através destes documentos, ressaltar os elementos culturais de sua etnia que consideravam relevantes, como a manutenção das diferenciações sociais e políticas entre os *pipiltin* e os *macehuales*.

1.4- Cronistas indígenas da Nova Espanha: Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, Chimalpahin e Tezozómoc

A maioria das crônicas indígenas elaboradas nos séculos XVI e XVII foi escrita por descendentes das elites nativas através do apoio de diferentes tipos de fontes que retratavam o passado pré-hispânico, como os antigos códices e os relatos orais dos anciões das etnias indígenas. A elaboração desses textos contribuiu para a preservação de alguns aspectos das culturas indígenas.

No que se refere à constituição dessas crônicas, algumas apresentam elementos da cultura europeia, como a contagem do tempo a partir do nascimento de Cristo. A influência da cultura ocidental nos textos sobre a história indígena ocorreu devido à educação diferenciada que esses indivíduos que pertenciam às elites indígenas recebiam no período colonial¹⁰³ nos colégios sob o comando de missionários, especialmente dos franciscanos, no caso do México Central. Dentre os cronistas destes séculos na Nova Espanha estão os autores Tezozomoc, Chimalpahin e Ixtlilxóchitl.

Fernando de Alva Ixtlilxóchitl nasceu entre 1578 e 1580¹⁰⁴, sendo, por parte de mãe, descendente da linhagem governante da cidade de *Texcoco*¹⁰⁵. Estudou seis anos no Colégio *Imperial de Santa Cruz de Tlatelolco* e mais tarde tornou-se Bacharel em Teologia¹⁰⁶. A educação adquirida por Ixtlilxóchitl influenciou seu modo de escrita e pesquisa na elaboração de seus textos.

Os textos produzidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, começaram a ser construídos a partir de 1608, tendo como fontes os códices que continham histórias relacionadas à origem de sua etnia, relatos orais e pesquisas em documentos coloniais, de acordo com informações

¹⁰³ FLORESCANO, Enrique. **Los Orígenes del poder en Mesoamérica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 428-429.

¹⁰⁴ CARRERA STAMPA, Manuel. Historiadores indígenas y mestizos novohispanos. Siglo XVI-XVII. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, v. 6, n. 1, p. 205- 243, 1971, p.19.

¹⁰⁵ ANDERS, Ferdinand; JANSEN, Maarten; GARCÍA, Luis Reyes; et. al. (org).Códice Ixtlilxochitl. Apuntaciones y pinturas de un historiador. **Estudio de un documento colonial que trata del calendario naua**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 16.

¹⁰⁶ CARRERA STAMPA, Manuel. Op. Cit., p. 19

do próprio autor¹⁰⁷. O estudo desses documentos diversos deu origem a cinco temáticas sobre os descendentes de *Texcoco*: origem e destruição dos *Toltecas*, chegada dos *chichimecas* ao Vale do México, a formação e a história da linhagem texcocana, a chegada dos espanhóis e, por fim, a relação entre os *Tlatoque* e os espanhóis. Todos esses temas estão distribuídos em diversos escritos de sua autoria: *Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en la Nueva España*¹⁰⁸, *Relación sucinta*¹⁰⁹, *Compendio histórico del Reino de Texcoco*¹¹⁰, *Sumaria relación de la Historia General*¹¹¹ e *Historia de la nación chichimeca*¹¹².

Inicialmente, esses documentos ficaram no “acervo” de Ixtlilxóchtil, tendo sido passados para seu filho, Don Juan Luis, quem doou para o amigo Carlos de Sigüenza e Góngora, o qual, por sua vez, também fez, em 1700, a doação de parte de sua coleção para o Colégio Máximo de San Pedro¹¹³. Esta biblioteca esteve sob a direção dos jesuítas. Após a expulsão dos jesuítas da colônia espanhola, os documentos foram levados para onde se encontram atualmente, na Biblioteca Real e na Pontifícia Universidade de México.

Assim como Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Hernando de Alvarado Tezozomoc (1523-1610) foi um cronista e historiador indígena que pertenceu à elite indígena do centro do México, especificamente de México-Tenochtitlan, pois sua mãe era Francisca de Motecuhzoma, filha de Motecuhzoma II ou Motecuhzoma Xocoyotzin, o XIX *tlatoani* de México-Tenochtitlan; e seu pai, Diego Alvarado Huanitzin, era descendente de Axayácatl, o IV *tlatoani* da mesma cidade.

Hernando de Alvarado Tezozomoc, quando jovem, foi alfabetizado pelos franciscanos¹¹⁴, o que possibilitou que no ano de 1598¹¹⁵ pudesse ocupar o cargo de intérprete mexicana nas Audiências Reais que aconteciam no México. Além disso, também foi

¹⁰⁷ ANDERS, Ferdinand; JANSEN, Maarten; GARCÍA, Luis Reyes; et. al. (org.). *Códice Ixtlilxochitl. Apuntaciones y pinturas de un historiador. Estudio de un documento colonial que trata del calendario nahuatl*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 17.

¹⁰⁸ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 263- 393.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p.398- 413.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 414-520.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 521-562

¹¹² IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975, p. 7- 260.

¹¹³ROSSELL, Cecilia. *Estilo y escritura en la Historia tolteca chichimeca. Desacatos*, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, México, v. 1, n. 22, p. 65-92, jul./ set., 2006, p. 28.

¹¹⁴JOSÉ DANERI, Juan. **El agua a su molino. Tres historiadores novohispanos y sus crónicas en castellano**: Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Hernando Alvarado Tezozomoc, Diego Muñoz Carmargo. 2002. 235f. Dissertação, (Doutorado em filosofia) - Department of Romance Languages and Literatures, Washington University, Missouri, Estados Unidos, 2002, p. 160.

¹¹⁵CARRERA STAMPA, Manuel. *Historiadores indígenas y mestizos novohispanos. Siglos XVI-XVII. Revista Española de Antropología Americana*, Universidad Complutense de Madrid, Espanha, v. 1, n. 6, p. 205-244, 1971, p. 217.

considerado um historiador indígena, por causa da produção de crônicas nas quais se propunha a contar as histórias das populações indígenas do Vale do México. Dentre as crônicas redigidas por Hernando de Alvarado Tezozomoc, está a chamada “Crônica Mexicana”¹¹⁶ (1598-1609), que possui 112 capítulos em espanhol com os seguintes temas: a origem dos mexicas, as peregrinações e conquistas dos períodos anteriores à chegada dos espanhóis, e o estabelecimento dos espanhóis no México.¹¹⁷

Os historiadores atuais não têm muitas informações sobre o que aconteceu com a crônica original, mas sabe-se que a Crônica Mexicana em sua versão em espanhol já pertenceu a Lorenzo Boturini e que deste manuscrito se originaram algumas cópias. A primeira cópia publicada apareceu no ano de 1848, realizada por Kinsborough, mas esta edição não teve muita visibilidade na época, devido à dificuldade de acesso. Em 1878, Manuel Orozco y Berra publicou outra edição, que teve uma difusão melhor, cujo texto foi utilizado nesta pesquisa.¹¹⁸ Atualmente, o manuscrito mais antigo se encontra na biblioteca do Congresso, em Washington, Estados Unidos.¹¹⁹

Nessa sequência de autores com ancestralidade indígena, também podemos mencionar Domingo Francisco de San Antón Muñón Chimalpáhin Cuautlehuantzin que foi um cronista e historiador mestiço, descendente da elite indígena da cidade de Amaquemecan Chalco. Quando criança Chimalpáhin mudou-se para a Cidade do México, local em que foi educado pelos franciscanos. Em 1607, Chimalpáhin começou a escrever, em náhuatl¹²⁰, uma sequência de textos nomeados *Relaciones*, que contam as histórias das populações indígenas que residiam no Vale do México.

No entanto, apesar de Chimalpáhin ter desenvolvido várias obras históricas, em comparação com as obras de outros cronistas *nahuas* e mestiços, como Tezozómoc e Ixtlilxóchtli, suas *Relaciones* foram poucas vezes estudadas, principalmente porque seus textos são de difícil acesso, pois os pesquisadores precisam recorrer às traduções parciais dos

¹¹⁶ALVARADO TEZOZÓMOC, Hernando. Crónica Mexicana. In: OROZCO, Manuel. **Códice Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878.

¹¹⁷CARRERA STAMPA, Manuel. Op. Cit, p. 217-218.

¹¹⁸DÍAZ MIGOYO, Gonzalo. La crónica indígena mexicana: otro aspecto de la “visión de los vencidos”. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISPANISTAS DEL SIGLO DE ORO, 2., 1990, Salamanca/Valladolid. **Actas**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1993, p. 285-288. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/02/aiso_2_1_026.pdf. Acesso em: 1 Nov. 2018. , p. 286.

¹¹⁹ROMERO GALVÁN, José Rubén. **Los privilegios perdidos: Hernando Alvarado Tezozómoc, su tiempo, su nobleza y su crónica mexicana**. México: UNAM, 2003, p. 106.

¹²⁰BENOIST, Valérie. La construcción de una comunidad nahua española en las relaciones de Chimalpahin. **Estudios de Cultura Náhuatl**, UNAM, México, p. 205-218, v. 34, 2003, p. 205.

manuscritos, que foram feitas nas línguas espanhola, alemã e francesa.¹²¹ Dentre estas traduções das *Relaciones*, referidas nesta pesquisa, estão a *Setima Relación*, traduzida por Josefina García Quintana¹²², e a *Cuarta Relación*, por Rafael Tena¹²³, ambas traduzidas do *nahuatl* para a língua espanhola.

No caso da *Setima Relación* de Chimalpáhin, o objetivo central era destacar a história dos grupos étnicos de Chalco Amaquemecan, relacionando-a com a formação de sua identidade e o início da migração Mexica. Assim, Chimalpáhin começa a entrelaçar a história de sua etnia com a dos demais grupos do Vale do México¹²⁴. Já a *Cuarta Relación* trata da história da formação das etnias do Vale do México, na qual Chimalpáhin faz associações entre a história da tradição *nahua* e a cristã-ocidental.¹²⁵

Cabe mencionar que para a construção dessas *Relaciones* Chimalpáhin utilizou diversas fontes *nahuas*, desde códices pictográficos a informações orais dos anciões indígenas.¹²⁶ Estas fontes distintas possibilitaram a Chimalpáhin obter as informações para a elaboração das sequências das *Relaciones*. Após a finalização das *Relaciones*, os textos ficaram sob a responsabilidade do próprio Chimalpáhin até a sua morte, quando passou às mãos de Carlos de Sigüenza y Góngora, um professor de matemática da Universidade do México que se interessava pela história do México. Carlos de Sigüenza y Góngora, antes de sua morte, no ano de 1700, levou os documentos para a Biblioteca do Colégio Jesuíta de San Pablo y San Pedro, de onde desapareceram. Em 1792, cópias dos documentos reapareceram entre as coleções de Don Lorenzo Boturini, tendo passado, com sua morte, para Joseph Marie Alexis Aubin, quem, no ano de 1889, os vendeu para Eugène Goupil, tendo este permanecido

¹²¹ BENOIST, Valérie. La construcción de una comunidad nahua española en las relaciones de Chimalpahin. **Estudios de Cultura Náhuatl**, UNAM, México, p. 205-218, v. 34, 2003, p. 205.

¹²² CHIMALPAHIN CUAUTHLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñon. **Séptima relación de las diferentes historias originales**. Trad. Josefina García Quintana. México: Instituto de Investigaciones Históricas - UNAM, 2003. In: CARBONE, Carla de Jesus. **Chicomoztoc, o Lugar das sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)**. 2014. 274 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

¹²³ CHIMALPAHIN CUAUTHLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñon. Cuarta relación. In: **Las ocho relaciones y el memorial de Colhuacan**. Trad. Rafael Tena. México: Conaculta, 2003.

¹²⁴ CARBONE, Carla de Jesus. **Chicomoztoc, o Lugar das sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial(1540-1630)**. 2014. 274 f. Dissertação(Mestrado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 59.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 59-60.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 60-61.

com os documentos até a sua morte, em 1998.¹²⁷ Nessa ocasião, os documentos foram levados para a Biblioteca Nacional de França, em Paris, onde estão atualmente, catalogados como “manuscritos mexicanos”¹²⁸.

Produzidos de diferentes maneiras essas crônicas elaboradas por esses três cronistas (Ixtlilxóchitl, Tezozomoc e Chimalpáhin) retratam as histórias de suas etnias, porém, os textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl permitem visualizar de que maneira foram construídas as histórias das genealogias *chichimecas* e *toltecas* e como esses textos se tornaram tão importante para autores, como Carlos de Sigüenza e Góngora, para a se entender a constituição do poder social e político que as elites indígenas dessas etnias foram adquirindo desde o período pré-hispânico até a chegada dos espanhóis.

¹²⁷BENOIST, Valérie. La construcción de una comunidad nahua española en las relaciones de Chimalpahin. **Estudios de Cultura Náhuatl**, UNAM, México, p. 205-218, v. 34, 2003, p. 205.

¹²⁸CARBONE, Carla de Jesus. Op. Cit, p. 56- 65.

CAPÍTULO II – CRÔNICAS NATIVAS DO MÉXICO CENTRAL: ESCRITA, AFIRMAÇÃO E RETÓRICA DAS ELITES INDÍGENAS

2.1- Modelos, gêneros e escrita das crônicas indígenas na Nova Espanha

“(...) book is an ark of deposit in which, by means of essential information or things, those things which belong to the information and clarity of understanding are deposited.”¹²⁹

Entre o século XVI e XVII, na região da Nova Espanha, ocorreu grande atividade na elaboração do que se denomina crônica¹³⁰. Esta intensa atividade correspondia aos anseios de descrever as novas descobertas geográficas, tratar da conquista e do estabelecimento dos espanhóis no Novo Mundo, debater a legitimidade da conquista e dos direitos patrimoniais. As *Crônicas de Índias* formam um conjunto complexo de documentos, de difícil classificação. Para discutir a elaboração das crônicas, faz-se necessário pensar nas tipologias textuais que existiam nos séculos XVI e XVII, incluindo as *Cartas Relatorias*, *Relaciones* e *Histórias*, as quais apresentam como um de seus elementos o propósito de comunicar ou informar sobre os acontecimentos históricos¹³¹ usando adaptações dos modelos da escrita medieval, como a utilização de uma cronologia linear do tempo¹³². Com efeito, *“el viejo molde medieval se adapta a la nueva situación comunicativa, recreando una tradición textual que mostrará plena eficacia para la transmisión de los sucesos e historias de América”*.¹³³

A respeito das tipologias textuais mencionadas, as *Cartas Relatorias*¹³⁴ correspondem às narrativas de acontecimentos que estão situados em um determinado período cronológico, e também possuem como característica a existência de um destinatário concreto. Cabe destacar

¹²⁹ MIGNOLO, Walter. Signs and their transmission: the question of the book in the New World. In: BOONE, Elizabeth Hill; MIGNOLO, Walter (ed.). **Writing without words**. Durham : Duke University Press, 1994, p.220-221.

¹³⁰ SOUZA, Thiago Bastos. A **“escrita Franciscana” dos Novos Mundos**: crônicas e historiografia no século XVI. 2016. 167f. (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, 2016, p.19-21.

¹³¹ GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. **Claves para comprender las Crônicas de Índias**. Espanha: MCGRAW-HILL, 2012, p. 13-15.

¹³² *Ibidem*, p. 1-2.

¹³³ *Ibidem*, p.2.

¹³⁴ *Ibidem*, p.2

que as *cartas relatorias* descreviam os acontecimentos ligados à conquista do Novo Mundo, mas seguiam modelos ligados à tradição epistolar clássica, às convenções da retórica, da arte de escrever cartas, que eram utilizadas na Baixa Idade Média e na Renascença.¹³⁵

As *Relaciones*¹³⁶ configuram um texto que contém sucessivos acontecimentos. Podem ser subjetivas e, muitas vezes, se baseiam em um questionário apresentado pela Coroa. Em suma, as *relaciones* são textos que consistem em informes que foram pedidos pela Coroa. As *relaciones* foram escritas por “homens de letras”, mas sem se basear nos modelos clássicos de escrita, por se inspirarem em modelos construídos para atender às necessidades práticas, como as ligadas à reunião e organização de informações sobre as conquistas do Novo Mundo.¹³⁷

A História¹³⁸ é um tipo de narrativa de acontecimentos ou ações, sem estar ligada necessariamente a uma experiência pessoal, na definição de García e Lorenzo. Mas, ao analisarmos outros autores, constatamos que a tarefa de definir o que significava “História” nos séculos XVI e XVII é bem mais complexa. De acordo com Mignolo, encontramos alguns escritos do século XVI em que o vocabulário “crônica” surgiu como sinônimo de História. Apesar disto, o autor tenta esclarecer quais foram as mudanças dos sentidos em torno dos vocábulos. Assim, Mignolo explica que “historia”, conforme os gregos antigos, significava “formular perguntas imperiosas às testemunhas oculares” ou o informe do visto e do aprendido por meio das perguntas, sem ter relação com o componente temporal. Por isso Tácito chamava de “anais” aos informes sobre o passado e denominava de “história” o informe dos tempos coetâneos, isto é, contemporâneos ao que era vivido.¹³⁹

Segundo Koselleck, esta antiga distinção entre *historia* como relato dos acontecimentos contemporâneos e *annales* como relato dos acontecimentos do passado tendeu a desaparecer e, na Idade Média, a ideia de história também era configurada como uma narração das ações passadas, que era vista como um campo auxiliar da gramática e retórica, na qual os relatos tendiam a ser afastados da fábula e da poesia para serem associados a um relato com grau de veracidade.¹⁴⁰ De acordo com Koselleck, o conhecimento do passado deveria ser útil, exemplar, pois a história era entendida como “mestra da vida”. Os exemplos

¹³⁵ MARRENO-FRENTE, Raúl. **Al margen de la tradición**. Espanha: Fundamentos, 1999, p.96-97.

¹³⁶ GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. **Claves para comprender las Crónicas de Índias**. Espanha: MCGRAW-HILL, 2012, p.2.

¹³⁷ MIGNOLO, Walter, “Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y de la conquista” . In: IÑIGO MADRIGAL, Luis. **Historia de la literatura hispanoamericana**. Madrid: Cátedra, 1981, p. 75.

¹³⁸ GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. Op. Cit, p.2.

¹³⁹ MIGNOLO, Walter. Op.Cit, p. 75.

¹⁴⁰ KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 69,77.

da história deviam servir de “alimento inicial para a alma”, por terem sido fornecidos pela própria Providência Divina. Assim, a história da humanidade e a história da salvação deveriam convergir, tal como a história geral e a história bíblica.¹⁴¹

Já a ideia de “crônica” seria o informe sobre o passado ou a anotação dos acontecimentos do presente estruturados em ordem temporal, uma lista sequencial das datas dos acontecimentos que se pretendia manter na memória. Segundo Mignolo, na Era Moderna, era possível encontrar crônicas que se assemelhavam a histórias, o que, de acordo com os letrados da época, significava que as crônicas estavam deixando de ser simples relatos secos, ordenados, pois – tal como a história – estavam sendo escritas conforme os modelos retóricos da época.¹⁴²

No verbete “coronica” do *Tesoro de la lengua castellana*, de Sebastián de Covarrubias Orozco, publicado no século XVII, o autor define crônica associada aos relatos históricos que destacam e retratam a vida dos reis ao longo do tempo. Assim, segundo Covarrubias Orozco “*Los Reyes y Principes deven ler, o escuchar las coronicas donde estan las hazañas de sus passados, y lo que deuen imitar y huir*”.¹⁴³

Destaca-se no verbete citado a dimensão pedagógica e moral da história, isto é, aprender com o passado, procedimento a que reis e príncipes foram orientados: ler ou ouvir as façanhas do passado descritas nas crônicas, para imitá-las.

De fato, as crônicas se tornariam escritos importantes entre os séculos XV e XVI para alguns estados monárquicos do Ocidente, como a Espanha. Famílias de comerciantes e outros indivíduos que ocupavam cargos de alguma relevância nas províncias espanholas procurariam os cronistas para que estes elaborassem histórias que poderiam realçar o passado de antepassados, reforçando seu ilustre status social frente à nobreza antiga de suas cidades.¹⁴⁴ Assim, os cronistas realizavam pesquisas genealógicas para ressaltar a ancestralidade honrosa e digna das famílias que solicitavam os seus serviços.¹⁴⁵

¹⁴¹KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 80-81.

¹⁴²MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y de la conquista”. In: IÑIGO MADRIGAL, Luis. **Historia de la literatura hispanoamericana**. Madrid: Cátedra, 1981, p. 75.

¹⁴³COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de. **Tesoro de la lengua castellana o español**. Madrid: Place , 1611. Disponível em: <[HTTP://fondosdigitales.us.es/fondos/libros/765/16/tesoro-de-la-lengua-castellana-oespanola/](http://fondosdigitales.us.es/fondos/libros/765/16/tesoro-de-la-lengua-castellana-oespanola/)>. Acesso em: 16 Ago. 2017.

¹⁴⁴KAGAN, Richard L. Vendendo a história: historiadores e genealogias na Espanha moderna. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes; CALAINHO, Daniela Buono; FEITLER, Bruno; FLORES, Jorge (org.). **Raízes do Privilégio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 20-30.

¹⁴⁵*Ibidem*, p. 36-37.

As formas de dissertar, constituídas pelas crônicas em regiões ocidentais, foram transpostas pelos hispânicos para as terras americanas durante o processo de colonização, gerando a elaboração de várias crônicas produzidas em terras da Nova Espanha.¹⁴⁶

Dentre os diferentes gêneros das crônicas elaboradas na América Espanhola estão incluídas as crônicas nativas que foram produzidas pelas elites indígenas, por meio de uma narrativa que se reporta à tradição das etnias por intermédio de estruturas textuais ocidentais que foram apreendidas pelas elites indígenas nos colégios franciscanos¹⁴⁷. Esta configuração peculiar de escrita das crônicas indígenas, gerada por adaptação cultural¹⁴⁸, pode ser visualizada ao comparamos as crônicas elaboradas pelos espanhóis e indígenas no século XVI e XVII.

Para tal, começaremos a mencionar sobre as crônicas produzidas na Nova Espanha a partir das crônicas produzidas pelos viajantes, comerciantes e soldados espanhóis¹⁴⁹, tendo como horizonte que uma grande quantidade dessas crônicas escritas por esses espanhóis foi elaborada com a intenção de informar ou relatar à Coroa Espanhola sobre os principais aspectos sociais, políticos e econômicos que estavam presentes no cotidiano da Nova Espanha.¹⁵⁰

Embora não exista um modelo universal de escrita para as crônicas produzidas na Nova Espanha, podemos considerar, de acordo com García e Lorenzo, que as crônicas dos espanhóis produzidas nas terras americanas poderiam ser elaboradas por meio de três critérios: 1) a experiência pessoal: os feitos são narrados em primeira pessoa; 2) as fontes orais: os autores procuram os testemunhos de pessoas que detêm participação nas ações e acontecimentos relatados; 3) as fontes escritas: os autores reforçam seus argumentos com os testemunhos escritos que foram publicados.¹⁵¹

¹⁴⁶ FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; KALIL, Luis Guilherme Assis. A historiografia sobre as crônicas americanas. In: DOMÍNGUEZ, L.S.; FERNANDES, L.E.O.; KALIL, L. G.A.; KARNAL, L. (org.). **Cronistas do Caribe**. Campinas: Unicamp-IFCH, 2012, p. 47.

¹⁴⁷ GONZALBO, Pilar. La educación en América y Filipinas. In: DELGAGO CRIADO, Buenaventura (org.). **História de la educación en España y América: la educación en la España Moderna (siglos XVI-XVIII)**. Vol. II. Madrid: Morata, 1993, p.42-43.

¹⁴⁸ O conceito de adaptação cultural compreende a idéia de transformação das culturas. (ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios aldeados no Rio de Janeiro Colonial- Novos súditos Cristãos do Império Português**. 2010. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Unicamp, São Paulo, 2010, p. 12).

¹⁴⁹ CÁNIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a história do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 31.

¹⁵⁰ ZAVALA, Silvo. Um tesoro de cultura regiomontana. In: REYES, Alfonso. **Homenaje a don Francisco Gamoneda**. México: Imprenta Universitaria, 1946, p. 563.

¹⁵¹ GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. Op.Cit, p.14-15.

Nesse modelo de escrita baseado nos três critérios supracitados, podemos incluir a crônica *Verdadeira Historia de la conquista de la Nueva España*, do autor Bernal Díaz del Castillo, cuja primeira edição é de 1632.¹⁵² Nessa crônica, Bernal Díaz del Castillo discorre sobre o processo de conquista da Nova Espanha, destacando que os seus relatos foram concebidos a partir de testemunhos e documentos escritos:

(...) para dar más crédito a lo que he dicho, que diese testigos y razones de algunos coronistas que lo hayan escrito, como suelen poner y alegar los que escriben, y aprueban con otros libros de cosas pasadas, y no decir, como digo tan secamente, esto hice y tal me acaeció, porque yo no soy testigo de mí mismo.¹⁵³

Entre os diferentes gêneros de crônicas escritas pelos espanhóis estão incluídas aquelas produzidas por autores que pertenciam à ordem religiosa franciscana. Essas crônicas eram construídas fazendo uso dos registros orais e também de diversos documentos indígenas¹⁵⁴, como os códices¹⁵⁵, o que permitia que os franciscanos pudessem entender as tradições culturais indígenas e, por conseguinte, encontrar estratégias e recursos para efetuar a evangelização dos nativos na América Espanhola.¹⁵⁶ Uma dessas crônicas é a *Historia General de las Cosas de Nueva España*, de Frei Bernardino de Sahagún, que foi produzida e elaborada a partir dos testemunhos de vários anciões indígenas, os quais foram registrados e transcritos para diversos documentos, com o intuito de compreender o cotidiano das sociedades indígenas pré-colombianas do México Central¹⁵⁷. Seguem, no trecho abaixo, os relatos de Frei Bernardino de Sahagún sobre como eram adquiridos os testemunhos orais dos anciões indígenas, que foram essenciais para a construção de sua crônica:

¹⁵² SOUZA, Guilherme Queiroz de. **A mentalidade de cruzada na conquista de México-Tenochtitlán**. 2010. 190 f. (Mestrado em História) - Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas, UFSJ, Minas Gerais, 2010, p.21.

¹⁵³ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México: Editorial Porrúa, 1976, p. 29.

¹⁵⁴ BURKHART, Louise M. **The Slippery Earth: Nahuatl-Christian Moral Dialogue in Sixteenth Century México**. Arizona: The University of Arizona Press, 1989, p.10-11.

¹⁵⁵ A nomenclatura de códice ou *codex* começa a ser utilizada pelos historiadores e arqueólogos no século XIX, fazendo referência aos registros escritos em pinturas feitos pelos indígenas. Os códices são manuscritos formados por grandes tiras enroladas ou em formato de biombo, em papel de amate ou pele de veado, ou grandes pedaços de papel ou pele, em formato de mapa (ALCINA, José Franch. **Códices Mexicanos**. Madrid: MAPFRE, 1992, p. 15-16).

¹⁵⁶ BURKHART, Louise M. Op.Cit, p.8.

¹⁵⁷ ALVIM, Márcia Helena. Um franciscano no Novo Mundo: Frei Bernardino de Sahagún e sua *Historia General de las cosas de Nueva España*. **Revista Eletrônica PUCRS**, Rio Grande do Sul, v. 31, n. 1, p. 51-60, 2006, p. 55.

(...) hice juntar todos los principales con el señor del pueblo, que se llamaba D. Diego de Mendoza, hombre anciano, de gran marco y habilidad (...). Habéndolos juntado, propúlseles lo que pretendía hacer, y pedirles me diesen personas hábiles y experimentados con quien pudiese platicar y me supiesen dar razón de lo que les preguntase (...).¹⁵⁸

É importante destacar que mesmo estando atentos a entender e relatar o cotidiano e a história das sociedades que compunham a Nova Espanha, os franciscanos visualizariam os nativos como aqueles que eram submissos e indefesos e, portanto, precisariam ser orientados para que pudessem moldar suas atitudes e, por seguinte, os libertar de seus comportamentos pagãos.¹⁵⁹ Essa dimensão de pensar em modificar as ações dos nativos esteve presente nos relatos de algumas crônicas europeias do século XVI, que apresentariam os indígenas com caráter primitivo e degenerado, o que configurava retratos negativos em relação à natureza e à história dos povos indígenas da América.¹⁶⁰

Sob o contexto dos relatos negativos sobre as populações nativas presentes em algumas crônicas europeias, surgiram na América Espanhola os diferentes gêneros de crônicas nativas (escritas em *náhuatl*¹⁶¹ ou castelhano e, em sua maioria, produzidas pelas elites indígenas, por mestiços¹⁶² ou *criollos*¹⁶³). Essas crônicas nativas eram, em alguns momentos, destinadas às autoridades espanholas na América, seguindo uma lógica de produção com respaldo político e oficial, abarcando o que o pesquisador Francisco Esteve-

¹⁵⁸SAHAGÚN, Fr. Bernardino. **Historia General de las Cosas de Nueva España**. México: Porrúa, 1999, p.3-4.

¹⁵⁹ ALVIM, Márcia Helena. **Dos céus da terra: astrologia judiciária e descrição da superfície terrestre nos relatos missionários da Nova Espanha do século XVI**. 2007. 290f. (Doutorado em Ciências)- Instituto de Geociências, Pós-graduação em ensino de História de Ciências da Terra, Unicamp, São Paulo, 2007, p. 19-20.

¹⁶⁰CÃNIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a história do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 19.

¹⁶¹ Originária do período pré-hispânico, a língua *náhuatl* pode significar “antigo relato de la palabra”. As etnias que falavam a língua *náhuatl* eram chamadas de *nahuas* (LÉON-PORTILLA, Miguel. El binomio oralidad y códigos en Mesoamérica. **Estudios de Cultura Nahuatl**, UNAM, México, v. 27, n. 1, p. 135-154, 1997, p. 134-138).

¹⁶² No século XVI a categoria de mestiço passa a compreender aqueles que descendem de pais espanhóis e mães indígenas, “misturando” assim as origens sanguíneas (SÁ, Eliane. Mestiço: entre a história, o mito e a utopia. Reflexões sobre a mestiçagem. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 4., 2000. Salvador. **Anais**. USP, 2000. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/eliane_garcindo_de_sa.pdf>. Acesso em: 8 Ag.2018, p.9-10).

¹⁶³ As elites imperiais da Europa que decidiram permanecer nas Américas podem ser consideradas crioulas (XAVIER, Ângela Barreto; SANTOS, Catarina Madeira. **Cultura intelectual das elites coloniais**. Cultura revista de História e Teoria das idéias, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, v. 24, p. 9-33, 2007, p. 11).

Barba chama de Historiografia Indiana, ou seja, uma escrita desenvolvida durante a colonização espanhola na América que se configura através de vários gêneros textuais e que foi produzida por conquistadores, viajantes, descobridores, religiosos, mestiços, indígenas e etc.¹⁶⁴

No que se refere às crônicas indígenas, seus autores utilizariam alguns modelos de escrita espanhóis para relatar e exaltar as raízes culturais do passado indígena¹⁶⁵. Por exemplo, na maioria dessas narrativas produzidas pelas elites indígenas encontramos a utilização da *contagem* do tempo conforme o modelo europeu Cristão¹⁶⁶, assim, esses textos possuem uma cronologia que tem como seu marco temporal o nascimento de Cristo e a ideia da construção de um tempo progressivo. Essa *contagem* de tempo conforme o modelo europeu cristão rompe com a concepção cronológica que os indígenas utilizavam no período pré-hispânico para descrever as suas histórias, já que estas eram fundamentadas na noção de tempo cíclico, em alguns momentos diacrônicos¹⁶⁷.

Especificadamente, sobre o uso dos modelos de escrita europeia utilizados nas narrativas das crônicas indígenas que pertencem às etnias *nahuas*, é importante compreender que os *nahuas*, ao entrarem em contato regular com os hispânicos, adaptaram a sua cultura à cultura do outro, os espanhóis.¹⁶⁸

No século XVI e XVII, essas adaptações culturais das etnias *nahuas* se inscreveram nas crônicas nativas, graças, principalmente, aos ensinamentos católicos que os indígenas recebiam das diferentes ordens religiosas que existiam na Nova Espanha. Esses ensinamentos eram intensos para os filhos das elites indígenas que estudavam em colégios católicos no

¹⁶⁴ ESTEVE-BARBA, F. **Historiografia Indiana**, Apud: SOUZA, Thiago Bastos. **A “escrita Franciscana” dos Novos Mundos: crônicas e historiografia no século XVI**. 2016. 167f. (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, 2016, p. 11.

¹⁶⁵ É importante mencionar que em algumas crônicas indígenas, escritas no período colonial, seus autores escrevem as histórias de seus textos destacando as atitudes e ações de algumas etnias rivais de forma negativa, criando uma ideia de barbárie. (OROZCO Y BERRA. Manuel. Noticias de Tezozomoc y de sus escritos. Cronologia Mexicana. In: ALVARADO TEZOZÓMOC, Hernando. **Crónica Mexicana**. apud OROZCO, Manuel. **Códice Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878, p. 160).

¹⁶⁶ BURKHART, Louise M. **The slippery earth: nahua-christian moral dialogue in Sixteenth Century México**. Arizona: The University of Arizona Press, 1989, p.6-7.

¹⁶⁷ SANTOS, Eduardo Natalino. Além do retorno: uma introdução às concepções de tempo dos indígenas da Mesoamérica. **Revista USP: Universidade de São Paulo**, v.1, n.81, p. 82-93, 2009, p.90-91.

¹⁶⁸ BURKHART, Louise M. **The slippery earth: nahua-christian moral dialogue in Sixteenth Century México**. Arizona: The University of Arizona Press, 1989, p.4-5.

centro do México, a exemplo do Colégio de Santa Cruz de *Tlateloco*¹⁶⁹, administrado pelos franciscanos. Nessa instituição os filhos das elites indígenas começaram a ter conhecimento e domínio da língua castelhana, bem como de todas as ferramentas textuais ocidentais para a construção e estruturação de suas crônicas.¹⁷⁰ Esse aspecto pode ser observado ao verificarmos como que algumas crônicas elaboradas pelos autores indígenas, a exemplo das de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, foram construídas a partir de testemunhos orais dos anciões e também da menção a documentos indígenas¹⁷¹, conforme alguns estilos textuais das crônicas espanholas, o que pode ser conferido nas descrições de Ixtlilxóchitl sobre como elaborou um de seus textos:

*(...) he conseguido mi deseo con mucho trabajo, peregrinación y suma diligencia en juntar las pinturas de las historias y anales, y los cantos que los observaban; y sobre todo para poderlas entender, juntando y convocando a muchos principales de esta Nueva España (...) con cuya ayuda pude después con facilidad conocer todas las pinturas y historias (...) con que he satisfecho mi deseo, siguiendo siempre la verdad.*¹⁷²

No trecho acima, é possível observar que Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, um cronista nativo que viveu no início do período colonial na Nova Espanha, construiu seus textos utilizando as pinturas (códices indígenas) e os relatos orais de anciões, junto com os anais produzidos pelos indígenas¹⁷³ sobre as histórias tradicionais de sua etnia, a partir do estilo textual europeu. Em seus textos o autor utiliza os documentos para reforçar a comprovação de suas histórias, para tal o cronista fez uso tanto dos estilos narrativos indígenas quanto dos europeus.

As adaptações culturais visualizadas nas composições das crônicas indígenas *nahuas* poderiam significar uma estratégia das elites indígenas de se comunicarem com as autoridades

¹⁶⁹O Colégio de *Tlateloco* foi uma escola seminarista que ensinava a doutrina católica e a língua espanhola na Nova Espanha para jovens indígenas (NAVARRETE LINARES, Federico. *La Sociedad Indígena en la Obra de Sahagún*. In: LEÓN-PORTILLA, Miguel (coord.). **Bernardino de Sahagún. Quientos años de presencia**. México: Instituto de Investigaciones Históricas: Universidad Nacional Autónoma de México, v. 1, n.1, p.95-116, 2002, p.101-102).

¹⁷⁰GONZALBO, Pilar. *El virreinato y el nuevo orden*. In: TANCK DE ESTRADA, Dorothy (coord.). **La educación en México**. México: El Colegio de México, 2010, p.42-44.

¹⁷¹CÁNIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP p. 91.

¹⁷²IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 526.

¹⁷³Os anais redigidos pelos indígenas representavam as histórias das migrações e conformações do *altepeme*. Esses anais, durante o período colonial na Nova Espanha, encontravam-se principalmente no vale do México (BERNAND, Carmem.; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo II*. São Paulo: Editora USP, 2006, p.192-193).

espanholas e, por conseguinte, preservarem os principais elementos de sua cultura, já que os principais registros desses períodos eram usualmente inspirados nos modelos narrativos e nos valores culturais dos hispânicos.¹⁷⁴

2.2- As estratégias de fortalecimento dos discursos indígenas perante o poder espanhol

Os textos são fruto de seu tempo histórico, ou seja, os seus modelos de escrita e sua estrutura retórica ¹⁷⁵ são formados ou adaptados a partir do contexto cultural, social e político em que seus autores estão inseridos.¹⁷⁶ No caso das crônicas indígenas da América espanhola, as relações entre a construção de um texto e o contexto histórico vivenciado por seus autores são um dos aspectos fundamentais para se compreender como os discursos de preservação das estruturas culturais pré-colombianas se inscreveram nas crônicas indígenas durante o final do século XVI ao início do XVII na Nova Espanha.

Na Nova Espanha, o contato cultural entre os indígenas e hispânicos se transportaram para os discursos e práticas de ambos, os quais foram adaptados para que ocorresse a comunicação com o outro. ¹⁷⁷ O encontro com a cultura hispânica, de valores católicos cristãos, teve bastante influência nos discursos das crônicas indígenas, que passariam a fazer uso dos valores ocidentais para escrever as histórias tradicionais de suas próprias etnias.¹⁷⁸ Essa escrita *nahua*, condicionada pelo encontro entre as tradições europeia e indígena, representa uma maneira de os cronistas indígenas negociarem com as formas culturais trazidas e impostas pelos espanhóis no período colonial.¹⁷⁹

¹⁷⁴ ROMERO- GALVÁN. José Rubén. Memoria, oralidad e historia en dos cronista nahuas. **Estudios de Cultura Náhuatl**, UNAM, México, n. 38, p.165-182, 2007, p.165.

¹⁷⁵ Compreende-se por retórica a persuasão pelo discurso que pode ser concebida pela produção verbal ou escrita. A partir de Aristóteles, podemos pensar em um sistema retórico, em que o texto (ou discurso) se decompõe em partes (invenção, disposição, elocução e proferição) e se classifica em gêneros (judiciário, deliberativo ou epidíctico). (REBOUL, Olivier. **Introdução á retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 14, p. 43-69).

¹⁷⁶ KUSCHNIR; Karina, CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, vol.13, n. 24, p.230-250, 1999, p. 243-244.

¹⁷⁷ BURKHART, Louise M. The **slippery earth**: nahua-christian moral dialogue in Sixteenth Century México. Arizona: The University of Arizona Press, 1989, p.10-11.

¹⁷⁸ TRANCOSO PÉREZ, Ramón. Cronistas indígenas novohispanos de origem nahua siglo XVI y principios del XVII. In: BARAIBAR, Álvaro; CASTANY, Bernat; et. al. **Hombres de a pie y de a caballo: conquistadores, cronistas, misioneros en la América Colonial de los siglos XVI y XVII**. New York: IDEA/ IGAS, 2013, p.148.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p.149.

As escritas híbridas nas crônicas indígenas também permitiram que os cronistas indígenas fortalecessem e evidenciassem o poder sócio-político de determinada etnia, o que pode ser visualizado na sétima relação do cronista Domingo Francisco de San Antón Muñon Chimalpahin, que utiliza o Deus único dos cristãos para explicar a criação e o grande poder social e político das elites indígenas no período pré-hispânico: “*Mas (así como) a algunos españoles Dios nuestro señor dio sangre noble, así también a (algunos de) nosotros nos honro y nos distinguió, aunque nuestra sangre no sea la misma que la de ellos (...)*”¹⁸⁰.

As referências aos valores da cultura ocidental apresentadas nas crônicas indígenas, tendo em perspectiva que algumas dessas crônicas também mostram, como elementos importantes para a construção de suas histórias, os conceitos de pecado e idolatria, são fundamentais para a configuração e sustentação da moral católica cristã.¹⁸¹

Na *Crónica Mexicana*, produzida pelo cronista Hernando Tezozomoc, encontramos um exemplo desse discurso de direcionamento moral, na qual o cronista se insere como cristão, distanciando-se dos indígenas antigos, que possuem práticas que fogem da cultura ocidental-cristã:

*Los mexicanos, después de haber hecho asiento, casas, su templo (...) comenzaron á hacer casa y adoración de Huitzilopochtli, y hecho el templo, pusieron luego al pie de Huitzilopochtli una gran jícara, como batea grande, á manera de una fuente de plata grande, con que se demanda limosna ahora en nuestra religión cristiana: habiendo hecho luego á los lados del gran diablo Huitzilopochtli, le pusieron otros demonios á manera de santos, que fueron estos: Yopico, Tlacochealco, Huiznahuac, Tlacateopan, Tzommolco, Atempan, Texcacoac, Tlamatzinco, Mollocottilan, Nonohualco, Zihuateopan, Izquitlan, Milnahuac, Coaxoxouhcan, Acticpan, todos demonios sugetos al Huitzilopochtli.*¹⁸²

Os conceitos de pecado e idolatria também eram usados nas crônicas nativas para destacar e diferenciar as atitudes dos antepassados. Na *Crónica Mexicana*, por exemplo,

¹⁸⁰ CHIMALPAHIN CUAUTHLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñon. Séptima relación de las diferentes historias originales. Trad. Josefina García Quintana. México: Instituto de Investigaciones Históricas - UNAM, 2003, p. 231. In: CARBONE, Carla de Jesus. **Chicomoztoc, o Lugar das sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)**. 2014. 274 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

¹⁸¹BORDIN, Reginaldo Aliçandro. **Hernán Cortés e os Franciscanos: a educação e a dominação espiritual do México**. 2013. 199 f. Dissertação (Doutorado em História da Educação)- de pós-graduação em educação da área de concentração: história da educação, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2013, p. 135-137.

¹⁸² TEZOZÓMOC, Hernando Alvarado. *Crónica Mexicana*. In: OROZCO, Manuel. **Códice Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878, p. 227-228.

Hernando Tezozomoc usa conceitos “ocidentais” cristãos para defender e enaltecer as ações de Quetzalcoatl (aqui nessa fonte o autor se refere ao Quetzalcoatl Topiltzin)¹⁸³:

*(...) Luego en descubriéndolos vinieron á gran priesa y con mucha brevedad á dar noticia al gran Motecuczuma de la venida de la flota, dándole cuenta de todas las cosas en particular. (...) dijeron todos que sin faltar era venido su Gran Emperador Quetzalcohualt, que habia mucho tiempo que era ido por la mar adelante, hacia donde nació el sol (...) porque esto mejor se entienda es de advertir que hubo en esta tierra en tiempos pasados un hombre que segundo la relación que hay del, fué un hombre santísimo, tanto que muchos testifican que fué algún santo que aporó á esta tierra á anunciar el Santo Evangelio, porque sus ayunos, penitencias, vigílias y amonestaciones contra todos los vicios reprehendiéndoles gravemente, exhortando á la virtud, no era menos que de hombre evangélico, y mas que se asegura que no fué idólatra, ante abominada (...).*¹⁸⁴

No trecho acima, o cronista Hernando Tezozomoc menciona Quetzalcoatl, indicado nas fontes como um dos mais importantes *tlatoques* dos toltecas¹⁸⁵, que foi descrito em alguns documentos indígenas como aquele que direcionou os toltecas até o assentamento em Tula durante a primeira metade do período pós-clássico.¹⁸⁶ Tezozomoc, caracteriza em seus textos o personagem Quetzalcoatl através de várias virtudes cristãs, tal como os espanhóis atribuíam a seus heróis e reis, como ser um homem santo, com o objetivo de fortalecer e evidenciar a imagem de Quetzalcoatl nos seus relatos.

A utilização de diversos elementos que formam os valores ocidentais, como a condenação da “idolatria”, contrapondo-a à “verdadeira” crença em um único Deus, conferiria às crônicas indígenas uma retórica peculiar em relação aos valores morais católicos presentes nos primeiros séculos da colonização espanhola.¹⁸⁷ Os cronistas indígenas estariam operando com os valores ocidentais cristãos como forma de defender e destacar as ações de seus

¹⁸³ ¹⁸³ Quetzalcoatl Topiltzin foi um personagem citado em diversas fontes sobre as histórias das regiões da Mesoamérica. (FLORESCANO, ENRIQUE. A saga de ce ácatl Topiltzin Quetzalcoatl. **Revistas Relaciones**, conacyt, México, v.24, març./jun., p.201-234,2003, p.221.)

¹⁸⁴ TEZOZÓMOC, Hernando Alvarado. Crónica Mexicana. In: OROZCO, Manuel. **Códice Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878, p. 11.

¹⁸⁵ Os toltecas eram uma população indígena que vivia no centro do México e que no período pré-colombiano estabeleceram alianças com outras etnias, como os membros das elites dos *chichimecas* (LÉON-PORTILLA, Miguel. Religión de los Nicaraos. Análisis y comparación de tradiciones culturales nahuas. **Estudios de cultura náhuatl**, UNAM, México, v. 10, n. 1, p. 11-12, 1972, p. 12).

¹⁸⁶ Tula foi uma das cidades mais prósperas do período pré-hipânico.(ROSSELL, Cecilia. Estilo y escritura en la Historia tolteca chichimeca. **Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social**, México, v. 1, n. 22, p. 65-92, jul./ set., 2006, p. 68)

¹⁸⁹ ADORNO, Rolena. The Indigenous Ethnographer: The ‘Indio Ladino’ as Historian and Cultural Mediation, In: SCHWARTZ, Stuart B (ed.). **Implicit Understanding**. Schwartz, Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 383.

antepassados frente ao discurso moral estabelecido pelos espanhóis que viviam no Novo Mundo e que entendiam as culturas indígenas como aquelas que tinham como um dos seus aspectos essenciais os valores pagãos, que deveriam ser combatidos para que os indígenas aprendessem o caminho para chegar à fé dos cristãos.¹⁸⁸

A interpretação de que as idolatrias cometidas pelos indígenas deveriam ser combatidas pelos espanhóis na América espanhola resultou na destruição de diversos documentos nativos que narravam os primordiais eventos e acontecimentos das sociedades indígenas no período pré-colombiano.¹⁸⁹ Portanto, tendo em perspectiva o caráter intolerante dos espanhóis, principalmente dos agentes religiosos que existiam na Nova Espanha, em relação a algumas produções nativas, os cronistas indígenas poderiam encontrar uma estratégia retórica para dialogar e se adaptar aos valores da cultura hispânica, incorporando os “valores ocidentais” em seus relatos, o que asseguraria, mesmo que de uma maneira reformulada, o enaltecimento da história de seus antepassados. Em suma, os cronistas indígenas utilizavam as ferramentas europeias (os protocolos de escrita, os modelos retóricos, a noção de testemunho e veracidade) para exaltar o passado de suas próprias etnias.

A argumentação expressa nas crônicas produzidas pelos descendentes das elites indígenas também poderia configurar uma estratégia de defesa e preservação referente ao poder social e político que os herdeiros dos grandes *tlatocues*¹⁹⁰ detinham desde o período pré-colombiano, já que os seus direitos foram diminuídos com as leis homologadas pela Coroa espanhola a partir do final do século XVI e princípio do XVII.

Em suma, estas preservações das histórias tradicionais estabelecidas de maneira peculiar nas crônicas produzidas pelos membros das elites indígenas permitiram a defesa das histórias tradicionais de suas etnias, fortalecendo a imagem de seus ancestrais, agora a partir de valores ocidentais.

2.3- *A construção da legitimidade em escritos de cronistas indígenas (séculos XVI e XVII)*

A preocupação com a preservação das histórias das etnias pré-colombianas gerou alguns registros nativos em forma escrita na América Espanhola, a respeito dos quais

¹⁸⁸ ESCALANTE GONZALBO, Pablo; RUBIAL GARCÍA, Antonio. El ámbito civil, el orden y las personas. In: ESCALANTE GONZALBO, Pablo (coord.). **Historia de la vida cotidiana em México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 427-428.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 428-429.

¹⁹⁰ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El pasado indígena**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 226

podemos citar os seguintes textos produzidos durante os XVI e início do XVII: *Sumaria relación*¹⁹¹, *Relación sucinta*¹⁹², *Compendio histórico del Reino de Texcoco*¹⁹³, *Sumaria relación de la Historia General*¹⁹⁴ e *Historia de la nación chichimeca*¹⁹⁵, todos construídos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl – que era descendente da linhagem dos governantes da cidade de *Texcoco*¹⁹⁶; o livro *Crónica Mexicana*¹⁹⁷, elaborada por Hernando de Alvarado Tezozómoc – um cronista descendente da elite indígena de *Mexico-Tenochtitlan*¹⁹⁸; e também a *Septima Relación*¹⁹⁹ e “*Cuarta Relación*”²⁰⁰, ambas produzidas por Domingo Francisco de San Antón Chimalpahin Cuauthlehuantzin – pertencente à elite indígena da cidade de *Amaquemecan Chalco*²⁰¹.

Esses escritos elaborados no século XVI e princípio do XVII pelos nativos foram analisados nos séculos posteriores por vários letrados, os quais buscariam compreender as histórias das etnias indígenas produzidas pelos descendentes das elites indígenas. Podemos dizer que estes autores posteriores ao final do século XVII e do século XVIII, que realizavam a leitura dos primeiros cronistas indígenas cristianizados que mencionamos, fazem parte da tradição letrada que desenvolveu suas pesquisas através de um “olhar antiquário”²⁰², se usarmos a perspectiva adotada por Cañizares-Esguerra para tratar de letrados que valorizaram os vestígios do passado por meio da coleta de evidências literárias, arqueológicas e epigráficas relacionadas a este passado, com o objetivo de produzir seus textos.

¹⁹¹ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 263- 393.

¹⁹² *Ibidem*, p.398- 413.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 414-520.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 521-562 .

¹⁹⁵ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975, p. 7- 260.

¹⁹⁶ *Texcoco* foi um *altépetl* (cidade) , cuja consolidação do poder ocorreu durante os governos da elite indígena provenientes do norte, a zona *acolhua* (NAVARRETTE LINARES, Federico. **Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México**. 3. ed. México: UNAM, 2015. p. 333).

¹⁹⁷ ALVARADO TEZOZÓMOC, Hernando. *Crónica Mexicana*. In: OROZCO, Manuel. **Código Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878.

¹⁹⁸ *Tenochtitlan* era considerado o *altépetl* onde se localizava a capital do Império Asteca (LÓPEZ, Leonardo Luján. **Teotihuacan y Tenochtitlan: la vinculación histórica como elemento de legitimación**. Rostock: Ateinamerika, 1990, p. 22-23).

¹⁹⁹ CHIMALPAHIN CUAUTHLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñon. **Séptima relación de las diferentes historias originales**. Trad. Josefina García Quintana. México: Instituto de Investigaciones Históricas - UNAM, 2003.

²⁰⁰ CHIMALPAHIN CUAUTHLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñon. *Cuarta relación*. In:**Los ocho relaciones y el memorial de Colhuacan**. Trad. Rafael Tena. México: Conaculta, 2003.

²⁰¹ Chalco era formado por diversos *altépetl* na região do vale do México. Esta confederação possuiu onze *altepemes* diferentes (NAVARRETTE LINARES, Federico. **Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México**. 3. ed. México: UNAM, 2015, p. 343).

²⁰² CÁNIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011,p. 59-60.

É importante destacar que este “olhar antiquário” se fortaleceu a partir do século XVII, estabelecendo questionamentos sobre o método de pesquisa histórica, como as diferenças entre as autoridades originais e derivadas. Segundo Arnaldo Momigliano, em “História antiga e o antiquário”, autoridades originais significariam relatos de testemunhas oculares e documentos de registros materiais contemporâneos aos eventos mencionados nos textos, já as autoridades derivadas consistem nos historiadores ou cronistas que relatam os acontecimentos e não os presenciaram, mas os ouviram direta ou indiretamente a partir das autoridades originais.²⁰³ Segundo o autor, algumas destas questões sobre método e veracidade já se encontravam em textos elaborados antes do século XVII, embora pudessem não ter sido plenamente formuladas.²⁰⁴

Por exemplo, observa-se que durante o século XVI e princípio do XVII na região da Nova Espanha havia a preocupação de alguns autores em consultar os registros materiais produzidos pelos indígenas (Códices e Anais) para compreender as histórias pré-colombianas. Essas consultas às fontes indígenas auxiliariam os autores na hora da constituição de seus relatos, os quais seriam desenvolvidos a partir da percepção ocidental. Assim, esses autores, que tinham fortes conexões com o movimento intelectual Renascentista, fizeram analogias entre a história das sociedades clássicas europeias (das tradições romanas e gregas) e as histórias dos povos indígenas do Novo Mundo, um procedimento realizado por quase todos os cronistas coloniais, inclusive os cronistas indígenas.²⁰⁵ Dentre esses letrados podemos destacar o jesuíta Juan de Tovar (1563-1623), que utilizou as técnicas de pesquisas humanistas de valorização dos documentos materiais indígenas, pois considerava que esta era a forma mais fidedigna de investigar as histórias antigas dos astecas.²⁰⁶

Essa questão da veracidade ou legitimidade dos documentos escritos, que foram entendidos – pelos letrados – como fontes indígenas essenciais para a constituição da história das diferentes etnias na América Espanhola, também esteve presente nas crônicas produzidas pelos indígenas *nahuas*, como Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. Este autor justifica a veracidade de seus relatos a partir do uso de diversas fontes indígenas, no seu esforço para produzir narrativas históricas, o que pode ser comprovado a seguir, na descrição de Ixtlilxóchitl sobre a veracidade de seus textos:

²⁰³ MOMIGLIANO, Arnaldo. História antiga e o antiquário. **História e cultura histórica no alvorecer da época moderna**, Porto Alegre, v.21, n.39, p. 19-76, 2014, p.21.

²⁰⁴ *Ibidem*, p.21.

²⁰⁵ CÃÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 59

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 100.

*(...) con harto trabajo y diligencia en entender la interpretación y conocimiento de las pinturas y caracteres que eran sus letras, y la traducción de los cantos en alcanzar su verdadero sentido; do cual irá sucinta y llana, sin adorno ni ayuda de ejemplos; ni tan poco trataré de las fábulas y ficciones que parecen en algunas de sus historias, por eso superfluas. Y así pido muy encarecidamente de narrar, que lo que es la historia puede estar seguro que es muy fidedigna y verdadera aprobada por tal de toda la gente principal e ilustre de esta Nueva España”.*²⁰⁷

Na citação acima podemos conferir no discurso de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl que este utiliza a consulta às fontes indígenas e aos relatos orais dos anciões indígenas para dar autoridade às histórias presentes em seus textos. Além disso, o cronista também afirma que devido ao seu modo de construir as suas crônicas, as elites indígenas mais ilustres da Nova Espanha comprovam a autenticidade de seus textos. Assim, Ixtlilxóchitl configura argumentos que legitimam suas crônicas como aquelas que possuem a verdadeira história dos *acolhuas*²⁰⁸ de *Texcoco*.

Ao utilizar esses métodos de fundamentação em documentos indígenas, os cronistas espanhóis e indígenas poderiam defender e afirmar que as histórias relatadas estariam mais próximas do que teria acontecido no cotidiano das diferentes etnias que compunham o atual México. Portanto, não teriam sido relatos construídos pela própria memória dos cronistas indígenas, o que acabaria resultando em relatos fantasiosos e irreais sobre o passado pré-colombiano²⁰⁹

Durante os séculos XVI ao XVII a maneira de produção e constituição dos textos pautados em modelos europeus foi adotada por alguns cronistas indígenas. Enquanto no Velho Mundo havia o renascimento de interesse no passado clássico, o que se processava na América era a tentativa de construir narrativas sobre os períodos pré-hispânicos do México. Assim, os cronistas indígenas, por meio da utilização de documentos indígenas (códices e anais), elaboraram narrativas sobre as histórias pré-colombianas, fazendo com que surgisse a percepção de que esses textos pudessem ser considerados como documentos confiáveis e, portanto, poderiam servir de suporte para aqueles que desejassem compreender a história da

²⁰⁷ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975 , p. 263- 393 , p. 527-528.

²⁰⁹ CÃNIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011, .p. 157.

Nova Espanha desde antes da colonização.²¹⁰ Este foi o caso das crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, que foram analisadas posteriormente por vários letrados, por serem consideradas documentos indígenas legítimos sobre a história dos *acolhuas* de *Texcoco*.

A confiabilidade que as histórias narradas por Ixtlilxóchitl despertavam nos letrados do final do século XVII pode ser conferida na afirmação do autor antiquário Carlos Sigüenza e Góngora, que escreveu o livro *Paraíso Occidental*, no ano de 1684, e foi considerado um dos maiores autores e intelectuais da Nova Espanha no século XVII.²¹¹ Sigüenza e Góngora chamava Fernando de Alva Ixtlilxóchitl de o *Cícero de la lengua Mexicana* – aquele que preservou as histórias antigas das etnias do México Central por meio de suas crônicas –, o que pode ser confirmado em sua declaração:

*La oración siguiente, que se halla entre las que de boca de los Antiguos conservo en sus Manuscritos el Cícero de la lengua Mexicana D. Fernando de Alva, la cual referiré con las mismas palabras, que la tradujo por corresponder a los originales con propiedad muy precisa.*²¹²

No século XVIII na América espanhola nem todos achavam confiáveis as produções nativas, o que provocou o questionamento de alguns autores sobre a legitimidade das fontes indígenas, tendo em perspectiva que eles consideravam que essas fontes expressavam registros “confusos” e incertos sobre a história dos indígenas no período pré-colombiano.²¹³ Dentre esses autores, podemos citar William Robertson, que escreveu a coleção de livros *History of America*, em 1777, que fundamentava que os escritos confusos das fontes indígenas estavam vinculados à noção de que esses escritos eram antecessores do verdadeiro texto alfabético.²¹⁴

Enquanto autores como William Robertson questionam o uso das fontes indígenas, no final do século XVIII e princípio do XIX emergiu na Europa e também nas colônias européias

²¹⁰ *Ibidem*, p. 158-159.

²¹¹ ROSS, Kathleen. **The Baroque Narrative of Carlos de Sigüenza y Góngora**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 70-71.

²¹² SIQUENZA Y GÓNGORA, Carlos. **Paraíso Occidental**. México: Conaculta, 2003, p.2.

²¹³ Entre os séculos XVII ao XVIII, os escritores europeus desenvolviam narrativas a partir dos relatos em formas de histórias conjunturais, ou seja, a história se desenvolveria num espírito evolucionista da civilização. Esta concepção de história conjuntural foi fundamental para acarretar a perspectiva de descrédito das fontes indígenas em meados do século XVIII (CÃNIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 146-147)

²¹⁴ ROBERTSON, William. **The History of America**. Londres: W. Strahan, 1777, p. 310.

o sentimento patriótico,²¹⁵ o que influenciou a produção de alguns pesquisadores da história do México. Estes pesquisadores começaram a usar as crônicas indígenas para construir e elaborar a história da sociedade pré-colonial. Dentre esses pesquisadores, podemos mencionar Francisco Javier Clavijero, que fez uso das fontes indígenas para construir seus livros, como a *Historia antigua de México*, que teve sua primeira edição em 1780²¹⁶, e que descreve o cotidiano dos indígenas pré-colombianos do México.

Nessa obra de Javier Clavijero, *Historia antigua de México*, assim como em livros de outros autores desse período, existe um destaque às crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, pois estas são consideradas como obras confiáveis para a construção da história do México, já que eram formuladas num estilo de escrita erudito, conforme os padrões de registro ocidental, e também por terem sido elaboradas a partir do uso de diferentes documentos indígenas. As considerações do autor Javier Clavijero demonstram sua visão sobre em que se diferenciavam os textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl comparados a outros do mesmo gênero:

*Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, texcocano, descendiente por línea recta de los reyes de Acolhuacán. Este noble indio, versadísimo en las antigüedades de su nación, escribió excitado por el virrey de México, algunas obras eruditas y muy apreciables, y son las siguientes: I Historia de la Nueva España; II. Historia de los señores Chichimecas; III. Compendio histórico del reino de Texcoco; IV. Memorias históricas de los toltecas y otras naciones de Anáhuac. Todas estas obras escritas en español, se conservan en la librería del colegio de jesuitas de México. El autor fue tan cauto al escribir que para quitar toda sospecha de ficción, hizo constar legalmente la conformidad de sus relaciones con las pinturas históricas que había heredado de sus nobilísimos antepasados.*²¹⁷

Outro autor que também ressalta, um século depois, a veracidade dos relatos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl é o autor Alfredo Chavero, que fez a primeira publicação acessível ao público das crônicas de Ixtlilxóchitl, reunidas no livro que foi intitulado *Obras*

²¹⁵ No final do século XVIII, os Bourbons conseguem assumir o trono espanhol e iniciam uma série de reformas que modificam o cenário político, econômico e social na região da Nova Espanha, como a expulsão dos jesuítas dos territórios que estavam sob o domínio da Espanha e o controle do poder político-econômico que a elite criolla adquiriu no processo colonial. (BRADING, David. A Espanha dos Bourbons e seu império americano. In: BETHELL, Leslie; HEMMING, John; WACHTEL, Nathan; et. al. **História da América Latina**. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1998. p.392-395).

²¹⁶TRANCOSO PÉREZ, Ramón. Cronistas indígenas novohispanos de origem nahua siglo XVI y principios del XVII. In: BARAIBAR, Álvaro; CASTANY, Bernat; et. al. **Hombres de a pie y de a caballo: conquistadores, cronistas, misioneros en la América Colonial de los siglo XVI y XVII**. New York: IDEA/ IGAS, 2013, p.151.

²¹⁷ CLAVIJERO, Francisco Javier. **Historia antigua de México**. 9 e.d. México: Porrúa, 1991, p.28.

Históricas de Don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, no ano de 1891. Chavero acrescenta ao destaque e lidimidade conferida aos textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl que este é um cronista diferenciado, pois descende dos principais *tlatoques* pré-colombianos e isto repercute na fama de seus textos em comparação a outras crônicas confeccionadas no período colonial:

*Ixtlilxóchitl es el cronista original de los texcucanos. Pocos de nuestros escritores gozan de la fama y reputación que él. (...) Acaso ha contribuido mucho a la fama de Ixtlilxóchitl, la circunstancia de haber sido descendiente de los reyes acolhuas: era trasnieto del último rey ó señor de Texcuco, y procedía del matrimonio de este con Doña Beatriz Papantzin, hija de Cuítlahuac penúltimo emperador de México.*²¹⁸

A veracidade e destaque que os diversos autores dos séculos XVIII ao XIX, como Alfredo Chavero, atribuíram às crônicas produzidas por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl possibilitaram que seus textos se tornassem uma das fontes mais conhecidas e analisadas pelos pesquisadores dos séculos seguintes.

2.4- Os documentos escritos por Ixtlilxóchitl na perspectiva de historiadores e pesquisadores do século XX

Entre os anos de 1975 e 1985, o pesquisador Edmundo O’Gornam, publica respectivamente o primeiro²¹⁹ e segundo volumes²²⁰ das Obras Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. Em relação à edição publicada por Chavero, Edmundo O’Gornam acrescenta mais informações sobre a genealogia familiar de Ixtlilxóchitl e apêndices documentais, como o testamento e testemunhos referentes a Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. Além disto, o autor Edmundo O’Gornam também faz referências sobre a erudição de Ixtlilxóchitl em escrever suas obras, como no caso do texto *História de la nación chichimeca* elaborado pelo cronista:

²¹⁸ CHAVERO, Alfredo. **Obras Históricas de Don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl**. México: Oficina Tip. De la Secretaria de fomento, 1891, p.5-6.

²¹⁹ Os primeiros e segundos volumes publicados através de Edmundo O` Gornam, são as edições utilizadas para desenvolver esta dissertação. (IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.)

²²⁰ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1985.

“(...)Escrita por don Fernando de Alva Ixtlilxochitl, descendiente de los mismos emperadores de Tezcucó y uno de los primeros alumnos del Colegio de Santa Cruz de esta ciudad de México, que mereció singular aplauso por gran literatura y erudición, muy bien instruído en la historia antigua de este reino, por la perfecta inteligéncia que tenía de sus jeroglíficos y mapas históricos.”²²¹

No que se refere às informações adicionais apresentadas por Edmundo O’Gorman em suas edições das crônicas de Ixtlilxóchitl, essas informações permitiram aos pesquisadores e historiadores dos anos seguintes observar de maneira mais “clara” os discursos de um descendente indígena e sua relação com o contexto colonial. Entre os autores que apresentaram interpretações sobre a escrita de Ixtlilxóchitl é possível mencionar o historiador Ángel María Garibay que publicou, em 1954, o livro *Historia de la literatura náhuatl*²²², em que faz revisões sobre as diversas obras indígenas, inclui os textos elaborados pelo cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. Sobre especificadamente a forma de escrita configurada por Ixtlilxóchitl e sua relação com contexto histórico, o autor Garibay menciona que “*arde más la llama de los pasados historiadores que la conocida cultura literaria o griega*”²²³, assim, o cronista acaba produzindo uma redação em que convergem estilos pré-colombianos e europeus.

Durante o percorrer do século XX, a concepção da junção dos diferentes estilos de escritas nos textos produzidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl fez com que muitos historiadores e pesquisadores criticassem a classificação dessas crônicas como sendo indígenas, como pode ser visualizado nos argumentos do historiador Eugenio del Hoyo que no *Ensayo historiográfico sobre D. Fernando de Alva Ixtlilxóchitl*²²⁴ de 1957, reconhece por essa forma de escrita peculiar de Ixtlilxóchitl, os textos do cronista como sendo de origem mestiça e não indígena:

*La erudición que la adorna, el sentido cristiano que la informa, el grato y recio sabor humanístico que por ella corre, la lengua en fue escrita, esto, en que radica su excelencia, ya no puede ser indígena. La Historia Chichimeca, es un magnífico fruto mestiz; como mestizo, en carne y alma fue su autor.*²²⁵

²²¹ O’ GORMAN, Edmundo. Estudio Introductorio. In: IXTLILXÓCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3.ed. , V.I. México: UNAM-IIIH, 1975, p. 214-215.

²²² GARIBAY KINTANA, Ángel María. **Historia de la literatura náhuatl**. México: Porrúa, 1954.

²²³ *Ibidem*, p.808.

²²⁴ DEL HOYO. Eugenio. **Ensayo historiográfico sobre D. Fernando de Alva Ixtlilxóchitl**. México: Academia Mexicana de la Historia, 1957.

²²⁵ DEL HOYO. Eugenio. **Ensayo historiográfico sobre D. Fernando de Alva Ixtlilxóchitl**. México: Academia Mexicana de la Historia, 1957, p.354.

Outro autor que reconhece os textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl como sendo de origem mestiça consiste no historiador George Baudot, que em *México y los albores del discurso colonial*,²²⁶ do ano de 1996, desenvolve a ideia de biculturação, ou seja, o pensamento estabelecido por Ixtlilxóchitl congregou as culturas indígenas e hispânicas que se entrelaçavam durante todo o período colonial na Nova Espanha. Assim de acordo com Baudot:

*Ixtlilxóchitl justifica dentro del pensamiento cristiano de sua sociedad y de su época gran parte del patrimonio cultural e histórico de los ameríndios, así como de las posibilidad a su lector aborígen o mestizo de volver a considerar y de poder reivindicar su herencia prehispánica, renovada está ahora por un nuevo sentido cristiano. En el panorama de la transculturación que es la clave del quehacer formativo de la colonial, la literatura histórica de los escritores mestizos há reencontra-se en una herencia bicultural.*²²⁷

No final do século XIX e início do século XX, os pesquisadores começaram a conceber ideias contrárias a perspectiva de que os textos produzidos por Ixtlilxóchitl resultam do processo de mestiçagem, pois as apropriações culturais encontradas em suas crônicas, para alguns autores, tendem a ser de um discurso *crioulo*, ou seja, um argumento que ecoa a posição social e política que este cronista teria ocupado no período colonial. Dentre esses autores que descrevem os textos de Ixtlilxóchitl como sendo de origem *crioulo* encontra-se Diana Roselly Pérez Gerardo, em *Garcilaso de la Veja y Fernando de Alva Ixtlilxóchitl elementos de criollismo en el dos proyectos historiográficos*²²⁸(2009), que afirma:

Todo los elementos que recuperamos sobre su contexto social, su situación familiar, sobre la manera em que han sido entendidos por la crítica y el ejes que articulan sus discursos históricos encuentran su ponto de confluência en el conflicto ontológico último que vivieron estes autores y que compartieron con otros muchos americanos, o con aquellos que querían asumirse com tales y que trabajan em la americanización de su ser durante toda la colonia.(...) Por eso hablamos de criollismo, y no de um solo mecanismo de reconocimiento. La búsqueda de médios para apropiarse de sus

²²⁶ BAUDOT, Georges. **México y los albores del discurso colonial**. México: Pátria, 1996.

²²⁷ *Ibidem*, p.282

²²⁸ PÉREZ GERARDO, Diana Roselly. **Garcilaso de la Veja y Fernando de Alva Ixtlilxóchitl elementos de criollismo en dos proyectos historiográficos**. 2009. 276f. Dissertação (Licenciatura em Estudios Latinamericanos)- Facultad de Filosofía y Letras, Tese de licenciatura , UNAM, México, 2009.

*circunstancias, para justificarse con alguien en mundo y conflicto mismo serán entonces los elementos compartidos por el criollismo.*²²⁹

Nesse trecho Diana Roselly Pérez Gerardo reconhece o discurso produzido por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl como sendo um discurso histórico com fundamento no *criollismo*, o qual também permitiu o cronista se justificar em seu contexto social. Sérgio Ángel, na dissertação *Identidade de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl através de su memoria histórica: analise historiográfico*²³⁰ de 2013, assim como Diana Roselly Pérez Gerardo, também destaca a importância do processo de *crioulismo*, para se entender as crônicas produzidas por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, como pode ser conferido a seguir:

*La interpretación de la historia forjada por Ixtlilxóchitl indica que participo de diversas formas del proceso del criollismo. En tanto fenómeno mental y ontológico, sus obras dan testimonio de la búsqueda de una identidad basadas en el reconocimiento de su compleja formación cultural, que por igual ponderaba lo europeo y lo americano. (...) si acotamos que participo con los criollos de su época en la construcción de una forma de ser que ponderaba sus capacidades intelectuales como un medio de destacar y que en su caso recurrió a los ingenios del trabajo de reconstrucción histórica para mostrar las glorias de Tetzco y de la Nueva España.*²³¹

Sobre essa indefinição referente aos textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, que podem ser configurados como uma escrita *mestiza, e crioulla*. O autor Salvador Velazco em *Reconstrucciones historiográficas y etnicidades emergentes en el México colonial: Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, Diego Muñoz Carmargo y Hernando Alvarado Tezozomoc*²³²(1999), percebemos que esses debates sobre a difícil definição dos cronistas nativos se estendem a muitos autores do período colonial. Desta maneira, Velazco, defende a ideia de que esses

²²⁹PÉREZ GERARDO, Diana Roselly. **Garcilaso de la Veja y Fernando de Alva Ixtlilxóchitl elementos de criollismo en dos proyectos historiográficos**. 2009. 276f. Dissertação (Licenciatura em Estudios Latinamericanos)- Facultad de Filosofía y Letras, Tese de licenciatura , UNAM, México, 2009, p. 257-258.

²³⁰GALICIA VÁSQUEZ, Sergio Ángel. **La identidad de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl através de su memoria histórica. Análisis historiográfico**. 2013. 423 f. Dissertação (Doutorado em História). Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de investigaciones históricas, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2013,

²³¹*Ibidem*, p.391.

²³²VELAZCO, Salvador. Historiografía y etnicidad emergente en el México Colonial: Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozomoc. **Mesoamérica**, Guatemala, v. 20, n.38, p. 1-31,dez./jan., 1999.

cronistas são historiadores emergentes, ou seja, adquirem novas filiações de acordo com a posição cultural com a qual o indivíduo se identifica e pretende operar. Tendo isto em perspectiva, Velazco define Fernando de Alva Ixtlilxóchitl como aquele que produz uma história que opera e se reconstrói de acordo com a constituição do período colonial:

Al estructurar el presente trabajo alrededor del espacio de enunciación que construyen estos cronistas en la situación colonial, mi intención es cuestionar la pregunta: ¿Quién es/quienes son: mestizos, indígenas, criollos, españoles? Más que la búsqueda de una identidad esencialista lo que persigo es ver cómo el sujeto historiográfico construye una identificación étnica. Aunque en Alva Ixtlilxóchitl, por ejemplo, predomina la sangre española, el historiador funcionó en el mundo colonial como un “indígena” noble que se identifica con Texcoco(...). No es el factor biológico, la sangre, la “raza” lo que determinante (indígena, mestizo, criollo, español); lo que tememos son identidades nuevas que incluyen diferentes afiliaciones o identificaciones de individuos con grupos étnicos y/o categorías culturales (...) los sujetos historiográficos aquí analizados son productores de una etnicidad emergente, heterogénea, que permite operar, reposicionarse, colonizar, en el nuevo mundo que se construye en el México colonial.²³³

Com essa definição de flexibilidade sobre as formas de identificação dos textos produzidos por Ixtlilxóchitl, começaram a surgir novas perspectivas sobre a maneira de escrita deste cronista, retornando a ideia de que os textos produzidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl podem ser configurados como crônicas que refletem o discurso, mesmo que de uma maneira adaptada, transformada, de um autor que se reafirma como descendente dos principais membros das elites indígenas, *acolhuas* de *Texcoco*. Dentre esses autores, está incluído Gordon Whittaker em *The Identities of Fernando de Alva Ixtlilxochitl*²³⁴ que assevera: “(...)Certainly, fluency in spoken (and sung and performed) Nahuatl and Spanish was required, as well as intimate knowledge of many realms of expertise in both cultures(...)”²³⁵. Para Gordon Whittaker o uso dessas diferentes culturas nativas e hispânicas seria por influência do contexto histórico vivido por Ixtlilxóchitl, ou seja, de um autor com descendência indígena e que tem contato estreito com os espanhóis.

Seguindo essa perspectiva de pensamento gerada por Gordon Whittaker, seria possível mencionarmos que estes escritos podem ser entendidos como indígenas, por concebermos que

²³³ *Ibidem*, p. 17.

²³⁴ WHITTAKER, Gordon. *The Identities of Fernando de Alva Ixtlilxochitl*. In: BROKAW, Galen; LEE, Jongsso; et al. ***Fernando de Alva Ixtlilxochitl and His Legacy***. Vol. 1. United States of America: The University of Arizona Press, 2016.

²³⁵ *Ibidem*, p. 97.

as culturas passam por transformações, de modo que as tradições indígenas – entre elas a forma de narrar o seu passado – não são estáticas. Essa afirmação de que os textos de Ixtlilxóchitl podem configurar uma narrativa indígena pretende ser discutida no próximo capítulo, quando pretendemos demonstrar que as narrativas de Ixtlilxóchitl reforçam um passado ilustre das elites indígenas de *Texcoco*, mesmo seguindo uma organização formal e a estrutura argumentativa típicas das crônicas europeias elaboradas nos séculos XV e XVI, assim, evidenciando o seu passado indígena.

CAPÍTULO III – FERNANDO DE ALVA IXTLILXÓCHITL E SUAS CRÔNICAS: A LEGITIMAÇÃO E REAFIRMAÇÃO DO PODER SOCIAL E POLÍTICO DAS ELITES INDÍGENAS DE *TEXCOCO*

*Esta es la verdadera historia (...) según yo lo he podido interpretar (...) cosas curiosas y dignas de traer a la memoria, siendo cosas verdaderas y ciertas (...) son tan extrañas cosas y tan peregrinas y nunca oídas, sepultadas y perdidas (...).*²³⁶

*(...) cosas acaecidas en este Nuevo Mundo, que no fueron menos que las de los romanos, griegos, medos y otras repúblicas que tuvieron fama en el universo; aunque con las mudanzas de los tiempos y caída de los señoríos y estados de mis pasados (...).*²³⁷

A preocupação em preservar a história de seus grupos étnicos, demonstrada nos trechos acima por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl reflete a atenção do cronista em preservar o passado das elites indígenas de *Texcoco* diante das mudanças e transformações culturais, políticas e sociais ocasionadas pelo contato com os espanhóis durante os primeiros períodos da colonização na Nova Espanha²³⁸.

Essa preocupação com a preservação das histórias indígenas da etnia a qual pertence fez com que Fernando de Alva Ixtlilxóchitl tentasse compreender, através de pinturas e testemunhos, a história dos *texcocanos*. Este processo de investigação e análise sobre o passado de *Texcoco*, realizado por Ixtlilxóchitl, resultou na produção e elaboração de seus cinco escritos: *Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido em la Nueva España*²³⁹, *Relación sucinta*²⁴⁰, *Compendio histórico del Reino de Texcoco*²⁴¹, *Sumaria relación de la Historia General*²⁴² e *Historia de la nación chichimeca*²⁴³. Essas narrativas foram constituídas em momentos distintos, com estruturas diferentes, para atender a determinados propósitos e destinos.

²³⁶ IXTLIXÓCHITL, Fernando de Alva. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM-IIH, 1975, p. 285.

²³⁷ *Ibidem*, p. 526.

²³⁸ *Ibidem*, p. 526.

²³⁹ *Ibidem*, p. 263-393.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 398-413.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 414-520.

²⁴² *Ibidem*, p. 521-562

²⁴³ *Ibidem*, p. 7-260.

Crônicas de Ixtlilxóchitl: A reafirmação de uma etnia

- *Crônica: Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en la Nueva España*

Considera-se que o primeiro desses escritos produzidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl foi a *Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en la Nueva España*, concluída antes de novembro de 1608²⁴⁴. Esse gênero narrativo, chamado de “relação”, é caracterizado pelo estilo de escrita europeia pautado em descrições de acontecimentos sucessivos.²⁴⁵

Além disso, os textos da *Sumaria relación* foram redigidos com o suporte de fontes indígena e europeias, o que traz autoridade para as histórias relatadas, conforme o modo de escrita ocidental. Nesse sentido, Ixtlilxóchitl parte de referenciais como o códice Boturini, os relatos orais dos anciões indígenas e a Bíblia para comprovar e elaborar as genealogias dos antepassados dos *acolhuas* de *Texcoco*, o que pode ser observado abaixo no Quadro 1, que produzimos após a análise das estruturas do texto:

Quadro 1

<i>Sumaria relación</i>	
<p>1- <i>História de los señores toltecas:</i></p> <ul style="list-style-type: none">• Organização dos textos: O texto é dividido em cinco tópicos sobre a origem e fim do Império <i>Tolteca</i> durante o período pré-hispânico.• Fontes Indígenas: Códice Boturini e relatos orais realizados com os anciões indígenas de várias localidades do México Central.	<p>2- <i>História de los señores chichimecas hasta la venida de los españoles:</i></p> <ul style="list-style-type: none">• Organização dos textos: Os textos são formados por treze tópicos sobre origem e caracteres dos governantes <i>chichimecas</i>, no período pré-colombiano. Além disso, um apêndice com as pinturas sobre a história do México e notícias genealógicas.• Fontes indígenas: Códice Boturini.• Fontes europeias: Bíblia Católica.

²⁴⁴ YSERN DE LA CALLE, Javier. Manuscritos americanos de la Biblioteca Histórica: Relaciones Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Pecia complutense**, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, v.11, n.20, p. 16-31, 2014, p.18.

²⁴⁵ GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. **Claves para comprender las Crónicas de Indias**. Espanha: MCGRAWHILL, 2012, p.2

<ul style="list-style-type: none"> • Fontes europeias: Bíblia Católica. • Cronologia: Cristã/ Católica • Destinatário: Historiadores espanhóis que são contemporâneos a Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. 		<ul style="list-style-type: none"> • Cronologia: Cristã/ Católica. • Destinatário: Historiadores espanhóis que são contemporâneos a Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. 	
Fontes/ Páginas	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 263-288.	Fontes/ Páginas	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 289-393.

Com base no Quadro 1 é possível perceber que o cronista concentra os seus relatos na constituição da ancestralidade, a qual se torna um fator social e político essencial nos argumentos de Ixtlilxóchitl, pois para o cronista a herança ancestral é um dos elementos que permite legitimar os direitos sócio-políticos das elites indígenas²⁴⁶, como pode ser observado nas seguintes afirmações de Ixtlilxóchitl:

*(...) como somos señores y naturales y primero que México, y haber tenido y poseído mucha cantidad de tierras y pueblos, poblándolos por nuestra autoridad y otras habiéndolas ganado como hombres de guerra y teniéndolas debajo de nuestra jurisdicción y mando, y siendo los mejores indios de la Nueva España (...). Lo cual pensamos que su majestad, sabiendo quién nosotros somos, y servicios que habemos hecho, nos hubiera hecho mercedes, y nos hubiera dado más de lo que teníamos.*²⁴⁷

Nos trechos acima, observa-se que Ixtlilxóchitl apresenta a linhagem ancestral como algo fundamental na constituição dos direitos sociais e políticos das elites indígenas. É importante ressaltar que a relação entre a descrição de genealogias e a defesa de privilégios consiste em um tipo de narrativa presente em crônicas europeias que eram elaboradas a

²⁴⁶ O poder sócio-político das elites indígenas pré-colombianas, que também poderiam ser chamadas de *pipiltin*, ocorria por meio de linhagens, alianças étnicas, do caráter guerreiro e do controle sobre as questões administrativas dos *altepeme* (cidades). FLORESCANO, Enrique. **Los Orígenes del poder en Mesoamérica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 412-426.

²⁴⁷ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas.**4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975, 392-393.

pedido das elites espanholas, que buscariam reafirmar e legitimar sua linhagem e direito à nobreza.²⁴⁸

A legitimidade e sua relação com a ancestralidade também estão presentes nos textos da *Sumaria relación*, nos quais, para sustentar a legitimidade política das elites indígenas de sua etnia, os *acolhuas* de *Texcoco*, Ixtlilxóchitl evidenciou a descendência de Xolotl, um governante que foi considerado valoroso guerreiro e o mais importante líder *chichimeca*²⁴⁹ após a queda de Tula, assim como de *Topiltzin*, o grande governante *Tolteca*²⁵⁰. O próprio Fernando de Alva Ixtlilxóchitl destaca esta associação no desenvolvimento de seus textos: “(...) *Los reyes de Tezcuco por línea recta de la casa y descendencia por legítima sucesión de la casa de Xólotl, poblador y monarca de esta tierra, y de la casa real del gran Topiltzin monarca tulteca*”²⁵¹.

Porém, Ixtlilxóchitl não é o único cronista indígena que legitimou o governo dos *tlatoque*²⁵² isto é, enalteceu e confirmou os elementos legitimadores da linhagem da etnia com a qual se identificava, utilizando como argumento a ancestralidade. Hernando de Alvarado Tezozomoc, ao descrever a genealogia da etnia a qual pertence, os mexicas de *México-Tenochtitlan*,²⁵³ também fazia uso da descendência como recurso para a legitimação dos *tlatoque*. O relato abaixo demonstra este argumento por meio da sucessão do *Tlatoani* Moteczuma, o velho:

(...) *Moteczuma el viejo, quien reino 29 años (...). A Moteczuma el viejo sucedió una hija suya y porque no había varón perdiere el señorío, casó con*

²⁴⁸ KAGAN, Richard L. Vendendo a história: historiadores e genealogias na Espanha moderna. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes; CALAINHO, Daniela Buono; FEITLER, Bruno; FLORES, Jorge (org.). **Raízes do Privilégio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 36-37.

²⁴⁹ *Chichimeca* era o nome dado aos grupos provenientes da região noroeste do México (ROSSELL, Cecilia. *Estilo y escritura en la Historia tolteca chichimeca*. **Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social**, México, v. 1, n. 22, p. 65-92, jul./ set., 2006, p. 67).

²⁵⁰ Os *toltecas* eram habitantes procedentes da região chamada *La Quemada*, que fundariam *Tula*, de onde se originou o nome *toltecas*. Quando os espanhóis chegaram ao centro do México os descendentes dos toltecas possuíam uma das mais ricas cidades indígenas da região, *Cholula* (ROSSELL, Cecilia. Op. Cit., p. 68).

²⁵¹ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 305.

²⁵² *Tlatoque* é o plural de *Tlatoani*.

²⁵³ A cidade de *México-Tenochtitlan*, junto com *Texcoco* e *Tlacopan*, formavam o império da Tríplice Aliança, que ficaria conhecido como Império Asteca, e dominava uma enorme região até a chegada dos espanhóis (MONTORO, Gláucia Cristiani. **Dos Livros Adivinhatórios aos Códices Coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas**. 2001. 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001, p. 10).

*un principal pariente suyo y hubo hijo; el primero se decía Axajacaci, hijo de la hija de Moctezuma etc. (...) Axayacaci reino 12 años.*²⁵⁴

Outro cronista do período colonial que também trouxe em seus relatos a relação entre a descendência das elites indígenas e o poder é o cronista Domingo Francisco de San Antón Muñón Chimalpahin Cuautlehuantzin, que pertencia à elite indígena da cidade de *Amaquemecan Chalco*²⁵⁵, ao desenvolver como eram formadas as etnias do Vale do México:

*Aquí empieza su raíz, su origen, su descendencia, su nacimiento, su linaje; así comienza y principia la llamada generación de todos los legítimos tlatoque que se nombran reyes y duques, de todos los legítimos antiguos que vinieron a gobernar (...). Todo está aquí dicho y referido (...).*²⁵⁶

Com as linhagens definidas e referenciadas nos grupos étnicos, os membros das elites indígenas legitimariam o seu poder, se diferenciando dos indivíduos comuns, os *macehuales*²⁵⁷, como forma de garantir e preservar as funções e ofícios que seriam destinados às elites, mantendo entre as populações nativas uma hierarquia social que seria formada pelo estabelecimento de alianças políticas.²⁵⁸ Estas alianças políticas, que fortaleciam o poder social e político das elites indígenas, podem ser visualizadas quando Ixtlilxóchitl menciona que, após a destruição dos *toltecas*, o referido grande *chichimeca* Xólotl concede terras para povoar e edificar suas linhagens aos membros mais ilustres das etnias *aculhua* e *otomíe*:

*Llegaron los tres señores aculhuas (...) trajeron también consigo la nación de otomíes, teniendo noticia de la grandeza del gran Xólotl, como había tomado posesión sobre toda la tierra donde poblasen y casando a los de ellos con dos hijas que tenía (...).*²⁵⁹

²⁵⁴ ALVARADO TEZOZÓMOC, Hernando. Crónica Mexicana. In: OROZCO, Manuel. **Códice Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878, p. 179.

²⁵⁵ *Chalco* foi uma confederação de *altepeme* localizada no vale do México. Esta confederação possuiu onze *altepeme* diferentes. (NAVARRETTE LINARES, Federico. **Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México**. 3. ed. México: UNAM, 2015, p. 343).

²⁵⁶ CHIMALPAHIN CUAUTHLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñón. Cuarta relación, las ocho relaciones y el Memorial de Colhuacan. Trad. Rafael Tena. México: Conaculta, 2003, p. 307. In: CARBONE, Carla de Jesus. **Chicomoztoc, o lugar das sete cavernas nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)**. 2014. 274 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

²⁵⁷ FLORESCANO, Enrique. **Los Orígenes del poder en Mesoamérica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 428-429.

²⁵⁸ TOLKO, Justyna. Traje y atributos del poder en el mundo azteca: significados y funciones contextuales. **Anales del Museo de América**, Madrid, v. 14, n. 1, p. 61-88, 2006, p. 63.

²⁵⁹ IXTLILXÓCHITL, Fernando de Alva. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM-IIIH, 1975, p. 299.

Essa definição das linhagens das elites indígenas de *Texcoco* por Ixtlilxóchitl na *Sumaria Relación* foi essencial para que o cronista desenvolvesse argumentos que destacassem e diferenciasssem o *status* social destinado às elites indígenas durante o período colonial na Nova Espanha, principalmente tendo em perspectiva que esses textos foram direcionados aos “historiadores” contemporâneos ao autor, que segundo este escreviam sobre as histórias fora da realidade da etnias pré-colombianas²⁶⁰.

- *Crônica: Relación Sucinta*

O caráter de diferenciação das atitudes dos ancestrais da elite indígena de *Texcoco* em relação às demais etnias do México Central pode ser observado, principalmente, na análise da *Relación Sucinta*, que foi elaborada em 1610, dedicada ao segundo vice-rei da Nova Espanha²⁶¹, conforme menciona o próprio cronista: “(...) *esta relación he sacado, excelentíssimo señor (...) según está en la historia de los señores de esta tierra conforme lo he interpretado (...). Suplico a vuestra excelencia reciba este pequeño sevicio.*”²⁶² A crônica apresenta a seguinte estrutura textual:

Quadro 2

<i>Relación sucinta</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Organização dos Textos: 5 pequenos textos que contemplam a história do fim do império <i>Tolteca</i> e a descrição dos governantes <i>chichimecas</i> antes da chegada de Cortés. Além disso, na <i>Relación Sucinta</i> também constam três pequenos textos sobre descendentes da linhagem governante mexicana e de outras etnias do Vale do México, destacando as atitudes dos governantes Nezahualcoyotzin e Nezahuapiltzin (. <ul style="list-style-type: none"> • Fontes indígenas: Não aparecem explicitamente. • Fontes europeias: a filosofia grega, com a citação de Platão e a Bíblia (a origem e especificações dessas duas fontes não são explicitamente referenciadas no texto). • Cronologia: Cristã/ Católica.

²⁶⁰ IXTLILXÓCHITL, Fernando de Alva. Op. Cit., p. 287.

²⁶¹ YSERN DE LA CALLE, Javier. Manuscritos americanos de la Biblioteca Histórica: Relaciones Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Pecia complutense**, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, v.11, n.20, p. 16-31, 2014, p.18.

²⁶² IXTLILXÓCHITL, Fernando de Alva. Op. Cit, p. 412-413.

<ul style="list-style-type: none"> • Destinatário: Dedicado a um dos vice-reis da Nova Espanha. 	
Fontes	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 396-413.
Páginas	

Tendo em perspectiva a composição da estrutura textual da *Relación Sucinta*, podemos observar que os adjetivos positivos atribuídos aos governantes de *Texcoco* são enfatizados quando aparecem os relatos referentes aos personagens Nezahualcoyotzin e Nezahualpilli. Nesta concepção, os *Tlatoque* de *Texcoco* se tornariam os melhores construtores, sábios e mais justos governantes da história antiga do México. Os trechos a seguir demonstram estes atributos mais positivos de Nezahualcoyotzin e Nezahualpilli estabelecidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl:

Nezahualcoyotzin (...) hombre valeroso (...) hombre sabio, y por su mucho saber declaro estas palabras que siguen que el divino Platón y otros grandes filósofos no declararon más, que decir: (...) “después de nueve andanas está el criador del cielo y de la tierra, por quien viven las criaturas, y un solo dios que y de la tierra, por quien viven las criaturas y un solo dios que creó las cosas visibles e invisibles (...).²⁶³

Nezahualpiltzintli (...) entro a gobernar (...) fue hombre muy sabio (...) hombre de gran gobierno y misericordioso y gran justiciero (...). Declaró a sus vasallos y a los demás reyes cómo esta tierra había de ser de los (...) hombres valerosos e invencibles, y que tenían un señor el mayor del mundo, y que su dios era el Tloque Nauhque, que quiere decir criador de todas las cosas, y que a esa causa no convenía más ser contra ellos (...).²⁶⁴

Desta maneira, todos estes adjetivos positivos mostram um esforço em busca da construção da legitimidade do poder social e político dos governantes de *Texcoco* nos textos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. São características de um texto que pretendia evidenciar a história dessa etnia, transformando o grupo em precursor das ideias que seriam trazidas pelos espanhóis à América, pois atribuiu aos *acolhuas* valores hispânicos e cristãos²⁶⁵. Este tipo de artifício em relação à etnia do autor do texto pode ser observado em outras crônicas indígenas, redigidas por autores de etnias diferentes. Nelas, os *acolhuas* não aparecem como o grupo

²⁶³IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p.405.

²⁶⁴IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. Op. Cit., p. 407-408.

²⁶⁵VELAZCO, Salvador. Historiografía y etnicidad emergente en el México Colonial: Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozomoc. **Mesoamérica**, Guatemala, v.20, .38, p.1-31, dez./jan. , 1999, p. 6.

poderoso e virtuoso descrito por Ixtlilxóchitl. O texto de Manuel Orozco y Berra²⁶⁶ sobre o cronista indígena Hernando de Alva Tezozomoc, por exemplo, descreve os *acolhuas* da seguinte forma:

(...) Tezozomoc nos dice, que los mexica eran superiores bajo todos aspectos al acolhua; que estos dependían de aquellos poco menos que como vasallos; que la capital y el territorio de Texcoco fueron sojuzgados por los tenochca, subsistiendo después merced a la generosidad de los vencedores, y por último ser estos los superiores y maestros en la artes y en las ciencias (...).²⁶⁷

Esses aspectos de destaque de personagens vinculados à etnia *acolhua* de *Texcoco*, que constam na crônica *Relación Sucinta* de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, podem ser entendidos como um elemento que retoma o caráter de discurso ocidental por meio da representação de tais personagens como heróis e que possuem condutas em atitudes valorizadas pelas sociedades cristãs ocidentais²⁶⁸.

Para concluir, portanto, podemos dizer que o cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl organiza os seus relatos em defesa do poder social e político da elite indígena de sua etnia por meio de uma argumentação baseada na suposta ancestralidade, com a descendência das linhagens dos *tlatoque*, ligadas a Xólotl e Topiltzin; e por meio das qualidades mais excepcionais dos membros das elites indígenas de *Texcoco*, o que permitiu aos personagens citados terem condutas diferentes, menos idólatras e tiranas, de outras etnias, construindo, assim, uma narrativa por meio da qual os descendentes dos *acolhuas* de *Texcoco* foram enaltecidos e considerados os mais preparados para receberem a cultura e política hispânica no Período Colonial na Nova Espanha²⁶⁹.

²⁶⁶ Manuel Orozco y Berra foi o responsável pelos estudos e também as compilações dos escritos da Crônica Mexicana de 1878 (FUKUNAGA, João Luiz. **Crônica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc e as redes de inteligibilidade da memória (1538-1598)**. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós Graduados em História da Pontifícia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008, p.23).

²⁶⁷ OROZCO Y BERRA, Manuel. Noticias de Tezozomoc y de sus escritos. Cronologia Mexicana. In: ALVARADO TEZOZÓMOC, Hernando. **Crônica Mexicana**. apud OROZCO, Manuel. **Código Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878, p. 160.

²⁶⁸ BORDIN, Reginaldo Aliçandro. **Hernán Cortés e os Franciscanos: a educação e a dominação espiritual do México**. 2013. 199 f. Dissertação (Doutorado em História da Educação)- de pós-graduação em educação da área de concentração: história da educação, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2013, p. 135-137.

²⁶⁹ VELAZCO, Salvador. Op. cit, p. 9-10.

- *Crônicas de Ixtlilxóchitl: a apropriação de elementos da cultura espanhola pelas elites indígenas de Texcoco*

O contexto histórico vivido por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl fez com que o cronista tivesse contato com a tradição de escrita europeia, que se tornou uma das referências para a construção de suas narrativas, nas quais relatou as relações políticas e sociais estabelecidas entre os membros das elites indígenas de *Texcoco* e os espanhóis durante o processo de colonização da Nova Espanha. Além disso, ao fazer uso de diferentes elementos da cultura europeia, também é possível perceber nas narrativas de Ixtlilxóchitl como este destaca o poder político que as elites indígenas de *Texcoco* detinham até a chegada dos espanhóis, por meio da atribuição das melhores “qualidades” de governar aos seus antepassados.

– *Crônica: Compendio Histórico del Reino de Texcoco*

A construção da imagem dos membros das elites indígenas como aqueles que melhor se adaptariam à cultura hispânica pode ser mapeada quando analisamos os relatos de Ixtlilxóchitl sobre o estabelecimento dos espanhóis em território americano, por meio da análise do texto denominado *Compendio Histórico del Reino de Texcoco*, que apresenta a seguinte estrutura textual:

Quadro 3

<i>Compendio Histórico</i>	
<ul style="list-style-type: none">• Organização do texto: 12 relações históricas sobre a genealogia dos governantes <i>chichimeca</i> e o desenvolvimento territorial e político dos <i>toltecas</i> e <i>chichimecas</i>. Em seguida, uma relação histórica sobre a inserção dos espanhóis no Centro do México.• Fontes indígenas: Não aparecem.• Fontes europeias: Bíblia (a origem e especificações das fontes não são explicitamente referenciadas nos textos).• Cronologia: Cristã/ Católica• Destinatário: não aparece.	
Fonte /Páginas	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. Ed., v. I. México: UNAM – IIH, 1975, p. 417-521.

O *Compendio Histórico* foi concluído em novembro de 1608²⁷⁰ e, assim como a *Relación Sucinta* e a *Sumária Relación*, foi construído de acordo com a cronologia cristã, além de reconstituir a genealogia dos *acolhuas* de *Texcoco*, porém, enfatizando com mais detalhes o episódio do auxílio de Ixtlilxóchitl II a Cortés durante os primeiros momentos da conquista no centro do México. O personagem Ixtlilxóchitl II era um dos principais membros das elites indígenas de *Texcoco* durante o período da conquista, e foi descrito pelo autor como aquele que visualizou os espanhóis como amigos, os quais teriam a força necessária para causar a ruína das etnias inimigas de *Texcoco*. Logo, segundo o autor, Ixtlilxóchitl II decidiu dar obediência e favorecer os espanhóis durante as guerras de conquista, o que é possível observar no trecho a seguir: (...) *Ixtlilxóchitl (...) halló a muchos señores de diversas provincias sujetas a su señorío que venían a darle obediencia, y hacerse amigos con los cristianos y favorecerles en las guerras (...)*²⁷¹.

De acordo com o cronista, no *Compendio Histórico*, ao ajudar os espanhóis na conquista das terras do México, Ixtlilxóchitl II entraria em contato com a doutrina Cristã e, ao perceber a devoção e comoção dos espanhóis, o personagem resolveu pedir o batismo, tendo sido batizados em seguida os outros membros das elites indígenas da cidade de *Texcoco*, de modo que essa cidade se tornou a primeira a implantar a doutrina Cristã.

Com o batismo, as elites indígenas se tornaram vassalãs da Coroa Espanhola e, seguidamente, adquiriam os títulos, honrarias e sobrenomes ocidentais, a exemplo de Ixtlilxóchitl II, que após o batismo passou a ser chamado de Don Fernando Ixtlilxóchitl:

*(...) los misterios de la pasión y vida de nuestro señor Jesus cristo y la ley evangélica, desde que vino a esta tierra, y así cuando oyeron esta primera misa, bien sabían lo que era, de lo cual Ixtlilxóchitl se derretía en lágrimas que ponía devoción y espanto a los religiosos y españoles que presente estaban.(...) Ixtlilxóchitl y los demás señores (...) sabían la doctrina Cristiana y pedían el bautismo, dio principio y con eso bautizar en la ciudad de Tezcucó que fue la primera parte donde se plantó la ley evangélica. El primero que se bautizó Ixtlilxóchitl, llamóse Don Fernando por el rey católico (...).*²⁷²

²⁷⁰YSERN DE LA CALLE, Javier. Manuscritos americanos de la Biblioteca Histórica: Relaciones Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Pecia complutense**, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, v.11, n.20, p. 16-31, 2014, p.18-19.

²⁷¹IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p.461.

²⁷²IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p.492.

As adaptações culturais e políticas das elites indígenas de *Texcoco*, que passariam a adotar a religião cristã e a serem reconhecidas como vassalos da Coroa espanhola, favoreceram sua incorporação ao novo sistema político da colonização espanhola, por intermédio da ocupação de diferentes ofícios, como o cargo de caciques locais²⁷³ e intérpretes nas Audiências²⁷⁴.

Com esses cargos de prestígio, os membros das elites indígenas poderiam receber títulos e honras da Coroa espanhola. Estas insígnias de poder hispânicas foram agregadas às insígnias de poder pré-colombianas²⁷⁵. Com o emprego destes símbolos de poder adquiridos durante o processo de colonização da América Espanhola, as elites indígenas poderiam se diferenciar e continuarem a se destacar dos indivíduos comuns da sociedade.

– *Crônica: Sumaria relación de la Historia General de esta Nueva España*

Nos relatos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, outra maneira de evidenciar o poder político e social das elites indígenas e, conseqüentemente, legitimar os altos cargos que ocupavam desde o período pré-hispânico, seriam as habilidades de administrar e de legislar das elites indígenas de *Texcoco*, conforme pode ser observado quando o autor menciona a habilidade de governar de *Techotlalatzin*, o quinto governante *chichimeca*: “*su imperio (...) hizo dos veces cortes generales para tratar en ellas el buen gobierno y conversación de sus súbditos y vasallos y trabajo a la corte a los mejores artificios (...)*”²⁷⁶.

Essas aptidões políticas foram um dos argumentos utilizados pelo autor para que fossem atribuídos à etnia *acohua* de *Texcoco* os melhores costumes em relação às demais etnias do vale do México. Assim, as elites de *Texcoco* foram representadas como o grupo com as melhores aptidões políticas e costumes do período pré-colombiano até a chegada dos

²⁷³ Os caciques locais continuariam administrando as cidades indígenas (ou *altepeme*), auxiliando os espanhóis na organização da arrecadação dos tributos e evangelização católica sobre as populações indígenas (GRAÑA, Mario Julio. *La verdad asediada. Discursos de y para el poder. Escritura, institucionalización y élites indígenas sur andinas. Chargas. Siglo XVI. Revista Andes*, Universidad Nacional de Salta, Salta, Argentina, n. 12, v.1, p. 1-13, 2001, p. 1).

²⁷⁴ As Audiências eram constituídas por um presidente, o vice-rei, um capitão-geral e o governador. As Audiências julgavam assuntos de pequena e grande instância (CHAUNU, Pierre. **Historia da América Latina**. Buenos Aires: EUDEBA S. E. M., 1994, p. 33-35).

²⁷⁵ FUKUNAGA, João Luiz. **Crônica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc e as redes de inteligibilidade da memória (1538-1598)**. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós Graduated em História da Pontifícia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 140.

²⁷⁶ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IHH, 1975, p.535.

espanhóis, o que pode ser observado quando analisamos a *Sumaria relación de la Historia General de esta Nueva España*, configurada com a seguinte estrutura textual:

Quadro 4

<i>Sumaria relación de la Historia General de esta Nueva España</i>	
<ul style="list-style-type: none"> • Organização: o texto compreende apenas um pequeno tópico sobre as características e a sucessão dos governantes <i>chichimecas</i> até chegar a Ixtlilxóchitl II. • Fontes indígenas: Códice Boturini. • Fontes europeias: Bíblia Católica (não aparece explicitamente). • Cronologia: Católica Cristã. • Dedicatória: a um dos vice-reis da Nova Espanha. 	
Fontes/ Páginas	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p.526-549.

A *Sumaria relación de la Historia General de esta Nueva España* foi escrita em 1611²⁷⁷ e, como algumas das demais crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, tem como fontes referenciais o códice que seria chamado de Boturini e a Bíblia Católica. Esse texto apresenta um pequeno resumo sobre a história dos governantes *chichimecas* até os Don Cortés Ixtlilxóchitl²⁷⁸, destacando as habilidades políticas e a ascensão dos governantes e a constituição daqueles que se enquadrariam na definição dos *Tlatoques* (aqueles governantes que possuíam a associação de sangue *chichimeca* com *tolteca*). Esta afirmação pode ser identificada no relato feito por Ixtlilxóchitl sobre as histórias que constam nessa crônica: “(...) *en la ciudad de Tetzcuco (...) haber sido la metrópoli de todas las ciencias, uso y buenas costumbres, porque los reyes que fueron de ella se preciaron de esto y fueron los legisladores (...)*”²⁷⁹.

²⁷⁷YSERN DE LA CALLE, Javier. Manuscritos americanos de la Biblioteca Histórica: Relaciones Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Pecia complutense**, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, v.11, n.20, p. 16-31, 2014, p.18-19.

²⁷⁸Don Cortés Ixtlilxóchitl foi o último grande *tlatoque* acolhua. Este auxiliou Hernán Cortés durante o processo de conquista do centro do México. (IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 503).

²⁷⁹IXTLILXOCHITL, F. A.Op. Cit., p .527.

Ixtlilxóchitl produz uma narrativa diferente para aqueles que pertenciam às elites indígenas de *Texcoco*, evidenciando o poder político dos *texcocanos* e contrariando os pareceres de alguns autores que escreveram sobre a história de *Texcoco*²⁸⁰, pois esses teriam enfatizado o nascimento dos governantes, os ritos, calendários e também as cerimônias religiosas, sem levar em conta as ações políticas dos governantes da cidade, produzindo, de acordo com Ixtlilxochitl, um relato infiel e inconsistente com a história de seus antepassados.²⁸¹

Para legitimar e assegurar essa história diferenciada das elites de *Texcoco*, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl dedica seu trabalho ao vice-rei da Nova Espanha²⁸², procurando que essa autoridade do período colonial pudesse tomar conhecimento das histórias de seus antepassados, com destaque para os grandes feitos políticos que teriam realizado.

*(...) Sólo me resta ahora al amparo y protección de un príncipe tan grande como lo es V.S.I, debajo del cual saldrá a luz mi trabajo, a quien he querido ofrecer y dedicar esta relación sumaria de la historia general de esta Nueva España, como a quien le pertenece y viene de derecho. Y así por esto, como por la particular han dado ánimo para osar dedicarla a V.S.I. a quien suplico humildemente la reciba y ampare el deseo y voluntad con que se le ofrece, cuya vida guarde muchos años y estados acreciente, como sus criados deseamos (...).*²⁸³

É possível visualizar na dedicatória de Ixtlilxóchitl a um dos vice-reis da Nova Espanha uma das estratégias discursivas, recorrentes em textos europeus, em busca do apoio, da proteção daquele a quem a obra foi dedicada. Com efeito, o cronista alega que “*Sólo me resta ahora al amparo y protección de un príncipe tan grande como lo es V.S.F*”²⁸⁴. Por intermédio desse mecanismo, o cronista Ixtlilxóchitl redige uma narrativa de súplica e dedicação de um súdito, que tem como objetivo conquistar a benevolência do vice-rei em

²⁸⁰ Nas histórias de outros autores contemporâneos a Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, como Hernando de Alvarado Tezozomoc, que escreveu a *Crônica Mexicana*, os *acolhuas* de *Texcoco* são configurados como aqueles que possuíam baixas qualidades, cuja posição política era desprezível. Manuel Orozco y Berra foi o responsável pelos estudos e também pelas compilações dos escritos da *Crônica Mexicana*, de 1878 (FUKUNAGA, João Luiz. Op. cit, p.23).

²⁸¹ IXTLILXOCHITL, F. A. Op. Cit., p .527.

²⁸² É possível que o vice-rei mencionado na dedicatória da crônica seja Luis Velasco de Castilla, que produziu várias leis sobre os direitos dos indígenas, como o controle das horas e dias de trabalho dos indígenas (GALÁN LORDA, Mercedes. Luis de Velasco, legislador (1590-95 y 1607-11). Instituto Internacional de Historia del Derecho Indiano, Universidad Nacional Autónoma de México, México, v.1, n.11, p.497-528, 1995, p. 513-514).

²⁸³ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p .526.

²⁸⁴ MASSIMI, Marina; PRUDENTE, André Barreto. **Um incendio desejo das índias**. São Paulo: Loyola, 2002, p.18.

favor dos seus direitos sociais e políticos. “A dedicatória é gesto e discurso. É uma manifestação de cortesia, mas é também uma voz que instaura um dizer, convocando o outro.”²⁸⁵ Logo, a “escolha de um dedicatário com notoriedade”, como era o caso do vice-rei, “permite” a valorização implícita da obra, e o texto apresenta “uma função de *captatio benevolentiae*, dispondo-se o leitor para a boa leitura da obra, ou mesmo seduzindo-o”, demonstrando assim uma função atrativa. Nesse sentido, a “prática” da dedicatória obedece a um ritual literário e configura-se como uma estratégia de apresentação do ethos do autor e de legitimação da sua obra. “(...) A dedicatória procede igualmente de uma intenção de sedução que visa captar leitores, pois ainda que a homenagem seja para o(s) dedicatário(s), é ao leitor que o seu discurso se destina”.²⁸⁶

Desta forma, na perspectiva do cronista Ixtlilxóchitl, as histórias daqueles que se tornariam os vassalos da Coroa Espanhola, as elites indígenas de *Texcoco*, fazem parte da construção do que viria a se tornar a Nova Espanha e, conseqüentemente, essas elites indígenas não poderiam ter os seus direitos sociais e políticos esquecidos e desamparados pelas autoridades espanholas, principalmente porque a expansão e conquista dos territórios indígenas na América Espanhola tiveram como elemento fundamental o auxílio dessas elites.

– *Crônica: História de la Nación Chichimeca*

Na crônica *História de la Nación Chichimeca*, desenvolvida entre o intervalo de 1610 a 1640²⁸⁷, como na *Sumaria Relación*, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl também apresenta como um dos elementos essenciais dos seus relatos as habilidades políticas dos governantes de *Texcoco*, porém, acrescentando como esses foram guerreiros e conseguiram expandir e conquistar o seu poder político durante o período pré-colombiano.

Especificamente sobre a crônica *História de la Nación Chichimeca*, é importante afirmar que este título não é o original, sendo denominado *História de la Nación Chichimeca* a partir de 1969²⁸⁸. Este texto é o mais extenso e cheio de detalhes sobre a história do

²⁸⁵ VOILA, Ana Isabel; SEARA, Isabel Roboredo. **Da (des)construção da dedicatória: análise linguístico-textual**. Revista da associação Portuguesa de linguística, Universidade de Letras do Porto, Portugal, n.1, v.10, p.791-815, 2016, p.810.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 793-794.

²⁸⁷ YSERN DE LA CALLE, Javier. Manuscritos americanos de la Biblioteca Histórica: Relaciones Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Pecia complutense**, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, v.11, n.20, p. 16-31, 2014, p.19.

²⁸⁸ YSERN DE LA CALLE, Javier. Op. Cit., p.19-20.

cotidiano dos *chichimecas*, em que há referências às guerras estabelecidas entre os *chichimecas* e outras etnias através da configuração da seguinte estrutura textual:

Quadro 5

<i>Historia de la Nación Chichimeca</i>	
<ul style="list-style-type: none"> • Organização: Os textos são formados por 70 capítulos sobre a política e a sociedade dos <i>chichimecas</i>, seguido de 15 capítulos sobre a conquista de Cortés no Vale do México. • Fontes indígenas: códice <i>Telleriano Remensis</i>, códice <i>Mendocino</i> e códice <i>Boturini</i>. • Fontes Europeias: Bíblia (não aparece explicitamente). • Cronologia: Cristã/ Católica. • Destinatário: não aparece. 	
Fonte/ páginas	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1985, p. 7-263.

Dentre esses conflitos é possível destacar os embates entre os governantes Tezozomoc e Ixtlilxóchitl I, as quais, segundo descrições do autor aqui analisadas, tiveram seu início em 1409, quando Ixtlilxóchitl I, o primeiro com este nome, começou a governar *Texcoco*²⁸⁹. Este novo *Tlatoani* de Texcoco comunicou a Tezozomoc, o então *Tlatoani* Tepaneca de Azcapotzalco²⁹⁰, que este devia lhe reconhecer o poder. Desta maneira, seguindo uma das formas de estreitar os laços políticos, *Tezozomoc* acertou que uma de suas filhas se casasse com Ixtlilxóchitl. No entanto, o *Tlatoani* de *Texcoco* rejeitou esta proposta de casamento, resultando numa situação complicada e perfeita para o começo de uma guerra. Assim,

²⁸⁹IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1985, p. 39.

²⁹⁰A cidade de *Azcapotzalco* foi fundada pelo governante Tezozomoc no século XV, sendo um território habitado por várias etnias, como os *chichimecas* e *tepanecas* (CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. Dos parcialidades étnicas em Azcapotzalco: Mexicapan y Tepanecapan. **Estudios de cultura náhuatl**, México, v. 1, n. 46, p. 223-248, 2013, p 227-230).

Tezozomoc reuniu um exército, com a ajuda das etnias aliadas, para a instalação do conflito, que se estabeleceu entre os anos de 1414 e 1418.²⁹¹

As consequências desta guerra seriam marcantes, refletindo-se nas futuras gerações do Vale do México e demonstram que já nos períodos pré-colombianos existiam guerras étnicas. Ixtlilxóchitl descreve que a chegada de Cortés, no século XV, acirrou essas guerras étnicas que existiam desde o período pré-colombiano. As elites indígenas de *Texcoco*, aliando-se aos espanhóis, durante o período de conquista da América Espanhola, visualizariam uma maneira de conquistar mais terras e expandir seu poder político. Os trechos abaixo demonstram esse argumento do autor sobre as intenções de expansão de poder dos *acolhuas*, durante o início do processo colonial na Nova Espanha:

*Fernando Cortés a todos los de su ejército (...) en su ayuda muchos naturales de los amigos (...) comenzándose a mover algunas guerras (...) en donde estaba la fuerza y guarnición del Imperio para asegurar toda aquella tierra.*²⁹²

Por fim, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, no texto *História de la Nación Chichimeca*, estabelece, através das guerras, a expansão política e territorial das elites indígenas *chichimecas* até a chegada de Cortés, recuperando – por intermédio das histórias de seus antepassados – a ampliação dos poderes sociais e políticos conquistados pelas elites indígenas. Esta referência à conquista de poder e de territórios se tornaria bastante pertinente quando observamos que os membros das elites indígenas, incluindo o próprio cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, estavam vivendo num período de empobrecimento e perda de poder social e político devido durante os séculos XVI e XVII.

²⁹¹ BUENO BRAVO, Isabel. Los Mexica: Tributario de Azcapotzalco. **Anales del Museo de América**, Madrid, n.12, p. 103-124, 2004, p.120.

²⁹²XTLILXOCHITL, F. A. Op. Cit., p. 203.

- *Perspectivas sobre as peculiaridades dos diferentes textos produzidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl*

- *Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en la Nueva España: Relações genealógicas*

Os diferentes textos produzidos pelo cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl foram produzidos em diferentes momentos e com distintos destinos. O texto *Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en la Nueva España*, que foi finalizado antes de novembro de 1608 seguindo o gênero narrativo europeu das “relações”, apresenta sucessivas genealogias sobre os principais membros das elites indígenas e teve como destino a Coroa Espanhola, como pode ser comprovado a partir das descrições de alguns dos subtítulos dos capítulos: *Vida de los reye tultecass*²⁹³ e *Relación de los señores chichimecas pasados del gran chichimécatl Xólotl*²⁹⁴.

De acordo com Vera Añón, apesar dessa fonte e os demais textos de Ixtlilxóchitl terem sido escritos a partir de uma lógica de escrita hispânica, a *Sumaria Relación* apresenta como um elemento diferente a dedicatória, na qual Ixtlilxóchitl critica e coloca em questão as maneiras como os “historiadores” contemporâneos configuraram as histórias das etnias indígenas, principalmente os historiadores espanhóis que escrevem uma história enganosa sobre as etnias pré-hispânicas. Assim, diferenciando-se dos demais, Ixtlilxóchitl argumenta que seus textos foram produzidos de acordo com fontes e testemunhos nativos com origem e linhagem referenciadas, o que permite legitimar a configuração dos personagens que estão em seus escritos.²⁹⁵

Outra questão apresentada pela autora Vera Añón sobre *Sumaria Relación* é que Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, para destacar a veracidade de seu texto, estabelece a comparação deste com os textos produzidos por López de Gómora, que escreveu sobre a história mesoamericana tendo como atenção as descrições corretas dos personagens através de suas transcrições em *náhuatl*.²⁹⁶

Héctor Alejandro reforça a ideia de Vera Añón sobre a forma de escrita de Ixtlilxóchitl, incluindo *Sumaria Relación*, ressaltando que o discurso criativo produzido por

IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p.272

²⁹⁴ IXTLILXOCHITL, F. A. Op. Cit., p. 289.

²⁹⁵ AÑÓN, Vera. La red desgarrada: historia y polémica en las obras históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **XXIV Jornada de Investigadores del Instituto de Literatura Hispanoamericana**, UBA, Buenos Aires, Mar., p.1-10, 2011, p.4-5.

²⁹⁶ AÑÓN, Vera. Op. Cit., p.5-6.

Ixtlilxóchitl se manifesta por meio de uma heterogeneidade de recursos ou práticas para legitimar e reforçar a história de seus antepassados.²⁹⁷

Nesse sentido, Ixtlilxóchitl estaria, em *Sumária Relación*, reforçando a importância da utilização de fontes indígenas para a constituição dos textos, uma vez que esses passariam a ser portadores de veracidade e de legitimidade em relação às genealogias relatadas.

- *Relación Sucinta: construção dos personagens históricos*

O texto *Relación Sucinta* de Ixtlilxóchitl, escrito em 1610 para um dos vices rei da Nova Espanha, retoma o tema das genealogias pré-colombianas dos *chichimecas* e *toltecas*, porém, de uma forma mais resumida e acrescentando detalhes sobre os governos dos personagens Nezahualcoyotzin e Nezahualpilli, cujas atitudes eram diferentes daquelas dos demais governantes.

Sobre o fato de as narrativas destacarem as ações desses personagens, o autor Salvador Velazco menciona que Ixtlilxóchitl descreveu as elites indígenas de *Texcoco* como aquelas que se tornariam as mais receptivas a receberem a cultura hispânica e o cristianismo. De acordo com Velazco, essa representação das elites indígenas feita por Ixtlilxóchitl foi realizada a partir de associações com alguns profetas “bíblicos”, como a comparação com a história do rei Davi.²⁹⁸

Javier Ysern aponta que a descrição desses governantes feita nesses textos pode estar relacionada com o fato de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl ter que apresentar, em 1610, declarações e testemunhos sobre a sua descendência vinculada aos membros das elites indígenas de *Texcoco*.²⁹⁹ Portanto, não foi por acaso que o cronista Ixtlilxóchitl dedicaria esses textos ao vice-rei da Nova Espanha, Luís de Velasco.

²⁹⁷ COSTILLA MARTÍNEZ, Héctor Alejandro. **Fernando de Alva Ixtlilxóchitl y la reconstrucción de la grandeza Texcocana**. México: FFYL, 2018, p.54.

²⁹⁸ VELAZCO, Salvador. Historiografía y etnicidad emergente en el México Colonial: Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozomoc. **Mesoamérica**, Guatemala, v. 20, n.38, p. 1-31,dez./jan., 1999, p. 6.

²⁹⁹ DE LA CALLE, Javier Ysern. Manuscritos americanos de la Biblioteca Histórica: Relaciones Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Pecia Complutense**, Madrid, n.20, p.16-21,2014, p.28.

- *Compendio Histórico: o discurso transcultural*

No texto denominado *Compendio Histórico del Reino de Texcoco*, de 1608, Ixtlilxóchitl acrescenta mais detalhes sobre as relações entre espanhóis e indígenas, mencionando como os antepassados de sua etnia se tornaram vassallos da Coroa espanhola. Isto pode ser comprovado no seguinte trecho do texto, no qual o cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl menciona como se estabelecia a relação de Ixtlilxóchitl II com os espanhóis:

*Ixtlilxóchitl (...) favorecia a los hijos del sol, y era contra su propia patria y deudos, el cual les respondía siempre que más quería ser amigo de los cristianos que traían la luz verdadera, y su pretensión era muy buena para la salud del alma (...) perdería la vida por ellos.*³⁰⁰

Segundo Salvador Velazco, esses textos produzidos por Ixtlilxóchitl, incluindo *Compendio Histórico*, destacam a relação entre os membros das elites indígenas e os espanhóis, apresentam um discurso transcultural, por meio do qual o cronista revela a preocupação em demonstrar a continuidade entre a sociedade indígena e a espanhola. Assim, *Compendio Histórico* representa um memorial de história que mostra os méritos e serviços que os indígenas prestaram à Coroa espanhola.³⁰¹ Valeria Añón também menciona o discurso complexo nos textos de Ixtlilxóchitl, argumentando que esses textos, como o *Compendio Histórico*, partem de uma retórica de argumentos silenciosos que calam as histórias “idólatras” no mundo *texcocano*,³⁰² construindo, assim, uma memória de passado que se projeta no futuro.

Desta maneira, observando as peculiaridades dos textos que formam o *Compendio Histórico*, temos que considerar como o contexto histórico do cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl influenciou todos os seus escritos e a construção dos personagens a partir de suas ações e atitudes mais valorosas e diferenciadas das elites de sua etnia em relação às elites de outras etnias indígenas.

³⁰⁰ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p. 463.

³⁰¹ VELAZCO, Salvador. Op. cit, p.5.

³⁰² AÑÓN, Valeria. La tematización de la memoria en las crónicas mestizas: a propósito de las obras históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl y el Inca Garcilaso de la Vega. In: BOTTA, Sergio;BATTOCK, Clementina (ed.). **La Construcción de la memoria en Mesoamérica y andes**. México: DESTIEMPOS, 2014 p.13.

- *Sumaria relación de la Historia General de esta Nueva España: as ações épicas dos chichimecas*

A *Sumaria relación de la Historia General de esta Nueva España* foi escrita em 1611, texto que foi direcionado a um dos vice-reis da Nova Espanha e na qual o cronista ressalta as ações políticas de seus antepassados, como pode ser observado na descrição do *Techotlalatzin*, o quinto governante *chichimeca*:

*Techotlalatzin que fue el quinto emperador chichimeca (...) uno de los príncipes más valorosos y de grandes virtudes que tuvo esta tierra (...) bueno gobierno y conservación de sus súbditos y vasallos y trajo a la corte a los mejores artificios de todas artes (...).*³⁰³

Pablo García menciona que os relatos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, como as ações políticas dos *chichimecas* presentes no texto *Sumaria relación de la Historia General*, são fundamentados em narrativas épicas através de palavras enaltecidas a respeito dos feitos de seus antepassados.³⁰⁴ Assim, Ixtlilxóchitl estaria produzindo um argumento bastante particular sobre a cultura indígena, referenciando como elemento central os governantes *chichimecas* de *Texcoco*.

Segundo Valeria Añón, esses relatos particulares que constam nas obras de Ixtlilxóchitl possibilitam um “(...) relato providencialista y civilizador que se pretende para el pueblo texcocano”³⁰⁵, ou seja, o cronista cria um relato em que o passado e o futuro das etnias pré-hispânicas se inserem em uma narrativa maior, da história da humanidade, que seria orientada pela própria vontade da Providência Divina. Nessa narrativa, os *textocanos* ocupam um papel essencial no âmbito civilizador, seja pelo nobre papel desempenhado no período pré-conquista ou na adesão à doutrina cristã e na condição de vassallos da Coroa Espanhola no período pós-conquista.

Seguindo a perspectiva desses autores, acrescentamos que temos que ter como horizonte para quem o cronista Ixtlilxóchitl estava escrevendo, ou seja, algumas autoridades

³⁰³ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p534.

³⁰⁴ GARCÍA, Pablo. **Estrategias para (des)aparecer**: la historiografía de Fernando de Alva Ixtlilxochitl y la colonización criolla del pasado prehispánico. 2006. 294f. Dissertação (Doutorado em Filosofia), Departamento Spanish and Portuguese, Indiana University, 2006, p.118-119.

³⁰⁵ AÑÓN, Vera. La red desgarrada: historia y polémica en las obras históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **XXIV Jornada de Investigadores del Instituto de Literatura Hispanoamericana**, UBA, Buenos Aires, Mar., p.1-10, 2011, p..13.

da Nova Espanha, como o vice-rei. Assim, essas histórias foram desenvolvidas para que essas autoridades espanholas pudessem entender as históricas encontradas em *Sumaria relación de la História General* e, por seguinte, através das histórias de seus antepassados conseguir confirmar a continuação de suas mercês e privilégios.

3.3.5- *Historia de la Nación Chichimeca: a mudança da cultura indígena diante do outro*

Escrito entre 1610 e 1640, *História de la Nación Chichimeca* apresenta um texto com mais elementos sobre o cotidiano dos *chichimecas*, enfocando, especialmente, as relações políticas entre essa etnia e os espanhóis nos períodos de conquista da América Espanhola, como na descrição da chegada de Cortés na cidade de *Texcoco* e a decisão de Ixtlilxóchitl II de o auxiliar nos períodos de conquista das terras nativas: “*Ixtlilxóchit por grandes inconvenientes que halló en la ciudad y en demais reinos de Tetzuco (...) vino a la ciudad de Tetzcuco sólo a fin de oponerse y favorecer a Cortés (...)*”³⁰⁶.

De acordo com Salvador Velazco, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, em *História de la nación Chichimeca*, estabelece um discurso cortesão que leva à construção da mudança de mentalidade entre alguns membros das elites indígenas justificada pelo reconhecimento do Deus cristão ocidental.³⁰⁷ Nesse sentido, nos textos ocorre uma integração cultural que tem “*(...) un efecto en la realidad de la postconquista y es, además, una reconstrucción historiográfica que refleja el proceso de construcción de una emergente etnicidad en el México colonial*”³⁰⁸.

Martínez Costilla acrescenta, sobre as estruturas dos textos de *História de la nación Chichimeca*, que o cronista Ixtlilxóchitl desenvolve argumentos cheios de diálogos emotivos que perpassam todo o comportamento dos grupos relatados. Além disso, afirma que esses relatos produzidos pelo cronista “*(...) redonde en la imagen positiva de sus empresas y que justifiquen el sentido de su misión*”³⁰⁹, ou seja, são usados para integrar e confirmar as histórias heroicas dos *tlatoque* de *Texcoco*, assim como de Cortés.

³⁰⁶ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IHH, 1985, p. 240-241.

³⁰⁷ VELAZCO, Salvador. *Historiografía y etnicidad emergente en el México Colonial: Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozomoc*. **Mesoamérica**, Guatemala, v. 20, n.38, p. 1-31, dez./jan., 1999, p.7-8.

³⁰⁸ VELAZCO, Salvador. *Op. Cit.*, p.10.

³⁰⁹ MARTÍNEZ COSTILLA, Héctor Alejandro. **Fernando de Alva Ixtlilxóchitl y la reconstrucción de la grandeza Texcocana**. México: FFYL, 2018, p.144.

Em suma, observando todas as peculiaridades dos diferentes textos produzidos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, é possível perceber, através das fontes e de autores que estudam suas estruturas, que esses escritos possuem como um de seus elementos a presença de alguns aspectos da cultura hispânica. Esse aspecto será abordado no próximo tópico.

3.3.6- Elementos que aparecem em todas as crônicas de Ixtlilxóchitl

Como já mencionado, Ixtlilxóchitl teve que adaptar as histórias indígenas para atender a um “público” com uma cultura diferente, que tem como um de seus alicerces a fé em um Deus único. Um desses aspectos que o cronista utilizou para desenvolver seus textos e que não são de origem indígena, refere-se a alguns conceitos de origem europeia, como pode ser visualizado na tabela abaixo:

Tabela 1

Principais conceitos europeus encontrados nas Crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl		
	Caracterização	Fontes
Império	Está relacionada com aquele <i>tlatoani</i> que governa e tem poder sobre uma grande quantidade de <i>altepeme</i> .	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.
Idolatria	Este conceito é recorrente nos textos de Ixtlilxóchitl, sendo associado à adoração aos deuses pré-hispânicos. “ <i>Tuvo por falsos a todos los dioses que adoraban los de esta tierra</i> ”. ³¹⁰	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1985.
Pecado	A descrição de pecados é associada a alguns atos nomeados impróprios e abomináveis pelo autor: “ <i>(...) haciendo ellos cosas con mal arte (...) fácilmente los persuadieron a grandes pecados</i> ”. ³¹¹	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.

³¹⁰ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1985, p. 136.

³¹¹ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p.277.

Monarquia	A nomenclatura que aparece nas histórias das crônicas está associada ao <i>tlatoani</i> , que governaria “ <i>como cabeza de todos</i> ”. ³¹²	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.
Tirania	<i>Tlatoani</i> que governa com soberba e a quem atribui algumas ações traidoras. “ <i>Tirano traidor</i> ”. ³¹³	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.

Os usos destes conceitos europeus nas obras do autor estudado são reflexos da educação recebida por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, que estudou em colégios franciscanos. Assim, o cronista se desvincula de alguns elementos da cultura indígena, como a questão da adoração de vários dos deuses indígenas, se aproximando mais da cultura hispânica, o que resulta em uma adaptação cultural que associa o passado e o presente do cronista.

Além disso, encontramos nos textos de Ixtlilxóchitl o destaque das virtudes de seus ancestrais e de outros membros das elites de sua etnia com adjetivos positivos, segundo algumas expressões ocidentais, enquanto, por outro lado, atribuía adjetivos negativos aos membros de outras etnias indígenas, como pode ser conferido no próximo quadro, sobre a diferenciação estabelecida nas crônicas de Ixtlilxóchitl entre os *acolhuas* ou seus ancestrais, como os *chichimecas* e *toltecas*, e os *Tlatoque* de outras etnias:

Tabela 2

Grupo ou tlatoque	Adjetivos	Fonte
<i>Acolhuas</i>	<i>Muy valerosos y descendían de los mayores del mundo.</i> ³¹⁴	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.
<i>Toltecas</i>	<i>Muy valerosos y de grandes hazañas.</i> ³¹⁵	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.
<i>Tlacopan</i>	<i>Grandes sábios y justos.</i> ³¹⁶	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I.

³¹² *Ibidem*, p. 334.

³¹³ *Ibidem*, p.322.

³¹⁴ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975, p.328-359.

³¹⁵ *Ibidem*, p.269-290.

³¹⁶ *Ibidem*, p. 446-447.

		México: UNAM - IIH, 1975.
<i>Chichimecas, associados à cidade de Texcoco</i>	<i>Grandes chichimecas, valerosos y amigos de paz.</i> ³¹⁷	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.
<i>Tlatoque da cidade Azcaputzalco</i>	<i>Tiranos, soberbios, y amigos de guerra.</i> ³¹⁸	IXTLILXOCHITL, F. A. Obras Históricas . 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.

Percebe-se, nesta tabela, que Fernando Ixtlilxóchitl dispõe de várias expressões de origem europeia, como a palavra “tiranos”. Por meio dessas expressões o cronista enaltece em seus textos a etnia a qual pertence e também a diferencia dos demais grupos étnicos que existiam no período pré-colombiano. Além disto, Ixtlilxóchitl também destaca as melhores “qualidades” dos membros de sua etnia em relação as demais.

f

3.4. - A legitimação nos textos de Ixtlilxóchitl: a ancestralidade e sua relação com os direitos herdados e adquiridos pelas elites indígenas de Texcoco no final do século XVI e início do XVII

A entrada dos espanhóis em território americano transformou e modificou as estruturas de poder das etnias indígenas. No México Central ocorreria a alteração na forma de indicação do governante ou *Tlatoani*, que seria substituída pelo sistema de concessão de títulos de “cacique”, o que transformaria o poder político das elites indígenas.³¹⁹

O título de “cacique”³²⁰ permitiu que os membros das elites indígenas pudessem adentrar no sistema político da Nova Espanha e, por seguinte, assumissem o papel de intermediadores entre os espanhóis e os membros das encomendas indígenas. Os membros

³¹⁷ *Ibidem*, p.292-349.

³¹⁸ *Ibidem*, p.349-441.

³¹⁹ CARRASCO, Pedro. La transformación de la cultura indígena durante la colonia. State University of New York at Stony Brook. **Historia Mexicana**, Mexico, p. 175-237, mai./mar., 2012.p. 182).

³²⁰ Os caciques poderiam continuar administrando as cidades indígenas (ou *altepeme*), auxiliando os espanhóis na organização da arrecadação dos tributos e evangelização católica sobre as populações indígenas (GRANA, Mario Julio. La verdad asediada. Discursos de y para el poder. Escritura, institucionalización y élites indígenas sur andinas. *Chargas*. Siglo XVI. **Revista Andes**, Universidad Nacional de Salta, Salta, Argentina, n. 12, v.1, p. 1-13, 2001, p. 1).

dessas elites indígenas também usufruiriam das mercês e privilégios concedidos pela Coroa Espanhola através do *Cacicazgo*. Esses privilégios e mercês que foram concedidos a essas elites fizeram com que este grupo social mantivesse sua posição de destaque em relação às pessoas comuns até o ano de 1550, quando iniciou-se um sistema de organização no qual o monarca poderia controlar a vida social e política dos indígenas, que passaram a compor as Repúblicas de índios.³²¹

O cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl (1578-1650) foi um dos nativos americanos que teve acesso ao *Cacicazgo* de San Juan Teotihuacan e todos os benefícios daqueles considerados como indígenas puros³²², como conseguir ocupar os cargos de Juiz governador de *Texcoco* e *Tlamanalco*.³²³ Ixtlilxóchitl conseguiu acesso ao *Cacicazgo* através de sua origem materna, conforme o trecho do testamento transcrito abaixo, em que consta a descrição de para quem foi passada a herança ao *Cacicazgo*, entre os membros familiares de Ixtlilxóchitl:

*Don Juan Dalva Cortés, como hijo legítimo y universal heredero de don Fernando de Alva (...) y nieto de de doña Ana Cortés, mujer legítima que fue de Juan Pérez de Peraleda, padre legítimo de dicho Fernando de Alva; que la dicha doña Ana Cortés fue universal heredera de la señora doña Francisca Verdugo, su madre legítima, cacica y señora natural que fue del cacicazgo (...).*³²⁴

O *cacicazgo* conferido na Nova Espanha às elites indígenas poderia ser adquirido através de uma declaração de testemunho firmado por autoridades locais, por meio da qual as elites indígenas poderiam adquirir e legitimar sua descendência.³²⁵ Por meio desse documento, os indígenas poderiam adquirir privilégios, títulos espanhóis, ter direito a terras, estudar nos colégios franciscanos destinados aos filhos das elites indígenas e também não

³²¹ BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 407- 413.

³²² A Coroa Espanhola promulgou um decreto de que só os índios considerados “puros” poderiam receber o *Cacicazgo*, e homogeneizou as formas de ascensão das elites indígenas (MARTÍNEZ, M. Elena. **Genealogical fictions: limpeza de sangue, religion and gender in colonial Mexico**. Stanford: Stanford University Press, 2008, p.116-117).

³²³ CARBONE, Carla de Jesus. **Chicomoztoc, o lugar das setes cavernas**. 247f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História social, USP, São Paulo, 2014, p.61.

³²⁴ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975, p.385.

³²⁵ BORNEMANN MENEGUS, Margarita. El Cacicazgo en Nueva España. In: BORNEMANN MENEGUS, Margarita; SALVADOR AGUIERRA, Rodolfo; et al. **El Cacicazgo en Nueva España y Filipinas**. México:Plaza y Valdés, 2008, p.16.

pagar tributos. Esta afirmação pode ser comprovada através da petição de reconhecimento de *Cacicazgo* a Juan Dalva Cortés, filho de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, pela Audiência Real da Nova Espanha:

*Don Juan de Alba Cortez, hijo legítimo y universal heredero de inventario de Don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, como mejor haya lugar. Digo que en las tierras y Cacicazgo del pueblo de San Juan Teotiguacan que han sido por cédulas reales, por sucesión y herencia, de los antepasados (...) cacicazgo pasó al dicho Don Fernando de Alba, padre de mi parte (...) conque por su muerte pasó a mi parte que es quien le sucede y siguiente en grado cacicazgo, y se le debe como a tal sucesor inmediato, dar y amparale en la real, actual de las tierras que pertenecen en conformidad de los recaudos que presento con el juramento necesario (...).*³²⁶

Ao acolher a posse dos direitos dos herdeiros indígenas – como no caso da concessão do *Cacicazgo* – a Coroa Espanhola pretendia, no início do processo de colonização, ter o auxílio das elites indígenas na evangelização católica, administração e controle das encomendas³²⁷ indígenas. No entanto, esta decisão da Coroa espanhola, de permitir a continuidade das tradicionais hierarquias entre os grupos indígenas, não perdurou por muito tempo, pois no final do século XVI e princípio do XVII os espanhóis começariam a reordenar suas relações com os nativos.

Esta mudança de posicionamento dos espanhóis sobre o poder e privilégios das elites indígenas ocorreu em decorrência da ampliação cada vez mais rápida das instituições hispânicas na América, da percepção de que não precisariam mais do apoio dessas elites, como no início, e também por acreditarem que as elites indígenas já tinham adquirido títulos e privilégios demais para si.³²⁸

A transformação da percepção dos espanhóis sobre a situação política e social das elites indígenas na América Espanhola resultou na diminuição dos direitos e privilégios de tais elites e também na tributação de todos os membros da população indígena, ou seja, até as elites teriam que pagar tributos à Coroa Espanhola.³²⁹

³²⁶ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975, p. 20.

³²⁷ ELLIOT, John. A conquista espanhola e a colonização da América. América Latina Colonial. In: BETHELL, Leslie; HEMMING, John; WACHTEL, Nathan; et. al. **História da América Latina**. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 182, p. 182

³²⁸ MENEGUS, Margarita. La destrucción del señorío indígena y la formación de la república de indios en Nueva España. In: BONILLA, Heraclio. **El sistema colonial en la América española**. Barcelona: Crítica, 1991, p. 32.

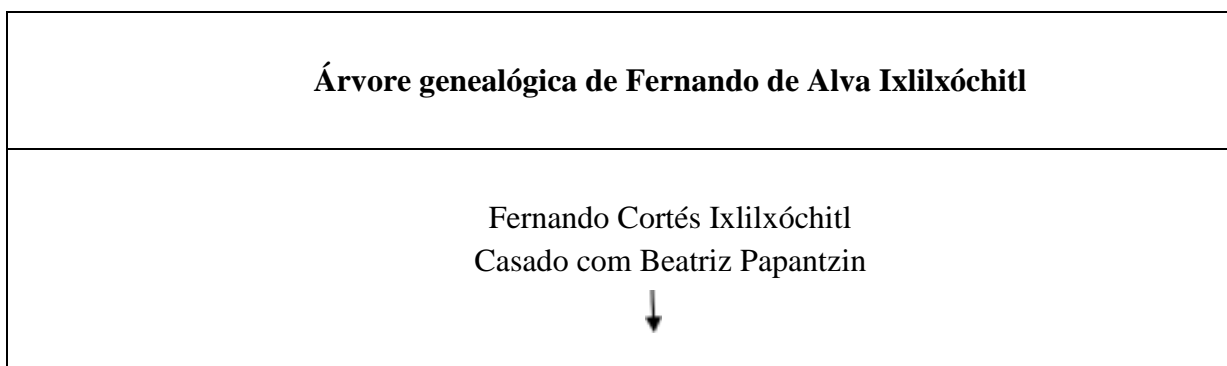
³²⁹ MENEGUS, Margarita. Op. Cit., p. 34.

No entanto, apesar deste cenário de diminuição do poder indígena, as elites procurariam, por meio da produção de códices e crônicas, uma maneira de enaltecer sua descendência e os seus direitos e privilégios. Exemplos dessas produções são as crônicas escritas por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, as quais demonstram a preocupação do cronista em evidenciar sua ascendência indígena, o que lhe permitiria assegurar o acesso ao *Cacicazgo*. O relato de Ixtlilxóchitl, abaixo, demonstra como ele pretendia provar o seu parentesco indígena aos espanhóis:

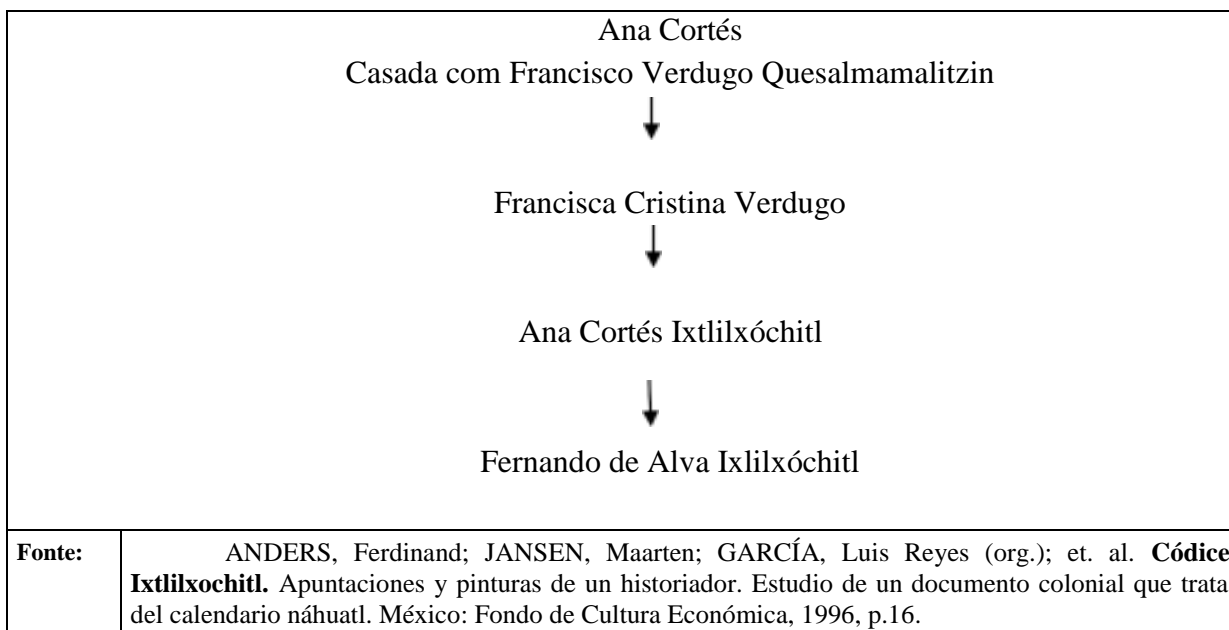
*(...) aunque con mudanzas de los tiempos y caída de los señores y estados de mi pasados, quedaron sepultadas sus historias; por cuya causa he conseguido mi deseo con mucho trabajo, peregrinación y suma diligencia en juntar las pinturas de las historias y anales, y los cantos con que observaban; y sobre todo para poderlas entender, juntando y convocando a muchos principales de esta Nueva España, los que tenían fama de conocer y saber.(...) Y así por esto, como por la particular afición que siempre mis mayores y yo tuvimos a las cosas de V.S.I me han dado ánimo para osar dedicarla a V.S.I.(...).*³³⁰

Desta maneira, preocupado em destacar os seus ancestrais, Ixtlilxóchitl elaborou seus textos com base nas diferenciações sociais e políticas, de forma que pudesse garantir a distinção de seu grupo étnico frente aos demais, e das elites em comparação com as pessoas comuns, mostrando, assim, o valor de sua linhagem governante e dos *acolhuas* de *Texcoco*. Esta afirmação da relação entre as histórias constituídas por Ixtlilxóchitl e sua descendência pode ser percebida quando observamos a árvore genealógica do cronista e encontramos sua ligação com Don Cortés Ixtlilxóchitl, último grande *tlatoani chichimeca* e um dos principais personagens nos relatos encontrados nas diferentes crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl.

Tabela 3



³³⁰ IXTLILXÓCHITL, Fernando de Alva. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM-IIIH, 1975, p. 525.



Assim, a preocupação de Ixtlilxóchitl em destacar as histórias dos descendentes de suas etnia em seus relatos poderia ter possibilitado ao cronista uma forma de garantir e preservar seus direitos e a posição social ocupada por sua família, daqueles que possuem o *Cacicazgo*, com todos os seus benefícios, já que o cronista reafirma em seus textos o valor e poder de sua linhagem, no final do século XVI e início do XVII na América Espanhola. Porém, apesar de todos os esforços de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl para conseguir os títulos e privilégios daqueles que detém os direitos do *Cacicazgo*, o cronista não prosseguiu alcançar e ascender na esfera social e política na Nova Espanha, por exemplo, morrendo sem nunca conseguir a posse do cargo de cacique e tendo grande parte de seus bens diminuído pela Coroa Espanhola.³³¹ Sob este cenário caracterizado pela diminuição dos poderes e privilégios, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, em comparação com seus antepassados *tlatoques*, morreu sem possuir grandes poderes e bens.

Na continuidade deste processo, em busca de defender todos os direitos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, o seu filho Juan de Alva Cortés, após a morte de seu pai procurou durante a sua vida fazer algumas petições em favor da herança da qual teria posse e legitimar os bens que ainda detinham do *Cacicazgo* de sua família. Como pode ser observado no trecho abaixo na petição de Juan de Alva Cortés à Coroa Espanhola:

(...) *Don Juan de Alva Cortes, hijo legítimo y universal herdeiro con deneficio de inventario de don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl(...) en las*

³³¹ MARTÍNEZ COSTILLA, Héctor Alejandro. **Fernando de Alva Ixtlilxóchitl y la reconstrucción de la grandeza Texcocana**. México: FFYL, 2018, p.62-63

*tierras y cacicazgo del Pueblo de San Juan Teotihuacan que han sido por células reales, por sucesión y herencia, de los antepassados de mi parte(...)don Fernando de Alva, padre de mi parte (...)por su muerte pasó la posesión civil y natural de dicho cacicazgo(...) em conformidad de los recaudos y sus tierras que presento com dicha solemnidad*³³²

Esta petição de Juan de Alva Cortés para acesso ao Cacicazgo, e por seguinte a posse dos poucos bens de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, é resultado da disputa jurídica que aconteceu entre ele e seu tio paterno Luis de Alva. Este tio, após a morte de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, reivindicou o direito ao *Cacicazgo* do seu irmão por se considerar o legítimo sucessor, porque ele teria sido criado por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl como filho natural mais velho, o qual teria acesso ao *Cacicazgo* e todos os seus privilégios e mercês, como pode ser considerado no testemunho de Juan de Alva a Coroa Espanhola:

*Don Juan de Alva Cortés, vecino de esta ciudad, como mejor en derecho proceda(...) para preparatório juicio como más haya lugar, a mi derecho conviene probar y averiguar como sou hijo legítimo y natural y único y universal herdeiro de don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, ya difunto(...) me hubieron y alimentaron, tratándome como a su hijo natural(...)por cuya representación y haber sucedido en sus derechos como descendiente de hijo mayor me toca y pertenece el dicho cacicazgo y señorío de San Juan Theotihuacan(...)*³³³

O impasse entre Juan Alva Cortés e seu tio Luis de Alva sobre os direitos do *cacicazgo* foi resolvido em 15 de julho de 1667 na Audiência Real da Nova Espanha, o resultado foi a favor de Juan Alva Cortés, o que foi considerado em função do parentesco, ou seja, o seu vínculo legítimo com Fernando de Alva Ixtlilxóchitl e seus antepassados, portanto reconhecendo seu direito ao título e a todos os benefícios que dele provém. O que pode ser comprovado através da escritura de transição realizada na Audiência:

Auto de la Real Audiencia. Em ciudad de México, a quince días del mês de julio de mil y seiscientos y sessenta y siete años, los señores presidente y oidores de la Audiencia Real de la Nueva España, habiendo visto este processo y autos entre partes de la una don Luis Alva Ixtlilxóchitl, cacique del pueblo de San Juan Theotihuacan, y de la outra, don Juan de Alva Cortés, prete de esta Real Audiencia, sobre la posesión y sucesión de un cacicazgo.(...) se apruebe la escritura de transacción y concierto que ortógo

³³² IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**.4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975, p.379.

³³³ *Ibidem*, p. 373.

*con el dicho don Luis de Alva (...) las tierras según se contiene en ella, y para ello y apreenda posesión, se despache recuado y se vuelvan(...)*³³⁴

Juan Alva Cortés conseguiu o acesso a essas terras que, em comparação ao que seu pai detinha, eram pequenas, porque enquanto estavam sobre a posse de seu tio Luis de Alva foram vendidas metade das terras. Conseqüentemente, essas terras que ficaram com Juan Alva Cortés e o título de *Cacicazgo* de San Juan passaram para seus filhos e as terras para os filhos e também seus sobrinhos, o que causou a separação das propriedades que antes pertenciam a Fernando de Alva Ixtlilxóchitl.³³⁵

Em suma, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl elaborou seus diferentes textos mostrando a importância de seus antepassados e ressaltando os principais aspectos sociais e políticos da etnia a pertence, os *acolhuas* de *Texcoco*. Tais escritos que elaborou e que tratavam dessa ancestralidade foram utilizados pelo cronista para defender os direitos ao *Cacicazgo* por parte de sua família perante as autoridades espanholas na Nova Espanha. No entanto, o cronista não conseguiu adquirir e usufruir de todos os benefícios sociais e políticos daqueles que detinham o acesso ao *Cacicazgo*. Apesar disto, seu filho Don Juan Alva Ixtlilxóchitl conseguiu através de petições a Coroa Espanha manter alguns poucos benefícios e terras adquiridos por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, e por seguinte, passar para seus filhos e sobrinhos.

³³⁴ IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**.4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975, p.388-389

³³⁵ *Ibidem*, p.392.

CONCLUSÃO

Durante o período pré-colombiano, as elites indígenas do centro do México construíram seus poderes sociais e políticos através de vários “caminhos”, como o pertencimento a uma linhagem governante, poder que poderia ser adquirido através de méritos e herança ancestral. Além disso, esse grupo privilegiado ocupava cargos importantes para o funcionamento das cidades, como o controle dos tributos. Essa elite sustentou, durante o período pré-hispânico, sua posição social, diferenciando-se das pessoas comuns.

Essa hierarquia social, que diferenciava as elites das pessoas ditas comuns das cidades pré-colombianas, continuou de uma maneira adaptada durante os primeiros momentos do processo de colonização da América Espanhola. Os espanhóis passariam a contar com os membros das elites indígenas como intermediários na organização dos *Cabildos* e Encomendas indígenas. Ao auxiliar os espanhóis, essas elites poderiam receber títulos espanhóis, honorários, dentre outras coisas, o que resultaria numa forma de adaptação cultural, a qual permitiria que continuassem a se diferenciar dos indígenas considerados comuns.

A influência da cultura europeia sobre o cotidiano dos membros das elites indígenas esteve nas abordagens de ideias como a de conversão dos indígenas, desenvolvida por pensamentos como o do padre Bartolomé de Las Casas e o dominicano espanhol Francisco de Vitória, que defendiam diferentes maneiras para que ocorresse a tutela dos indígenas pela Coroa Espanhola sobre os indígenas. Esses debates foram situados no século XVI e estimularam a criação de leis sobre os direitos indígenas, como as *Leyes Nuevas* de 1542.

No final do século XVI e princípio do XVII, a Coroa espanhola, sob o comando de Felipe II, inicia uma política mais forte de centralização política na Nova Espanha, que transformou a hierarquia social entre as elites indígenas e os indígenas comuns, já que, a partir de então, os membros comuns dessas sociedades também poderiam ocupar cargos importantes na colônia espanhola e obter privilégios. Além disso, a política centralizadora da Coroa espanhola se refletia nos pensamentos político-religiosos a respeito de como os indígenas deveriam ser tratados na colônia, como a ideia de hispanização dos indígenas.

Diante dessas transformações políticas, diversos membros das elites indígenas começaram a escrever crônicas e textos sobre a história de suas etnias. Os cronistas indígenas produziram e elaboraram textos com narrativas peculiares, de acordo com os estilos textuais ocidentais, o que permitiu que dialogassem com as estruturais culturais e políticas impostas pelas autoridades espanholas e, por conseguinte, defendessem e preservassem, mesmo que de

uma maneira adaptada, as histórias de suas etnias e também os direitos sócio-políticos que detinham desde o período pré-colombiano.

Dentre essas crônicas indígenas redigidas segundo os estilos ocidentais de escrita, podemos incluir as diferentes crônicas produzidas por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. O autor fez uso de diferentes fontes indígenas, mas em conformidade com o modelo de escrita ocidental, para descrever as histórias de sua etnia, os *acolhuas* de *Texcoco*.

A utilização do modelo de escrita “ocidental” associado a uma série de textos indígenas frutos das práticas e tradições nativas, possibilitou que Fernando de Alva Ixtlilxóchitl pudesse gerar, em seus textos, argumentos que destacassem o poder social e político de seus antepassados. Assim, Ixtlilxóchitl apresenta, como um dos eixos centrais de suas narrativas sobre as histórias de seus antepassados, que a questão da ancestralidade estava diretamente ligada à legitimação do poder político existente entre as etnias indígenas desde o período pré-hispânico. Para tal, na crônica *Sumaria Relación*, o autor demonstra que as elites indígenas de *Texcoco* adquiriram status e poder político pelo fato de serem herdeiros diretos dos governantes Xólotl e Topiltzin; portanto, por herança, teriam direito ao poder. Em seguida, com essa lógica que visava a legitimação de poder, o autor reafirma fronteiras hierárquicas entre os membros das elites indígenas e as pessoas comuns, com o intuito de separar e preservar as funções e cargos que seriam destinados aos membros das elites indígenas. Esta diferenciação, reforçada por Ixtlilxóchitl, se tornaria ainda mais importante para essas elites no final do século XVI e início do século XVII, quando as pessoas comuns começariam a ocupar cargos que no passado eram destinados somente aos membros das elites indígenas ou mesmo os novos cargos criados durante o período colonial.

Para evidenciar esse poder político adquirido pelos governantes de *Texcoco* no período pré-hispânico, Ixtlilxóchitl ressalta em *Relación Sucinta* o poder e as atitudes dos governantes de *Texcoco* em relação às demais etnias do Vale do México, destacando as ações desses homens e caracterizando-os como aqueles que seriam os melhores políticos e sábios do México antigo. Desta forma, o cronista fez uso dos governantes Nezahualcoyotzin e Nezahualpilli, construindo, por meio da descrição de seus governos, caracterizados pelo autor como justos e sábios, os fundamentos que sustentariam a ideia de que os *acolhuas* teriam as melhores disposições para receberem a cultura cristã e integrarem a sociedade colonial, em comparação com os outros grupos étnicos, retratados, algumas vezes, como idólatras.

Essas qualidades mais receptivas dos *acolhuas* à cultura espanhola nos relatos de Ixtlilxóchitl foram elaboradas com base em conceitos e valores cristãos, criando uma versão

peculiar da história de sua etnia, refletindo a convergência cultural e política entre os dois “mundos” que se misturavam e eram modificados continuamente. Essas convergências culturais e políticas são descritas, principalmente, na crônica *Compendio Histórico*, na qual o autor descreve a amizade de Ixtlilxóchitl II (último governante *chichimeca*) com Cortés e como esta amizade permitiu a Ixtlilxóchitl II ser batizado e adotar os costumes cristãos e políticos espanhóis, pois, ao serem batizados, os membros das elites indígenas poderiam assumir a condição de vassallos da Coroa Espanha e adentrarem no novo sistema político da colonização espanhola, por intermédio de diversos cargos, como caciques locais.

Com relação à ocupação de alguns cargos políticos na Nova Espanha por membros das elites indígenas, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl destaca na crônica *Sumaria relación de la História General de esta Nueva España* – que foi dedicada ao vice-rei da Nova Espanha – a característica excepcional dos governantes *chichimecas* de legislar sobre as cidades do Vale do México, permitindo a elaboração de uma base que caracterizaria as elites de *Texcoco* como aquelas que estariam mais preparadas para exercerem os cargos administrativos na América espanhola.

Em seguida, na crônica *História de la Nación Chichimeca*, Ixtlilxóchitl agrega aos relatos sobre a relação entre os espanhóis e os membros das elites indígenas a ideia de que a chegada de Cortés acirrou as disputas étnicas que existiam desde o período pré-colombiano, o que forneceu aos *acolhuas*, ao se tornarem aliados dos espanhóis, possibilidades de conquista de territórios das etnias inimigas e a expansão e intensificação de seu poder político.

O autor, por fim, concentrou o foco de suas histórias nas disputas étnicas e nos elementos de estratificação social e político, destacando o poder de sua linhagem e configurando em seus relatos o valor de seus ancestrais, frente ao contexto de transformações administrativas do final do século XVI e início do XVII, com as quais a Coroa Espanhola desarticulava as formas de acesso ao poder social e político pré-hispânico, ao permitir que as pessoas ditas comuns tivessem acesso a cargos e ofícios destinados aos membros das elites indígenas, como, por exemplo, o cargo de intérprete do juizado dos índios.

Desta maneira, o cronista Fernando de Alva Ixtlilxóchitl desenvolveu, a partir de suas pesquisas e diferentes maneiras de escrita, vários textos que preservam as histórias que contemplam as grandes ações dos governantes que estão vinculados a sua etnia, o que poderia ajudar a manter os direitos e privilégios que foram adquiridos pela sua família através do *Cacicazgo* de San Juan Teotihuacan, principalmente, no contexto de enfraquecimento dos poderes políticos e sociais da elites indígenas na Nova Espanha. No entanto, apesar dos

esforços de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl para continuar com os direitos e privilégios, o cronista, não conseguiu adquirir e atingir todos os benefícios daqueles que tinham acesso *Cacicazgo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

TEZOZÓMOC, Hernando Alvarado. Crónica Mexicana. In: OROZCO, Manuel. **Códice Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878.

CHAVERO, Alfredo. **Obras Históricas de Don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl**. México: Oficina Tip. de la Secretaria de Fomento, 1891.

CHIMALPAHIN CUAUTHLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñon. Séptima relación de las diferentes historias originales. Trad. Josefina García Quintana. México: Instituto de Investigaciones Históricas - UNAM, 2003.

CLAVIJERO, Francisco Javier. **Historia antigua de México**. 9 ed. México: Porrúa, 1991.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México: Editorial Porrúa, 1976.

IXTLILXOCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3. ed., v. I. México: UNAM - IIH, 1975.

_____. 4. ed., v. II. México: UNAM - IIH, 1975.

SAHAGÚN, Fr. Bernardino. **Historia General de las cosas de Nueva España**. México: Porrúa, 1999.

SIQUENZA Y GÓNGORA, Carlos. **Paraíso Occidental**. México: Conaculta, 2003.

CASAS y SÁNCHEZ, José. **Armorial de los nobles indígenas de la Nueva España**. Siglo XVI. Escudos de Armas otorgados por los Monarcas españoles a nobles indígenas (Aciques y Principales) (1534-1588). Disponível em: < <https://f-origin.hypotheses.org/wp->

<content/blogs.dir/1752/files/2015/10/Jos%C3%A9-Casas-y-S%C3%A1nchez.-Armorial-de-los-nobles-indigenas-de-Nueva-Espa%C3%B1a.pdf>>. Acesso em: 13 Ag. 2018.

VITORIA, F. Relecciones Teológicas. Madrid: Librería Religiosa Hernández, 1917, Tomo I, p. 85. Apud: SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais**. Niterói: ANPHLAC, 2014. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 16 Ag. 2018.

Bibliografia

ADORNO, Rolena. The indigenous ethnographer: the ‘Indio Ladino’ as historian and cultural mediation, In: SCHWARTZ, Stuart B. (ed.). **Implicit understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ALCINA, José Franch. **Códices Mexicanos**. Madrid: Mapfre, 1992.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios aldeados no Rio de Janeiro colonial - novos súditos cristãos do Império Português**. 2010. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, UNICAMP, São Paulo, 2010.

_____. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ANDERS, Ferdinand; JANSEN, Maarten; GARCÍA, Luis Reyes; et. al. (org). **Códice Ixtlilxochitl**. Apuntaciones y pinturas de un historiador. Estudio de un documento colonial que trata del calendario naua. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

ÁVILA SANDOVAL, Santiago. La vida cotidiana del ultimo tlatoani mexicana. In: ESCALANTE GONZALBO. **História de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

ALVIM, Márcia Helena. **Dos céus e da terra: astrologia judiciária e descrição da superfície terrestre nos relatos missionários da Nova Espanha do século XVI.** 2007. 290f. (Doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Pós-graduação em ensino de História de Ciências da Terra, UNICAMP, São Paulo, 2007.

AÑÓN, Vera. La red desgarrada: historia y polémica en las obras históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. In JORNADAS DE INVESTIGACIÓN DEL INSTITUTO DE LITERATURA HISPANOAMERICANA, 24., 2011, Buenos Aires. **Actas.** Buenos Aires: UBA, 2017. Disponível em: < <http://ilh.institutos.filo.uba.ar/publicacion/xxiv-jornadas-de-investigaci%C3%B3n-del-ilh-2011>>. Acesso em: 20 Ag. 2018.

BAUDOT, Georges. **México y los albores del discurso colonial.** México: Pátria, 1996.

BERNAND, Carmem.; GRUZINSKI, Serge. História do Novo Mundo II. São Paulo: Editora USP, 2006.

BENOIST, Valérie. La construcción de una comunidad nahua española en las relaciones de Chimalpahin. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, v. 34, p. 205-218, , 2003.

BORDIN, Reginaldo Aliçandro. **Hernán Cortés e os Franciscanos: a educação e a dominação espiritual do México.** 2013. 199f. Dissertação (Doutorado em História da Educação) - Pós-graduação em educação, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2013.

BORNEMANN MENEGUS, Margarita. El Cacicazgo en Nueva España. In: BORNEMANN MENEGUS, Margarita; SALVADOR AGUIERRA, Rodolfo; et al. **El Cacicazgo en Nueva España y Filipinas.** México: Plaza y Valdés, 2008.

BUENO BRAVO, Isabel. Los mexica: tributarios de Azcapotzalco. **Anales del Museo de América**, Madrid, n.12, p. 103-124, 2004.

BURKHART, Louise M. The **slippery earth**: nahua-christian moral dialogue in Sixteenth Century México. Arizona: The University of Arizona Press, 1989.

BRADING, David. A Espanha dos Bourbons e seu império americano. In: BETHELL, Leslie; HEMMING, John; WACHTEL, Nathan; et. al. **História da América Latina**. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

CÃNIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2011.

CARBONE, Carla de Jesus. **Chicomoztoc, o lugar das setes cavernas**. 247f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História social, USP, São Paulo, 2014.

CARRASCO, Pedro. La transformación de la cultura indígena durante la colonia. **Historia Mexicana**, Mexico, v. 25, n. 2, p. 175-203, out./dez. 1975.

CARRERA STAMPA, Manuel. Historiadores indígenas y mestizos novohispanos. Siglo XVI-XVII. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, v. 6, n. 1, p. 205- 243, 1971.

CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. Dos parcialidades étnicas en Azcapotzalco: Mexicapan y Tepanecapan. **Estudios de cultura náhuatl**, México, v. 1, n. 46, p. 223-248, 2013.

CHAUNU, Pierre. **Historia da América Latina**. Buenos Aires: Eudeba, 1994.

COSTILLA MARTÍNEZ, Héctor Alejandro. **Fernando de Alva Ixtlilxóchitl y la reconstrucción de la grandeza Texcocana**. México: FFYL, 2018.

COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de. **Tesoro de la lengua castellana o español**. Madrid: Placa, 1611. Disponível em: [<HTTP://fondosdigitales.us.es/fondos/libros/765/16/tesoro-de-la-lengua-castellana-oespanola/>](http://fondosdigitales.us.es/fondos/libros/765/16/tesoro-de-la-lengua-castellana-oespanola/). Acesso em: 16 Ago. 2017.

DANERI, Juan José. **El agua a su molino**. Tres historiadores novohispanos y sus crónicas en Castellano (Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, Hernando Alvarado Tezozomoc, Diego Muñoz Camargo). 2002. 236 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) School of Arts, Sciences Washington University, Saint Louis, 2002.

SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais**. Niterói: ANPHLAC, 2014. Disponível em: <
<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 20 Ag. 2018.

DÍAZ MIGOYO, Gonzalo. La crónica indígena mexicana: otro aspecto de la “visión de los vencidos”. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISPANISTAS DEL SIGLO DE ORO, 2., 1990, Salamanca/Valladolid. **Actas**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1993, p. 285-288. Disponível em:
https://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/02/aiso_2_1_026.pdf. Acesso em: 1 Nov. 2018.

ELLIOTT, John. A conquista espanhola e a colonização da América. América Latina Colonial. In: BETHELL, Leslie; HEMMING, John; WACHTEL, Nathan; et. al. **História da América Latina**. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. ELLIOTT, John H. **El viejo mundo y el nuevo (1492-1650)**. Madri: Alianza, 2015.

ESCALANTE GOZALBO, Pablo. La Ciudad, la gente y las costumbres. In: ESCALANTE GONZALBO (coord.). **Historia de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

- ESCALANTE GONZALBO, Pablo; RUBIAL GARCÍA, Antonio. El ámbito civil, el orden y las personas. In: ESCALANTE GONZALBO, Pablo (coord.). **Historia de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- ESTEVE-BARBA, F. Historiografia Indiana. In: SOUZA, Thiago Bastos. **A “escrita Franciscana” dos Novos Mundos: crônicas e historiografia no século XVI**. 2016. 167f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, 2016.
- FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; KALIL, Luis Guilherme Assis. A historiografia sobre as crônicas americanas. In: DOMÍNGUEZ, L. S.; FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A.; KARNAL, L. (org.). **Cronistas do Caribe**. Campinas: UNICAMP - IFCH, 2012.
- FLORESCANO, ENRIQUE. A saga de Ce Ácatl Topiltzin Quetzalcoatl. **Relaciones**, México, v. 24, n. 95, p.201-234, 2003.
- _____. **Los Orígenes del poder en Mesoamérica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- FUKUNAGA, João Luiz. **Crônica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc e as redes de inteligibilidade da memória (1538-1598)**. 2008. 161f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GARCIA, Elisa Fruhauf; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios na História do Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 279-282, 2010.
- GARCÍA, Pablo. **Estrategias para (des)aparecer: la historiografía de Fernando de Alva Ixtlilxochitl y la colonización criolla del pasado prehispánico**. 2006. 294f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Department of Spanish and Portuguese, Indiana University, 2006.

GARCÍA, Eva Bravo; LORENZO, Teresa Cáceres. **Claves para comprender las Crónicas de Índias**. Espanha: MCGRAW-HILL, 2012.

GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo. La creación de Nueva España. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. (coord.). **Historia General de México**. Tomo I, México: HARLA, 1976.

GALICIA VÁSQUEZ, Sergio Ángel. **La identidad de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl a través de su memoria histórica**. Análisis historiográfico. 2013. 423 f. Dissertação (Doutorado em História). Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de investigaciones históricas, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2013.

GALÁN LORDA, Mercedes. Luis de Velasco, legislador (1590-95 y 1607-11). In: CONGRESO DEL INSTITUTO INTERNACIONAL DEL DERECHO INDIANO, 10., 1992, Los Pinos. Memoria. México: UNAM, 1995, p. 497-528.

GIBSON, Charles. Las sociedades indias bajo el dominio español. In: SÁNCHEZ, Nicolás Albornoz; LOCKHART, James; LAVRIN, Asunción; et al. **Historia General de América Latina**. Vol. 4. Barcelona: Crítica, 1990.

_____. **Los aztecas bajo el dominio español (1519-1810)**. México: Siglo XXI, 1991.

GONZALBO, Pilar. El virreinato y el nuevo orden. In: TANCK DE ESTRADA, Dorothy (coord.). **La educación en México**. México: El Colegio de México, 2010.

_____. La educación en América y Filipinas. In: DELGAGO CRIADO, Buenaventura (org.). **História de la educación en España y América: la educación en la España Moderna (siglos XVI-XVIII)**. Vol. II. Madrid: Morata, 1993.

GRAÑA, Mario Julio. La verdad asediada. Discursos de y para el poder. Escritura, institucionalización y élites indígenas sur andinas. Chargas. Siglo XVI. **Revista Andes**, Universidad Nacional de Salta, Salta, n. 12, v.1, p. 1-13, 2001.

GRUZINSKI, Serge. A guerra das imagens e a ocidentalização da América. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **A colonização do imaginário**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

HANKE, Lewis. La lucha por la Justicia en la Conquista de América. Madri: Istmo, 1988. In: SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais...** Niterói: ANPHLAC, 2014.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O’ GORMAN, Edmundo. Estudio Introdutorio. In: IXTLILXÓCHITL, F. A. **Obras Históricas**. 3.ed. , V.I. México: UNAM-IIH, 1975.

KAGAN, Richard L. Vendendo a história: historiadores e genealogias na Espanha moderna. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes; CALAINHO, Daniela Buono; FEITLER, Bruno; FLORES, Jorge (org.). **Raízes do Privilégio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 24, p. 230-250, 1999.

LÉON-PORTILLA, Miguel. Religión de los Nicaaos. Análisis y comparación de tradiciones culturales nahuas. **Estudios de cultura náhuatl**, UNAM, México, v. 10, n. 1, p. 11-112, 1972.

_____. Los Franciscanos vistos por el hombre náhuatl: testimonios indígenas del siglo XVI. **Estudios de cultura náhuatl**, México, v. 1, n. 17, p. 261-339, 1984.

_____. Aportaciones recientes sobre: sociedad y cultura indígenas en el México colonial. **Estudios de cultura náhuatl**, México, v. 24, n.1, p. 455-475, 1994.

_____. El binomio oralidad y códices en Mesoamérica. **Estudios de Cultura náhuatl**, UNAM, México, v. 27, n. 1, p. 135-154, 1997.

_____. Mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie; HEMMING, John; WACHTEL, Nathan; et. al. **História da América Latina**. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **Visión de los vencidos**. México: UNAM, 2008.

LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. **Hombres-Dios**. Religión y política en el mundo náhuatl. México: UNAM, 1989.

LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El pasado indígena**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

LOPÉZ SARRELANGUE, Delfina E. Las tierras comunales indígenas de la Nueva España en el silgo XVI. **Estudios de Historia Novohispana**, México, v.1, n.1, p.1-21, 1966.

LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Linares (coord.). **Indios, mestizos y españoles**. México: Azacaotzalco, 2007.

MARTÍNEZ COSTILLA, Héctor Alejandro. **Fernando de Alva Ixtlilxóchitl y la reconstrucción de la grandeza Texcocana**. México: FFYL, 2018.

MARTÍNEZ, M. Elena. **Genealogical fictions**: limpieza de sangre, religion and gender in colonial Mexico. Stanford: Stanford University Press, 2008.

MENEGUS, Margarita. La destrucción del señorío indígena y la formación de la república de indios en Nueva España. In: BONILLA, Heraclio. **El sistema colonial en la América española**. Barcelona: Crítica, 1991.

- _____. La nobleza indígena en la Nueva España: circunstancias, costumbres y actitudes. In: ESCALANTE GONZALBO, Pablo (coord.). **História de la vida cotidiana en México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- MASSIMI, Marina; PRUDENTE, André Barreto. **Um incendiado desejo das índias**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MICHEL, Foucault. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MIGNOLO, Walter. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y de la conquista. In: IÑIGO MADRIGAL, Luis. **Historia de la literatura hispanoamericana**. Madrid: Cátedra, 1981.
- _____. Signs and their transmission: the question of the book in the New World. In: BOONE, Elizabeth Hill; MIGNOLO, Walter (ed.). **Writing without Words**. Durham: Duke University Press, 1994.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. História antiga e o antiquário. **História e cultura histórica no alvorecer da época moderna**, Porto Alegre, v. 21, n. 39, p. 19-76, 2014.
- MONTORO, Gláucia Cristiani. **Dos livros adivinhatórios aos Códices coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas**. 2001. 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.
- NAVARRETE LINARES, Federico. Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana. In: DALLAL, Alberto. **La abolición del arte**. México: UNAM, 1998.
- _____. **Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México**. 533 f. Dissertação (Doutorado em Estudos Americanos) - Facultad de Filosofía y

Letras División de Estudios y Posgrado, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2000.

_____. La Sociedad Indígena en la obra de Sahagún. In: LEÓN-PORTILLA, Miguel (coord.). **Bernardino de Sahagún Quinientos años de presencia**. México: UNAM-Instituto de Investigaciones Históricas, v. 1, n. 1, p. 95-116, 2002.

_____. **Las relaciones interétnicas en México**. México: UNAM, 2004.

_____. Chichimecas y toltecas en el Valle de México. **Estudios de cultura náhuatl**, México, v. 42, p. 19-50, 2011.

_____. **Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México**. 3. ed. México: UNAM, 2015.

_____. Hacia otra historia de América: nuevas miradas sobre el cambio cultural y las relaciones interétnicas. México: UNAM, 2015.

NEUNAM, Eduardo. **ANPLAC: Associação internacional de pesquisadores e professores de Histórias das Américas**, Trabalho na América espanhola: salário, servidão e escravidão, 2018. Disponible em: < <http://anplac.fflch.usp.br/trabalho-america-espanhola-apresentacao>>. Acesso em: 10 de Ag. de 2018.

ORIZ, Alberto. Los indígenas en el proceso colonial: leyes jurídicas y la esclavitud. Anuario del Centro de la Universidad Nacional de Educación a Distancia en Calatayud, **UNED**, Espanha, Ano 2015, n. 21, p. 189-206, 2016.

OROZCO Y BERRA, Manuel. Noticias de Tezozomoc y de sus escritos. Cronologia Mexicana. In:_____. **Códice Ramírez**. México: Imprenta y Litografía de Ireneo Paz, 1878.

RAMINELLI, Ronald. Nobreza indígena da Nova Espanha. Alianças e conquistas. **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 27, p. 68-71, jun./ jul. 2009.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROBERTSON, William. **The History of America**. Londres: W. Strahan, 1777.

ROMERO-GALVÁN, José Rubén. Los cronistas indígenas. In: CHANG-RODRÍGUEZ, Raquel (org.). **Historia de la literatura mexicana**. Argentina: Siglo XXI, 2002.

_____. Memoria, oralidad e historia en dos cronistas nahuas. **Estudios de cultura náhuatl**, UNAM, México, n. 38, p. 165-182, 2007.

ROSS, Kathleen. **The baroque narrative of Carlos de Sigüenza y Góngora**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ROSSELL, Cecilia. Estilo y escritura en la Historia tolteca chichimeca. **Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social**, México, v. 1, n. 22, p. 65-92, jul./ set., 2006.

RUS, Salvador. Carlos I de España y V de Alemania, un emperador europeo. **IESE**, Espanha, n. 57, maio./ jun., p. 1-4, 2010.

RUI, Adailson José. A utilização da história no decorrer da conquista da América. **Revista de Teoria da História**, UFG, v. 1, n. 30, p. 169-189, 2010.

SÁ, Eliane. Mestiço: entre a história, o mito e a utopia. Reflexões sobre a mestiçagem. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 4., 2000. Salvador. **Anais**. USP, 2000.

Disponível

em:

<

http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/eliane_garcindo_de_sa.pdf>.

Acesso em: 8 Ag.2018.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Metáforas históricas e realidades míticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SANTAMARINA NOVILLO, Carlos. El Acolhuacan bajo dominio tepaneca. Un capítulo de la expansión de Azcapotzalco. **Anales del Museo de América**, Madrid, n. 14, p. 9-26, 2006.

SILVA, Rodrigo Henrique Ferreira da. O modo de governar da Coroa Espanhola nas Índias: as “Leyes Nuevas” e a Segunda Escolástica na primeira metade do século XVI. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 11., 2014, Niterói, **Anais...** Niterói: ANPHLAC, 2014. Disponível em: <
<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Henrique%20Ferreira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 4 Ag. 2018.

SOBERANES FERNÁNDEZ, José Luis. **Los tribunales de la Nueva España**. México: Universidad Nacional Autónoma do México, 1980.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. **A mentalidade de cruzada na conquista de México Tenochtitlán**. 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas, UFSJ, Minas Gerais, 2010.

SOUZA, Thiago Bastos. **A “escrita Franciscana” dos Novos Mundos: crônicas e historiografia no século XVI**. 2016. 167f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, 2016.

SMIETNIANSKY, Silvina. De preeminencias, estilos y costumbres: rituales y poder en los cabildos coloniales. **Revista Colombiana de Antropología**, Colombia, colocar a cidade, v. 46, n.2, jul./ dez., p. 379-408, 2010.

- SUÁREZ ROMERO, Miguel Ángel. La situación del indio durante la conquista española en América. **Revista de la Facultad de Derecho de México**, UNAM, México, n. 242, p. 229-260, 2004.
- TENA, Rafael. La cronología de la tira de la peregrinación. **Estudios de cultura náhuatl**, UNAM, México, v.1, n. 40, p. 121-129, 2009.
- TOLKO, Justyna. Traje y atributos del poder en el mundo azteca: significados y funciones contextuales. **Anales del Museo de América**, Madrid, v. 14, n. 1, p. 61-88, 2006.
- TRANCOSO PÉREZ, Ramón. Cronistas indígenas novohispanos de origen nahua del siglo XVI y principios del XVII. In: BARAIBAR, Álvaro; CASTANY, Bernat; et. al. **Hombres de a pie y de a caballo: conquistadores, cronistas, misioneros en la América Colonial de los siglos XVI y XVII**. New York: IDEA; IGAS, 2013.
- VELAZCO, Salvador. Historiografía y etnicidad emergente en el México Colonial: Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozomoc. **Mesoamérica**, USA, v. 20, n. 38, p. 1-31, dez./jan., 1999.
- VOILA, Ana Isabel; SEARA, Isabel Roboredo. Da (des)construção da dedicatória: análise linguístico-textual. **Revsita da associação Portuguesa de linguística**, Universidade de Letras do Porto, Portugal ,n.1, v.10, p.791-815,2016.
- WHITTAKER, Gordon. The Identities of Fernando de Alva Ixtlilxochitl. In: BROKAW, Galen; LEE, Jongsoo; et al. **Fernando de Alva Ixtlilxochitl and his legacy**. Vol. 1. Tucson: The University of Arizona Press, 2016.
- XAVIER, Ângela Barreto; SANTOS, Catarina Madeira. Cultura intelectual das elites coloniais. **Cultura revista de História e Teoria das ideias**, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, v. 24, p. 9-33, 2007.

YSERN DE LA CALLE, Javier. Manuscritos americanos de la Biblioteca Histórica: Relaciones Históricas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Pecia Complutense**, Madrid, año 11, n. 20, p.16-21, jan. 2014.

ZAVALA, Silvo. Un tesoro de cultura regiomontana. In: REYES, Alfonso. **Homenaje a don Francisco Gamoneda**. México: Imprenta Universitaria, 1946.